



**ANTONIO JURACI  
SIQUEIRA**

**Universidade do Estado do Pará**

**Reitor**

*Clay Anderson Nunes Chagas*

**Vice-Reitor**

*Ilma Pastana Ferreira*

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação  
(PROPEP)**

*Jofre Jacob da Silva Freitas*

**Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)**

*Ednalvo Apostolo Campos*

**Pró-Reitora de Extensão (PROEX)**

*Vera Regina da Cunha Menezes Palácios*

**Pró-Reitor de Gestão e Planejamento (PROGESP)**

*Carlos José Capela Bispo*

**Diretor do Centro de Ciências Sociais e Educação  
(CCSE)**

*Anderson Madson Oliveira Maia*

**Coordenador da Editora da UEPA (EDUEPA)**

*Nilson Bezerra Neto*

**Líderes do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias  
Amazônicas (CUMA)**

*Dia Ermínia da Paixão Favacho*

*Nazaré Cristina Carvalho*

**Editoras da Revista**

*Dia Ermínia da Paixão Favacho*

*Josebel Akel Fares*

*Maria Roseli Sousa Santos*

**Editoras do V.11, N.20**

*Janete Borges*

*Ana Carvalho*

*Ivone Carvalho*

**Conselho Editorial**

*Mailson de Moraes Soares*

*Marcia Danielle Lobato*

*Marco Antônio da Costa Camelo*

*Nazaré Cristina Carvalho*

*Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos*

**Projeto Gráfico:**

*Jamile Freitas Machado*

*Maria Roseli Sousa Santos*

**Foto de capa dos brinquedos de miriti**

*Nazaré Cristina Carvalho.*

Fotos de Antonio Juraci Siqueira na canoa em Macapá no rio Cuieiras, do trapiche de seu irmão. Registro de sua sobrinha-neta Luiza.

**Equipe de revisão**

*Jessiléia Guimarães Eiró*

*André Monteiro Diniz*

*Delcia Pereira Pombo*

**Secretaria**

*Ana Maria de Carvalho*

**Comitê Científico**

Prof. Dr. Allison Marcos Leão da Silva, UEA, BR

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, UNB, BR

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza, UFCG, BR

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Christiane Stallaert, Universidade de Antuérpia, Universidade de Leuven, BE

Prof. Dr. Ernani Chaves, UFPA, BR

Prof. Dr. Frederico Garcia Fernandes, UEL, BR

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, UFPA, BR

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, PUCRS, BR

Prof. Dr. Mario César Silva Leite, UFMT, BR

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nádia Regina Barbosa da Silva, Universidade Católica de Petrópolis/ Prof<sup>ª</sup>. Da Universidade Estácio de Sá/RJ, BR

Prof. Dr. Roberto Vecchi, Universidade de Bolonha, IT

**Política Editorial.**

Sentidos da Cultura é um periódico semestral do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), que publica artigos, relatos de experiência, entrevistas, resenhas, no campo referente às linhas de pesquisa do Núcleo, ligadas às áreas de letras, linguística, artes, ciências humanas e sociais, incluindo educação/ensino, com contribuições de autores brasileiros e estrangeiros. A nomeação da revista Sentidos da Cultura é uma escolha originária de projetos do Núcleo, que objetivam promover espaços de disseminação de estudos, pesquisa e reflexão sobre a cultura, trocas de experiência e estímulo à produção intelectual. Cultura, eixo temático, é entendida como amálgama de elementos materiais ou imaginários construídos ou modificados por homens e mulheres que dão forma às sociedades. No CUMA, tentamos visibilizar essa pluralidade cultural na organização das linhas de pesquisa, composta de Audiovisual, Diversidade Linguística, Estudos em PLE/PLA (Português como Língua Estrangeira/ Língua Adicional); Memória e História, Ludicidade, Poéticas, Contadores de Histórias e ainda aberto para novas possibilidades. Na capa, a cada edição, trará um brinquedo de miriti, que representa a cultura ribeirinha materializada em forma de brinquedo, que tem como matéria prima o braço da palmeira do miritizeiro, cujo nome científico é *Mauritia flexuosa*. São canoas, barcos, pássaros, borboletas, cobras, elementos da fauna e da flora amazônica, cenas do cotidiano ribeirinho, que ganham forma nas mãos dos artesãos.

**Revista Sentidos da Cultura**

**Universidade do Estado do Pará/ Centro de Ciências Sociais e Educação**

Trav. Djalma Dutra, s/n, Bloco IV Telégrafo- Belém-PA.

CEP: 66.113-010

Fone: (91) 4009-9561.

Email: [sentidosdaculturarevista@gmail.com](mailto:sentidosdaculturarevista@gmail.com)

<https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos>

**Editora da Universidade do Estado do Pará**

Tv. Dom Pedro I, 519- Umarizal- CEP: 66.050-100- Belém-PA-Brasil

Fone/Fax: (91) 3222-5624- E-mail: [eduepa@gmail.com](mailto:eduepa@gmail.com)

[www.uepa.br/eduepa](http://www.uepa.br/eduepa)

**DOI - 10.31792/rsc.v11i20**

Semestral ISSN- Eletrônico: 2359-3105.

Revista Sentidos da Cultura/ Universidade do Estado do Pará.

**V.11, N.20. Belém: EDUEPA, jan./jul. 2024.**

## SUMÁRIO

### **4. Antonio Juraci Siqueira e Literatura de Cordel na Amazônia**

*Janete Borges*

*Ana Carvalho*

*Ivone Carvalho*

### **Dossiê**

### **7. O Cordel Paraense no contexto do século XXI**

*Arodinei Gaia de Sousa*

### **15. Das bordas para o centro: as contribuições de Cláudio Cardoso (1962-2020) para a literatura de cordel no Pará nas duas primeiras décadas do século XXI**

*Geraldo Menezes Neto*

### **33. A mitopoética da Cobra Grande no cordel de Antonio Juraci Siqueira**

*Danieli dos Santos Pimentel*

*Luiz Guilherme dos Santos Júnior*

### **43. Antonio Juraci Siqueira, um escritor plural juramentado**

*Paulo Maués Corrêa*

### **56. Antonio Juraci Siqueira, o poeta canoeiro**

*Josebel Akel Fares*

**68.** Entre versos e rimas de Juraci Siqueira: a formação de leitores  
*Ana Maria de Carvalho*

**79.** Antonio Juraci Siqueira: um canoeiro militante  
da Educação Sensível  
*Ivone Caldas Carvalho*

**97.** Antonio Juraci Siqueira: guardião da expressividade amazônica  
*Ana Paula de Jesus Freitas Braga*  
*Lane Maria Marques de Bastos*  
*Bárbara Márcia da Piedade da Silva*

**106.** Dona Domingas, a cordelista de Colares  
*Janete da Silva Borges*

## Antonio Juraci Siqueira e Literatura de Cordel na Amazônia

### QUANDO EU ME FLOR

*No dia quando eu me flor  
eu quero muita alegria  
muito samba e fantasia  
muito brilho e muita cor!*

*Quando eu me flor desta vida  
não quero choro e tristeza  
quero paz, quero a leveza  
de um sambista na avenida!*

*Quando eu me flor, afinal,  
eu quero a vida enfeitada  
muito algre e comparada  
a um dia de Carnaval!*

\*

Poema musicado -letra: Antonio Juraci Siqueira  
Melodia voz e violão de Giselle Griz.

Este número da revista Sentidos da Cultura faz uma justa homenagem a Antônio Juraci Siqueira, o filho do boto. Grande escritor paraense, Juraci tem uma carreira bem consolidada, ele transita por vários gêneros, entre eles a Literatura de Cordel, que é o outro tema deste número. Além de conhecer o que tem sido feito a partir das obras de Juraci Siqueira, conheceremos um pouco da história do cordel no Pará, sim, aqui tem cordelistas e estudos sobre a temática...

Vamos encontrar com D. Domingas, do município de Colares; Cláudio Cardoso e suas contribuições para a propagação do cordel no Pará; como está o cordel atualmente; Juraci sua mitopoética e sua pluralidade.

Ele é tão plural, que este ano de 2024 é o escritor homenageado da Feira Panamazônica do livro em sua 27ª edição. É um reconhecimento justo para quem contribui de maneira tão significativa com a produção literária no Pará.

Esperamos que a tua leitura seja como o remanso do rio e a brisa do vento, te fazendo mergulhar junto com o filho do boto pelas páginas de encantamento da Sentidos da Cultura...

Editoras

*Janete Borges*  
*Ana carvalho*  
*Ivone Carvalho*

## O CORDEL PARAENSE NO CONTEXTO DO SÉCULO XXI

## CORDEL PARAENSE EN EL CONTEXTO DEL SIGLO XXI

Arodinei Gaia de Sousa  
Belém/ Pará - Brasil

### Resumo

A literatura de Cordel é uma das artes que tão bem representa a cultura artística brasileira, pois apesar de seu embrião europeu, ela possui a cara e o corpo do poeta canarinho. Por muitos é conhecida como poesia popular e nas Universidades, muitos a veem como uma manifestação literária do mais refinado gosto. Romance, anedota, noticiário, causos populares, regionalismo, fábula, lenda, histórias e histórias das mais variadas temáticas são contadas no Cordel. E o Estado do Pará, que já exerceu, outrora, protagonismo nesse gênero literário, hoje ressurge, pelas mãos de novos poetas, como um ambiente de significativa produção de literatura cordelista.

**Palavras-chave:** Cordel, Pará, sec. XXI, história

### Resumen

La literatura de Cordel es una de las artes que mejor representa la cultura artística brasileña, porque a pesar de su embrión europeo, tiene el rostro y el cuerpo del poeta canario. Para muchos es conocida como poesía popular y en las Universidades muchos la ven como una manifestación literaria del gusto más refinado. En Cordel se cuentan romances, chistes, noticias, cuentos populares, regionalismos, fábulas, leyendas, cuentos e historias de la más variada temática. Y el Estado de Pará, que alguna vez tuvo un papel protagónico en este género literario, hoy resurge, de la mano de nuevos poetas, como ámbito de significativa producción de literatura cordelista.

**Palabras clave:** Palabras clave: Cordel, Pará, sec. XXI, historia

## Show Cordel e outras Cantorias



SESC Boulevard  
Belém/PA  
02/06/2023  
"Cordel e outras cantorias"

De simples livreto, ou poesia popular, o cordel passa a ser visto como uma obra difícil de ser produzida, pois obedece a um padrão rigoroso e bem definido que envolve os três pilares da escrita da literatura de cordel, a rima, a métrica e a oração. Portanto, a escrita cordelista, de maneira nenhuma, se resume a um simples versejar. O poeta cordelista é aquele com habilidade suficiente para desenvolver uma boa narrativa que contemple, ao mesmo tempo, um bom roteiro com riqueza poética, a beleza rítmica da rima e o rigor da métrica.

Grandes poetas do século passado como Leandro Gomes de Barros, Manoel D'Almeida filho, João Martins de Ataíde, Antônio Teodoro, Minelvino Francisco Silva, José Camelo de Melo, José Pacheco, entre outros, são lembrados como grandes expoentes da literatura cordelista e a eles é reservado o trono onde se sentam os melhores que já existiram, por isso são considerados, hoje, como autores clássicos do cordel.



Capas da Literatura Cordelista, autores clássicos do Cordel.

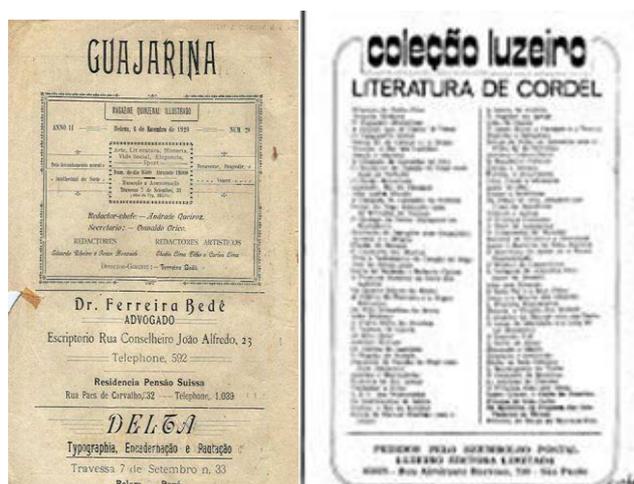
Fonte: Acervo do autor/2024.



Capas da Literatura Cordelista, autores contemporâneos  
 Fonte: Acervo do autor/2024.

O reconhecimento maior do cordel no país, veio no dia 19 de setembro de 2018, quando, merecidamente, ganhou do IPHAN, o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro por conta de seu valor histórico e cultural para o país. Foi uma data comemorativa para todos que vivem ou estão ligados à produção cordelista, entre eles, poetas, folheteiros, editoras, declamadores, xilógrafos, ilustradores, pesquisadores, apreciadores, etc.

O cordel já foi conhecido como um gênero literário característico do norte e nordeste brasileiro, principalmente do Nordeste, o que não deixa de ser verdade pelo seu nascedouro e pelos grandes poetas originários da região nordestina. Entretanto, o Brasil todo já foi consumidor e/ou construtor desta literatura, inclusive com grandes editoras fora do Nordeste como a Luzeiro, com sede em São Paulo, e a extinta Guajarina<sup>1</sup>, em Belém do Pará.



Literatura de Cordel da extinta Editora Guajarina e da Editora Luzeiro  
 Fonte: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/guajarina>

<sup>1</sup> Magazine ilustrado paraense, fundado em 1919 por Francisco Lopes. Importante veículo de comunicação, colaborou para o amadurecimento das transformações culturais da época. Peregrino Júnior, Osvaldo Orico, Bruno de Menezes, Adalcinda Camarão, Francisco Paulo Mendes e Machado Coelho, foram alguns nomes que colaboraram com a revista que teve vida até 1937 ( <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/guajarina/>)

A literatura de cordel já foi, no passado, um instrumento também de informação, pois muitos acontecimentos de repercussão nacional ou local eram noticiados pelos poetas através de suas rimas nos folhetos. Porém, com a difusão dos meios de comunicação que culminou com a era da informatização de massa, se pensou qual seria o destino do Cordel? Irá acompanhar a evolução ou será apenas lembrado como um “personagem” que ficou na história?

As primeiras décadas do século XXI trouxeram a resposta, quando o cenário da arte literária apresenta ao país grandes nomes de poetas cordelistas que estão nas cinco regiões brasileiras, embora o Nordeste continue sendo um palco recheado de grandes poetas e poetisas.

Com o avanço da tecnologia observa-se que a difusão da mídia digital, veio proporcionar o encontro e a união desses artistas dos versos e rimas, assim como potencializou a divulgação dos trabalhos nas redes sociais. Grupos de whatsapp e facebook colocam poetas de todo o Brasil em contato diário, o que antes era impensável. A partir daí grandes projetos coletivos surgem para fortalecer e ampliar o poder de alcance da poesia cordelista. Eventos literários, Feiras de Livros, Encontros de cordelistas regionais e nacionais, viraram rotina na vida do poeta. E o mais importante de tudo, o cordel chegou até às escolas. Em todo o país os poetas e poetisas são chamados para palestras, oficinas e eventos literários nas escolas onde falam do seu trabalho, apresentam ao público o que é o cordel e aproveitam para realizar venda dos livros. É o encontro do autor com o leitor.

O livreto que outrora era facilmente encontrado nas feiras municipais, hoje está nas redes sociais, em sites de venda da internet e principalmente nas escolas. A feira, que já foi ponto comum de venda dos livretos, hoje raramente o tem, porém, a divulgação por meio das mídias sociais se tornou uma parceira para que o Cordel continue presente na vida das pessoas alimentando o leitor.

Outro fator importante para esse crescimento e reconhecimento do gênero no país é o protagonismo das editoras que estão diretamente envolvidas com os escritores, promovendo trabalhos coletivos e individuais, facilitando e dando condições para que os escritores cordelistas possam publicar suas obras. Editoras como a Nordestina, Soslaio, Central do Cordel, Imprimatur, Isvá, Queima Bucha, Prosa e Verso, Cromos, etc., são exemplos de Editoras que vem publicando em parceria com autores, tornando cada vez mais usual as publicações independentes dos artistas.

A Editora Nordestina da Bahia, através de seu editor e poeta Zeca Pereira, é um exemplo da aproximação e encontro dos cordelistas através de projetos audaciosos que

conseguem reunir poetas e poetisas de todas as regiões do país. Foi assim que coletâneas nacionais como: “O baú do Medo” (2019), “Anuário dos Cordelistas” (2019), “Além do Cordel” (2017), “Cordelistas Contemporâneos” (2017), e outros foram organizados e publicados com a participação de um grande número de cordelistas brasileiros, inclusive os paraenses.



Marca da Nordestina Editora  
Fonte: <https://www.facebook.com/nordestinaeditora/>

A Editora Central do Cordel do poeta Ulisses Ângelo, também lançou alguns volumes coletivos, um exemplo foi o projeto da trilogia do “O Hospital Amaldiçoado” lançado em 2020 que teve participação, na impressão dos dois primeiros volumes, da baiana Nordestina do poeta Zeca Pereira e da paraense Imprimatur do poeta Francisco Mendes. Três paraenses (Niro Carper, Lusa Silva e AroDinei Gaia) estão nessa trilogia. A temática do terror chegou para agradar o leitor. Assim, os contos visagentos paraenses chegaram à literatura de Cordel.



Literatura de Cordel – Volumes coletivos  
Fonte: Acervo do autor/2024

A última façanha literária de Zeca Pereira foi a organização do “Dicionário Biobibliográfico dos Cordelistas Contemporâneos” volume 1, lançado em 2020. A referida obra é um marco para a literatura cordelista moderna, pois reúne a biografia de mais de duzentos poetas e poetisas. Um trabalho que vem ao encontro dos anseios de acadêmicos universitários e pesquisadores da temática.



Dicionário Biobibliográfico dos Cordelistas Contemporâneos  
Fonte: Acervo do autor/2024

Outro fator que vem se somar a isso é o surgimento de Academias e Associações Estaduais e Regionais de poetas cordelistas em todo o Brasil, que defendem o cordel juntamente com a Academia Nacional, a ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel).

No estado do Pará, nos últimos anos, vem ocorrendo um verdadeiro movimento do Cordel que culminou com a fundação, em 2018, da Academia Paraense de Literatura de Cordel que tem como patrono o escritor paraense Vicente Salles, um entusiasta e pesquisador do gênero. O movimento foi encampado por vários cordelistas sob a liderança do saudoso poeta Cláudio Cardoso, primeiro presidente da instituição, que foi levado pela pandemia do coronavírus. Academias literárias municipais pelo interior do Estado, também começaram a surgir, com a orientação do poeta João de Castro.



Cerimonia de instituição da Academia Paraense de Literatura de Cordel  
Fonte: Acervo do autor/2018

Esse alvorecer do movimento, ainda, originou o Encontro de Cordelistas da Amazônia, idealizado também pelo saudoso Vicente Salles que logo ganhou o apoio e parceria de Juraci Siqueira, posteriormente somados a outros como Cláudio Cardoso e João de Castro. O Encontro ganhou corpo e importância, e passou a fazer parte do calendário anual da renomada Feira Pan Amazônica do Livro. O evento que tem o propósito de debater a temática do Cordel, costuma trazer, de outros estados, poetas, palestrantes e estudiosos conhecedores do tema para, junto com os cordelistas paraenses mostrarem, para o público presente, o protagonismo do Cordel na história da literatura brasileira e sua importância no tempo presente.



Cartaz do Primeiro Festival do Livro de Castanhal  
Fonte: Acervo do Autor/2022

Portanto, o Pará, berço de nomes consagrados da literatura cordelista, como o poeta Juraci Siqueira, apresenta, no início desse século, novos nomes de notáveis poetas que vêm desenhando uma nova história, escrevendo, publicando, abordando temáticas regionais, realizando eventos literários e incentivando futuros cordelistas nas escolas. Desta forma, a literatura de cordel está presente nos quatro cantos do Estado do Pará.

Sobre a busca da temática regional pelos poetas paraenses, é fato que está se solidificando cada vez mais, inclusive a Academia Paraense de Cordelistas estará lançando no ano de 2024 a 3ª Antologia Cordéis do Norte com a temática “Amazônia”, iniciativa que vem ao encontro do grandioso evento mundial da COP 30, com sede na capital Belém.

Trabalhos de cunho acadêmico universitário e pesquisas de caráter científico, também vem se ampliando no país se debruçando no Cordel. São universitários concluintes de curso

de graduação, pós-graduação e pesquisadores que enveredam pela temática. Assim, surgem monografias, dissertações de mestrados e teses de doutorados sobre o gênero cordel.



O autor e Antonio Juraci  
Fonte: Acervo do autor/2018

Portanto, para quem um dia pensou que a difusão dos meios de comunicação de massa fosse apagar do mapa literário a figura do artista do cordel, se enganou, pois aconteceu exatamente o contrário, a literatura de cordel está mais viva do que nunca e fortalecida pela vontade de autores, editores, professores, simpatizantes, pesquisadores e, principalmente, pelo público leitor que, a bem da verdade, cada vez mais está crescendo em todas as regiões brasileiras e o Pará fulgura como um fértil terreno para produção e leitura do Cordel.

## Referências

AUTORES ASSOCIADOS. *Cordelistas Contemporâneos*: Coletânea 2017 – Gurupi/TO: Editora Veloso - Barreiras/BA: Nordestina Editora, 2017

ÂNGELO, Ulisses (Org.). *Hospital Amaldiçoado* (Autoria coletiva) – Santana/BA: Central do Cordel, 2020

CARDOSO, Cláudio (Org.). *I Antologia Cordéis do Norte*. Belém/Pa: Editora Cromos, 2019

Agência Pará. Em 2023, CIIR segue estimulando a leitura por meio do projeto 'Circulando Livro'. <https://www.agenciapara.com.br/noticia/40893/em-2023-ciir-segue-estimulando-a-leitura-por-meio-do-projeto-circulando-livro>. Consultado em 20 de maio 2024.

HAURÉLIO, Marco. *Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula* – São Paulo: Paulinas, 2013

SESC RIO. *Literatura de Cordel* – Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. <https://www.sescrio.org.br/noticias/cultura/literatura-de-cordel-patrimonio-cultural-imaterial-brasileiro/>. Consultado em 18 de maio 2024.

PEREIRA, Zeca (Org.). *O Baú do Medo* – Barreiras/BA: Nordestina Editora, 2019

PEREIRA, Zeca (Org.). *Cordelistas Contemporâneos: Coletânea 2022* – Barreiras/BA: Nordestina Editora, 2022

PEREIRA, Zeca (Org.). *Dicionário Biobibliográfico dos Cordelistas Contemporâneos* – Barreiras/BA: Nordestina Editora, 2020

PORONGA: repositório de Cordéis do Pará. <https://porongacordel.omeka.net/items/tags>. Consultado em 18 de maio de 2024

MENDES, Francisco (Org.). *II Antologia Cordéis do Norte*. Belém/Pa: Folheando, 2022

SALLES, Vicente. *Repente e Cordel: literatura popular em versos na Amazônia* – Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985

ROCHA, Julie (Agência Pará). *Imprensa Oficial do Estado vai imprimir a III Antologia Cordéis do Norte*. <https://www.agenciapara.com.br/noticia/46925/imprensa-oficial-do-estado-vai-imprimir-a-iii-antologia-cordeis-do-norte#>. Consultado em 05 de maio de 2024.

SOUSA, Arodinei Gaia de. *O Cordel e os Cordelistas no século XXI*. <https://blogmapinguari.blogspot.com/2021/03/o-cordel-e-os-cordelistas-no-seculo-xxi.html>. Consultado em 05 de maio de 2024

TOKARNIA, Mariana. *Agência Brasil. Literatura de Cordel é reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Consultado em 18 de maio de 2024

VIANA, Klévisson. *Os ofícios da poesia (Cordel na escola)* – São Paulo: Hedra, 2018

### **Sobre o autor:**

**Arodinei Gaia de Sousa.** Historiador, Escritor, Compositor, Poeta e Cordelista. Membro da Academia Paraense de Literatura de Cordel (APLC), Cadeira n° 13 e da Academia Paraense Literária Interiorana (APLI), cadeira número 18

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 30/07 /2024

**DAS BORDAS PARA O CENTRO: AS CONTRIBUIÇÕES DE CLÁUDIO  
CARDOSO (1962-2020) PARA A LITERATURA DE CORDEL NO PARÁ NAS  
DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI**

**FROM THE EDGES TO THE CENTER: THE CONTRIBUTIONS OF CLÁUDIO  
CARDOSO (1962-2020) TO CORDEL LITERATURE IN PARÁ IN THE FIRST TWO  
DECADES OF THE 21ST CENTURY**

Geraldo Menezes Neto  
Belém/Pará - Brasil

**Resumo**

Nas primeiras décadas do século XXI, a produção da literatura de cordel no Pará ganha um novo impulso com uma nova geração de poetas. Quem assume importante papel nesse contexto é Cláudio Cardoso Costa (1962-2020). Cardoso teve uma atuação importante em prol do cordel no Pará, sendo um dos criadores do “Encontro dos Cordelistas da Amazônia”, realizado anualmente na Feira Pan-Amazonica do Livro em Belém e um dos fundadores e presidente da Academia Paraense de Literatura de Cordel. Além disso publicou folhetos de crítica social, se apresentando como um porta-voz de denúncia contra as mazelas da cidade, seguindo uma tradição de poetas que se viam como representantes do povo e tinham a função de expor as angústias da sociedade. Desse modo, o artigo analisa a trajetória e produção de Cláudio Cardoso no cordel paraense.

**Palavras-chave:** Bordas; Literatura de cordel; Pará.

**Abstract**

In the first decades of the 21st century, the production of Brazilian cordel literature in Pará state gained new momentum with a new generation of poets. The person who plays an important role in this context is Cláudio Cardoso Costa (1962-2020). Cardoso played an important role in favor of cordel in Pará, being one of the creators of the “Encontro dos Cordelistas da Amazônia”, held annually at the Pan-Amazonian Book Fair in Belém and one of the founders and president of the Academia Paraense de Literatura de Cordel. Furthermore, he published booklets of social criticism, presenting himself as a spokesperson denouncing the city's ills, following a tradition of poets who saw themselves as representatives of the people and had the function of exposing society's anxieties. In this way, the article analyzes the trajectory and production of Cláudio Cardoso in the Pará cordel.

**Keywords:** Edges; Cordel Literature; Pará state.

## Introdução

“Se o cordel hoje em Belém tem esse poder, tem essa força, é graças ao Cláudio Cardoso.”  
(Mendes apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

A chamada literatura de cordel surge em seu formato impresso no Nordeste do Brasil no final do século XIX. O principal nome deste contexto é o do poeta Leandro Gomes de Barros (1865-1918), que viveu de sua produção, inicialmente na Paraíba, depois em Recife, sendo considerado o “pai da literatura de cordel”. Ao longo do século XX o cordel vai se expandir para as outras regiões do Brasil.

O cordel chega à Amazônia no final do século XIX e início do XX com a migração nordestina para a região, migração esta influenciada pelo auge da economia da borracha (1870-1910). Muitos nordestinos vão para os seringais para trabalhar como seringueiros na extração da borracha, outros permanecem nas capitais como Belém e Manaus. Segundo Vicente Salles, como essa migração nordestina criou um “mercado consumidor de poesia em potencial, a chamada literatura de cordel também se espalhou largamente.” (Salles, 1971, p. 95). Esse mercado consumidor em potencial vai estimular o Pará a ter uma editora própria de folhetos, a editora Guajarina, fundada no ano de 1914 pelo pernambucano Francisco Lopes. Salles considera a Guajarina como “o maior fenômeno editorial do Pará e seguramente um dos maiores do Brasil, no campo da literatura de cordel.” (Salles, 2000, p. 9).<sup>2</sup> A Guajarina vai ficar em atividade até o ano de 1949, concorrendo com as grandes editoras de folhetos do Nordeste, como a tipografia de João Martins de Athayde, no Recife.

Na segunda metade do século XX o cordel paraense se interioriza, com poetas produzindo de forma independente em cidades do nordeste paraense, como Castanhal e Santa Izabel do Pará, e no sul e sudeste do estado, em cidades como Marabá e Altamira. Temas como a construção da rodovia Transamazônica, o ouro da Serra Pelada e os conflitos agrários são abordados nos folhetos deste período. (Salles, 1985).

Assim, na virada para o século XXI, o cordel conta com uma rica trajetória no estado do Pará, com editoras e poetas demonstrando que na Amazônia também se produz e se lê

---

<sup>2</sup> Nesse momento surge o que Vicente Salles aponta como a “primeira geração” dos poetas paraenses que escreviam folhetos de cordel: Ernesto Vera, Dr. Mangerona-Assu, Apolinário de Sousa, Arinos de Belém e Zé Vicente. Com exceção de Apolinário de Sousa, todos os outros poetas utilizavam pseudônimos, o que é uma particularidade dos poetas paraenses, ao contrário dos poetas do Nordeste, que não recorriam a esse procedimento. Assim, Ernani Vieira era o pseudônimo de Ernesto Vera; Dr. Mangerona-Assu era o pseudônimo de Romeu Mariz; Arinos de Belém era o pseudônimo de José Esteves; e Zé Vicente era o pseudônimo de Lindolfo Mesquita. (Salles, 1985, p. 165).

literatura de cordel. No entanto, nesse novo contexto, uma nova história passa a ser contada em poesias e versos com uma nova geração de poetas. Um nome importante para se entender o contexto do cordel paraense nas duas primeiras décadas do século XXI é o de Cláudio Cardoso de Andrade Costa (1962-2020), também conhecido como Seu Cardoso. Poeta, editor, vendedor de folhetos, organizador de eventos e primeiro presidente da Academia Paraense de Literatura de Cordel (APLC), não é possível falar do cordel paraense nessas primeiras décadas do século XXI sem falarmos nele.

O objetivo do presente artigo é analisar as contribuições de Cláudio Cardoso para a literatura de cordel no estado do Pará. Entendemos que essa contribuição pode ser visualizada a partir de dois vieses: o primeiro, destacando a sua atuação como agente mobilizador para que o cordel e os poetas pudessem ganhar um espaço nos eventos literários no estado, o que denominamos de trazer o cordel “das bordas” para o “centro”; em segundo lugar, destacamos que, mesmo tendo produzido poucos folhetos em sua trajetória, Cláudio Cardoso assumiu um papel de “porta-voz” do povo, denunciando o abandono da cidade de Belém pela prefeitura, dando assim uma continuidade na tradição de poetas no Pará que em seus folhetos abordam os “últimos acontecimentos” e fazem uma crítica social.

### **A literatura de cordel no Pará nas duas primeiras décadas do século XXI e a atuação de Cláudio Cardoso**

No início do século XXI surge uma nova geração de poetas de cordel no estado do Pará. Alguns deles já produziam folhetos em anos anteriores, mas intensificaram a sua produção a partir dos anos 2000. Podemos citar nomes como Antônio Juraci Siqueira, Apolo de Caratateua, João de Castro, Ubiracy Conceição, Ducarmo Souza, Manoel Ilson Feitosa, Paulo Melo, João Bahia, Francisco Mendes, Arodinei Gaia, Mário Zumba, dentre outros. Uma característica é que boa parte desses poetas só passou a produzir cordel em idade mais madura. Um exemplo disso é o poeta Apolo Monteiro Barros, conhecido como Apolo de Caratateua, pernambucano radicado no Pará, que começou a escrever cordel somente por volta dos 50 anos de idade, frequentando oficinas de cordel que ensinavam as técnicas poéticas desta literatura.<sup>3</sup> Outra característica é que a maior parte da produção destes poetas se dá de forma independente, em pequenas editoras, ou seja, os próprios poetas arcam com os custos da impressão do folheto.

---

<sup>3</sup> Informações obtidas junto ao poeta, a partir de várias conversas que tivemos em eventos como a Feira Pan-Amazônica do Livro.

Um nome que não produziu tantos folhetos em termos quantitativos, mas possui uma importância enorme no contexto da literatura de cordel paraense nesse momento é Cláudio Cardoso de Augusto Costa (1962-2020). Em que pese os vários problemas de saúde que tinha e o fato de nos últimos anos ter que se locomover por meio de cadeira de rodas, nada disso impediu que Cardoso fosse o principal mobilizador dos poetas na produção e divulgação de suas obras, além do fato de por meio de sua atuação proporcionar um espaço cativo para o cordel paraense em eventos literários.



Cláudio Cardoso (1962-2020)

Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/cultura-paraense-perde-poeta-escritor-e-militante-cultural-claudio-cardoso-para-a-covid-19-1.267643> Acesso em: 09 mai. 2024.

Cláudio Cardoso nasceu em Belém do Pará no ano de 1962. Viveu nos bairros do Marco, da Pedreira e no distrito de Icoaraci. Segundo relata seu filho Caio Cezar Soares, no documentário *No jardim do Seu Cardoso*<sup>4</sup>, desde cedo Cláudio se interessou pela leitura, inicialmente por histórias em quadrinhos. Mais tarde, devido às dificuldades financeiras, chegou a morar na Guiana Francesa. Após adquirir alguns recursos, voltou para Belém e começou a trabalhar com serigrafia, fazendo estampas de camisetas, pinturas de faixas e de fachadas de estabelecimentos comerciais. Devido a um acidente de moto ficou por quase três anos acamado. Foi nesse período que começou a escrever. Passou a participar de alguns saraus na cidade de Belém e resolveu produzir seu primeiro livro, chamado *Simbiose*, um livro de poesias publicado de forma independente em 2006, com uma tiragem de 30 exemplares. (No Jardim do Seu Cardoso, 2021a).

---

<sup>4</sup> *No jardim do Seu Cardoso* é uma *websérie* documental de quatro episódios produzido em 2021 sobre a vida e a obra de Cláudio Cardoso, destacando suas contribuições para a literatura paraense, principalmente a literatura de cordel. Conta com vários depoimentos de familiares e amigos, dentre eles poetas e escritores. Foi um Projeto contemplado no Edital de Multilinguagens da Lei Aldir Blanc SECULT / PA, com a direção do seu filho, Caio Cezar Soares. Os quatro episódios estão disponíveis no *Youtube*. (No Jardim do Seu Cardoso, 2021a; 2021b).

Outros autores ao verem o livro de Cláudio se interessaram e começaram a solicitar a ele que também fizesse a publicação de suas obras. Cardoso passou então a produzir livros de vários autores, dentre eles Francisco Mendes e Mário Zumba. Com essa demanda, criou a editora Cromos, uma editora de livros artesanais e de pequenas tiragens. Todo o trabalho era realizado na própria casa de Cláudio Cardoso, que tinha o apoio de seus filhos na atividade. Seu filho Caio Cezar Soares relata que Cláudio se envolvia no processo todo, acompanhando desde o processo de escrita até o dia do lançamento da obra. Mais tarde, Cardoso também participou das antologias “Poesias reunidas pelos mortais da vida”, organizada pelo Clube do Escritor Paraense, “Poesia do Brasil” – Volume 6 e “Poeta, Mostra a tua Cara”, volume 5, publicadas pelo Congresso Brasileiro de Poesia. Além de *Simbiose*, outros livros como *Filha do Oriente*, e *Sina Nordestina*. (Medeiros, 2017).

Em 2008, Cláudio Cardoso foi convidado para assumir um cargo na Fundação Curro Velho<sup>5</sup> com o objetivo de estimular a produção de eventos literários no estado. (No Jardim do Seu Cardoso, 2021a). Essa experiência foi importante porque nela Cardoso passou a ter contato com agentes culturais do governo do Pará que atuavam na produção de eventos culturais e literários. Assim, a partir de 2011 ele se torna responsável pela organização do “Estande dos Escritores Paraenses” na Feira Pan-Amazônica do Livro.

Cláudio Cardoso teve importante participação na Feira Pan-Amazônica do Livro, evento literário que ocorre todos os anos na cidade de Belém do Pará, atraindo milhares de visitantes.<sup>6</sup> Cardoso foi coordenador por vários anos do “Estande dos Escritores Paraenses”, espaço dentro da Feira voltado para a divulgação das obras dos autores regionais, inclusive de literatura de cordel. Neste espaço havia lançamento de livros de diversos gêneros e bate-papo com os autores. Assim, o Estande era um espaço de intensa circulação de escritores regionais

---

<sup>5</sup> O Núcleo de Oficinas Curro Velho, voltado prioritariamente para um público de estudantes de escola pública, populações de baixa renda e comunidades tradicionais – quilombolas, indígenas, e ribeirinhas, alcança um atendimento médio de 12.500 pessoas/ano, dispondo de vários espaços, tais como: a Biblioteca “Carmen Souza”, a Praça da Beira, um teatro de arena e uma lojinha de produtos oriundos das oficinas. Mantém um ciclo de oficinas de iniciação em arte e ofício em diferentes linguagens – artes visuais, música, artes cênicas, e cursos de capacitação no Núcleo de Práticas de Ofício e Produção, possibilitando qualificar jovens e adultos para oportunidades de emprego e renda. Além disso, uma diversificada programação cultural mediante a realização de espetáculos cênicos e musicais, exposições, palestras, rodas de conversa e debates, compõe um calendário com atividades de culminância a cada final de módulo e, em especial, em três grandes momentos de diálogo mais intensivo com a comunidade em geral, quais sejam os referentes aos ciclos do Carnaval, das Festividades Juninas e do Natal. Disponível em: <https://www.fcp.pa.gov.br/currovelho/institucional> Acesso em: 15 abr. 2024.

<sup>6</sup> A primeira edição da feira ocorreu em 1996, no espaço do Centur. Atualmente, ocorre no Hangar Centro de Convenções da Amazônia. Tem como finalidade promover a divulgação do livro enquanto instrumento pedagógico, educativo e informativo, fomentado um processo de mudança cultural. Além disso, tem o objetivo de oportunizar aos estudantes, pesquisadores, professores e a sociedade paraense em geral o conhecimento e aquisição dos mais modernos lançamentos e títulos da literatura e incentivar e fomentar o mercado editorial e livreiro do país. A Feira envolve ações ao longo do ano e culmina com o evento principal no período de maio a junho. Ver: Feira Pan-Amazônica do Livro. Disponível em: <http://setur.pa.gov.br/feira-pan-amazonica-do-livro> Acesso em: 25 mar. 2024.

e de leitores, o que fez Cardoso adquirir uma grande bagagem no espaço literário paraense, se tornando conhecido e possibilitar o surgimento de novos escritores, proporcionando que suas obras pudessem ter um espaço de divulgação importante.

Paralela à coordenação do Estande dos Escritores Paraenses, outra atuação importante de Cardoso na divulgação da literatura paraense, incluindo o cordel, se deu por meio da Banca do Escritor Paraense, uma barraca em que o poeta e sua esposa vendiam obras literárias aos domingos na Praça da República, em Belém. Era também um ponto de encontro dos poetas e deles com seus leitores, uma troca de experiências e aprendizagens. Cardoso, em entrevista à jornalista Luciana Medeiros, do blog *Holofote Virtual*, assim resume a importância da Banca:

A banca, segundo o cronista Raimundo Sodré, é nosso posto avançado, fora do evento literário anual da Pan-Amazônica e salões de livros. É uma forma de ter o livro, o escritor e muitos contatos todos os domingos na democrática Praça da República. Alguns lançamentos já aconteceram naquele espaço de um metro quadrado, que já existe há quatro anos e se tornou ponto de encontro de quem se interessa pela literatura Paraoara. (Cardoso apud Medeiros, 2017).



Cláudio Cardoso na Banca dos Escritores Paraenses (Medeiros, 2017).

## O “Encontro de Cordelistas da Amazônia” e a criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel

Ainda dentro da Feira Pan-Amazônica do Livro, destacamos aqui a iniciativa de Cláudio Cardoso, junto com outros poetas, de criar o “Encontro de Cordelistas da Amazônia”. Realizado desde 2011, este Encontro é feito tradicionalmente no penúltimo dia da Feira, em um sábado pela manhã, com palestras e declamações dos poetas. Geralmente a mesa de discussão era composta por Cardoso, João de Castro e Juraci Siqueira. Além deles, todos os anos o Encontro traz algum convidado. Na Feira Pan-Amazônica de 2017, por exemplo, o convidado foi o cantor Moraes Moreira, que lançou o livro *Poeta não tem idade*, com poesias de cordel. Este Encontro ocorreu de forma ininterrupta até o ano de 2019, já que em 2020 a

Feira Pan-Amazônica do Livro não foi realizada devido as restrições da pandemia da covid-19, com o Encontro voltando ao formato normal apenas em 2022. Infelizmente o Encontro de Cordelistas da Amazônia de 2019 também foi o último que teve a participação de Cláudio Cardoso, que faleceu aos 58 anos de idade em 2020 durante a pandemia da covid-19.<sup>7</sup>



Cláudio Cardoso no Encontro de Cordelistas da Amazônia em 2019  
Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/14715/> \_Acesso em: 09 mai. 2024

A trajetória do “Encontro de Cordelistas da Amazônia” é narrada no folheto *Cordeis e Cordelistas* (Cardoso; Zumba, s/d), que trazia também a poesia “Memorial Encontro de Cordelista”, produzido por Cardoso e pelo poeta Mário Zumba. Os poetas nos explicam que a ideia para a criação do Encontro se deu a partir de uma sugestão do pesquisador Vicente Salles, durante a realização de uma Feira do Livro, como forma de dar mais visibilidade à literatura de cordel paraense. Cardoso e Zumba assim explicam o processo:

Começou essa babel  
A pedido de um bamba  
Que viu qu’isso dava samba  
Ou melhor dava cordel  
Mestre Salles pegou gosto  
Isso foi um mês de agosto  
E botaram no papel.

Juntaram-se os poetas  
Na feira lá do Hangar  
Resolveram começar

---

<sup>7</sup> A esposa de Cláudio, Darah Cardoso, fez uma carta em homenagem ao esposo. Ver: “Meu companheiro tinha sede de viver e só uma condição: dizia que eu estava proibida de morrer antes dele”. El País. 09 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-09/meu-companheiro-tinha-sede-de-viver-e-so-uma-condicao-dizia-que-eu-estava-proibida-de-morrer-antes-dele.html> Acesso em: 12 abr. 2024.

Expuseram suas metas  
De resgatar o passado  
Buscar novo aprendizado  
Fazer novas descobertas. (Cardoso; Zumba, s/d, p. 5).

Após relatarem os convidados do Encontro a cada ano, como José Guilherme Fernandes, João de Jesus Paes Loureiro, Antônio Abreu, Aderaldo Luciano, Izaias Gomes de Assis, Chico Pedrosa e Lourival, além dos alunos da cidade de Ourém, Seu Cardoso e Zumba encerram o folheto mandando um abraço aos leitores.

A criação do Encontro de Cordelistas dentro da Feira Pan-Amazônica do Livro foi fundamental para o cordel produzido no Pará ganhar espaço de divulgação. Além da divulgação em si dos poetas e seus folhetos, este espaço é importante para se estabelecerem parcerias e estimular o interesse de novos leitores e pesquisadores. Não por acaso, uma das ações que ocorrem todos os anos é a de convidar alunos de escolas públicas para que conheçam os poetas e sua produção.

O Encontro de Cordelistas também é importante para que se tenha o reconhecimento do cordel como uma forma de literatura que também merece ter o seu espaço. Nesse ponto, a atuação de Cláudio Cardoso foi fundamental como articulador da realização dos encontros, providenciando o convite aos convidados de cada ano. O poeta cordelista Apolo de Caratateua, em depoimento no documentário *No jardim do Seu Cardoso* assim resume a atuação de Cardoso:

A articulação do Cláudio era muito intensa. Inclusive ele trouxe um senhor que era historiador de cordel de Portugal, seu eu não me engano o nome dele é Antônio [Abreu]. A gente se encontrou no Ver-o-Peso, a gente tomou um açaí lá e foi quando até que eu soube que o cordel não tem mais essa intensidade, o cordel tá mais intenso aqui que no Portugal, que lá que foi o lançamento do cordel. (Caratateua apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

Por fim, consolidando a sua atuação no cordel paraense, Cláudio Cardoso idealizou a criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel (APLC). A APLC foi fundada em 9 de janeiro de 2018, tendo Cláudio Cardoso como o seu primeiro presidente e o poeta Francisco Mendes com o cargo de vice-presidente. Inspirada na Academia Brasileira de Letras, a função da academia era reunir os poetas de cordel do Pará, estimular a produção de cordel e difundir a cultura da literatura de cordel, principalmente nas escolas. A APLC ganhou um símbolo que representava a cultura paraense e cada membro “imortal” passou a utilizar uma farda especial.



Símbolo da Academia Paraense de Literatura de Cordel. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=511738429444497&set=ecnf.100071909891942&locale=ptBR>

Acesso em: 09 mai. 2024.

Apolo de Caratateua reforça o papel de Cardoso na criação da APLC:

E o Cláudio era muito ligado nessa questão e teve essa ideia de fazer a Academia Paraense de Literatura de Cordel, foi ele o idealizador e fez acontecer. Hoje eu me tornei participante porque eu fiquei com a cadeira número quatro. O patrono é Antônio Tavernard. Mas fizemos com muito trabalho, houve o lançamento, fizemos a nossa toga, todo alinhado, muito bacana. (Caratateua apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

A ideia para a criação da Academia surgiu durante as várias edições do Encontro de Cordelistas, como aponta Francisco Mendes:

Esse [Cláudio Cardoso] foi um lutador, um batalhador incessante pra cultura do cordel, pra gente ter o cordel como o cordel é hoje. Hoje a gente já tem acesso às escolas, universidades. A gente tem feiras, organizamos a academia. E a academia se formou referente a esse encontro, tanto é que aqui ele [Cláudio Cardoso] falou: “não, mas a gente precisa se juntar, a gente precisa se unir, a gente precisa formar uma academia. (Mendes apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

O poeta Antônio Juraci Siqueira também relaciona a criação da APLC com as edições do Encontro de Cordelistas: “Foi aí que começou justamente a semente pra criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel. Justamente porque começou a vir cordelistas de várias partes do Pará.” (Siqueira apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b). O poeta Hugo Caetano aponta a importância de Cardoso relacionando com a história da literatura de cordel no Pará:

O Cláudio foi o cara que construiu esse encontro e mudou a cena de cordel. Eu fico feliz de estar tão próximo dele assim porque a gente trocava muito assim [ideias]. Ele falava que queria formar um público leitor de cordel, ele queria fazer. E aí eu tinha estudado na FIBRA [Faculdade Integrada Brasil Amazônia], fazia História, eu tinha tido um orientador que estudava cordel que era o Geraldo, Geraldo [Magella

de Menezes] Neto [pesquisador do cordel paraense], e a aí eles acabaram se aproximando numa feira, eles se aproximaram, o Cláudio e o Geraldo, aí que o Cláudio vai focar mais na questão da academia, de resgatar mesmo o cordel, que tem a história da editora Guajarina, toda a história da cena de cordel em Belém, que no século XX a gente teve a segunda maior editora de cordel do Brasil até a década de 50. E eu acho que a cena do cordel volta novamente forte já com o Cláudio Cardoso e o Encontro de Cordelistas da Amazônia e depois com a criação da Academia de Cordel, que ele vai interiorizar a Banca do Escritor Paraense, ele vai interiorizar também a literatura de cordel, tem muitos cordelistas no interior. (Caetano apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

Além da busca pela institucionalização do cordel paraense, Cláudio Cardoso também foi reconhecido pelos seus pares como um grande incentivador da produção de cordel, editando vários folhetos de poetas paraenses na sua editora artesanal Cromos. Apolo de Caratateua relata que Cardoso “estimulava as pessoas que estavam querendo fazer cordel, que estavam querendo fazer alguma coisa, ele sempre estimulava para a pessoa desenvolver o trabalho. Isso foi muito bom e o Cláudio deixou esse legado” (Caratateua apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

Esse incentivo também era demonstrado com a preocupação com o rigor da métrica da poesia de cordel, ou seja, antes de publicar o folheto, Cardoso se preocupava em fazer uma revisão das estrofes e dos versos do poeta para verificar se estava seguindo as normas poéticas da literatura de cordel. Para este trabalho, convidou o poeta Mário Zumba, que se tornou uma espécie de revisor dos folhetos que a editora de Cardoso publicava, conforme relato do próprio Zumba:

O Cláudio quando ia publicar algum cordel de algum outro poeta ele me mandava. Se o cara não permitisse, mas ele me mandava no *e-mail* em silêncio. “Zumba, dá uma olhada no cordel, dá uma olhada nessa rima, nessa métrica, vê como é que tá, ajeita alguma coisa se estiver fora”. Sempre tinha alguma coisa fora da métrica, eu ajeitava, ele também com jeito ia com o autor e explicava, as pessoas sempre aceitavam. Quando houve o *boom* assim do cordel, dele lançar vários livros, eu fiquei sendo o corretor oficial da métrica. (Zumba apud No Jardim do Seu Cardoso, 2021b).

Como podemos perceber, Cláudio Cardoso assumiu várias funções no âmbito da produção e divulgação da literatura de cordel no Pará. Além de ser autor, o que será comentado no próximo tópico deste artigo, podemos identificar Cardoso como editor, revisor e vendedor de folhetos, em suma, uma espécie de “intermediário” na circulação dos folhetos. O termo “intermediário” da literatura é utilizado aqui baseado nas pesquisas de Robert Darnton sobre a produção de livros na França do século XVIII. (Darnton, 1990). Os intermediários foram personagens importantes no sistema que fazia o livro chegar até o leitor. Contudo, “a maioria das pessoas que fizeram funcionar esse sistema desapareceu da história literária.” Assim, os historiadores “poderiam ampliar sua concepção, de modo a incluir algumas figuras pouco

familiares – trapeiros, fabricantes de papel, tipógrafos, carroceiros, livreiros, e até leitores.” (Darnton, 1990, p. 132).

Nessa perspectiva, Cláudio Cardoso foi um importante agente que possibilitou que os folhetos de cordel dos poetas paraenses chegassem aos leitores do Pará nas duas primeiras décadas do século XXI. Seja na Feira Pan-Amazônica do Livro ou na sua Banca do Escritor Paraense, estes folhetos ganharam um espaço de divulgação e um ponto de contato entre autores e leitores. Mais do que isso, contribuiu para o reconhecimento do cordel em um espaço no principal evento literário no Pará, que é a Feira Pan-Amazônica do Livro, com o Encontro de Cordelistas da Amazônia e a criação da APLC.

Entendemos que as ações de Cardoso foram fundamentais para trazer a literatura de cordel das “bordas” para o centro. Segundo Jerusa Pires Ferreira, a ideia de cultura das bordas foi sendo construída “a partir da consideração de espaços não canônicos, trazendo para o centro da observação, os chamados periféricos, privilegiando segmentos não institucionalizados.” (Ferreira, 2010, p. 11). A cultura das bordas pode ser um “contracânone”, “a deslocação permanente do que passa a ser considerado.” (Ferreira, 2010, p. 11). A ideia das bordas foi ainda para tentar dizer que, em espaços não consagrados do mundo urbano, se desenrola toda uma cultura que absorve e é absorvida, criando regiões imantadas que nos permitem pensar em temas, autores, textos a pedir sempre novos parâmetros de avaliação, em regime de movimento e descoberta. (Ferreira, 2010, pp. 12-13).

A ideia de cultura das bordas não se trata de um conceito de cultura estanque, cristalizada, mas uma cultura dinâmica, em movimento, em várias formas de relação e circulação, daí a nossa interpretação de que a trajetória de Cláudio Cardoso se relaciona a essa ideia. Pois a sua atuação no evento que representa o centro do cânone literário paraense, que é a Feira Pan-Amazônica, representa várias estratégias de trazer reconhecimento a uma cultura que hoje já não pode ser descrita meramente como “popular” ou folclórica”, conceitos importantes, mas que dependendo de quem o utiliza pode classificar, estigmatizar ou trazer um aspecto de exotismo que acaba muitas vezes por inferiorizar o cordel frente a outros gêneros literários. Nesse olhar, Ferreira indica que “não se tratava e nem se trata ainda de referir tão somente ao mundo periférico, mas de perceber a maneira pela qual a cultura se processa nesse mar de possíveis, fazendo circular segmentos e estratos, os mais diversos, em permanente relação.” (Ferreira, 2014, p. 141).

Frederico Fernandes observa que a cultura de bordas trata-se de uma cultura contígua à grande indústria de massas, não se definindo plenamente com o *folk*, mas mantendo com ele evidentes relações de trocas. A cultura das bordas dirige-se a públicos moventes nas grandes cidades, tem no espaço urbano contemporâneo o entroncamento privilegiado de

temporalidades, modos de vida e campos de interesse variados. (Fernandes, 2016, p. 216). Valéria Guimarães destaca a singularidade da literatura de cordel, sua produção e consumo, como uma produção que exemplifica melhor a ideia de cultura das bordas, difundida inicialmente por Jerusa Ferreira, sendo uma operação de apropriação da produção letrada externa às instituições oficiais, de matriz oral e de resposta a uma demanda já existente do mercado editorial voltado ao consumo da maioria, uma “tramoia”, um rearranjo que torna comercializável o que antes se apresentava esquecido, desgastado ou marginal. Ou melhor, das bordas. (Guimarães, 2022, p. 35).

Além de trazer o cordel paraense das “bordas” para o “centro”, Cardoso também deu sua contribuição como autor de folhetos. Destacaremos a seguir sua produção, especialmente os folhetos relacionados a crítica social.

### **O poeta Seu Cardoso**

Como dissemos anteriormente, Cláudio Cardoso, assim como outros poetas paraenses do século XXI, passou a escrever cordel já em uma idade mais madura. Segundo informações presentes nas quartas-capas de seus folhetos, Cardoso teve contato com o cordel a partir das obras do poeta Jessier Quirino. Não sabemos a data exata de quando isso ocorreu, os folhetos informam vagamente que ele “aventura-se pelo cordel como declamador, uns oito anos.” (Cardoso, s/da; Cardoso, s/db; Cardoso; Zumba, s/d). Como os folhetos de Cardoso não registram a data de publicação, podemos supor que esse contato do poeta com a literatura de cordel se iniciou no final dos anos 2000 e início da década de 2010.

Dessa maneira, a produção do poeta na literatura de cordel se deu num espaço de poucos anos, no máximo em uma década, haja vista que ele faleceu no ano de 2020, o que fez com que ele tivesse publicado poucos folhetos. Em 2017, na mencionada entrevista ao portal “Holofote Virtual”, ele afirmou que publicou naquele ano “oito livretos dos mais variados assuntos, sempre primando pelo humor e pela crítica social.” (Cardoso apud Medeiros, 2017). Em seus folhetos, Cláudio Cardoso se apresentava como “Seu Cardoso”, talvez uma forma de relacionar o modo como era conhecido na oralidade e facilitar a identificação pelos leitores.

Na quarta-capa de *Belém dos Tapumes* podemos identificar alguns títulos de folhetos de Cardoso:

#### **Outras obras do autor:**

- Entre a farsa e a trapaça no reino da Zenaldolândia
- A Peleja (co-autoria com Mário Zumba)
- O Rasga Moeda
- Cordeis & Cordelistas
- Eu falo brasileiro
- Ode ao Xiri relampeando. (Cardoso, s/db).

Pelo que podemos perceber nos títulos, Seu Cardoso escreveu sobre temas diversos, desde folhetos de crítica social, de pelegas e de histórias de humor. Seus dois folhetos de crítica social, em que se posiciona contra as ações e omissões da prefeitura de Belém são *Entre a farsa & a trapaça no reino da Zenaldolândia* (Cardoso, s/db) e *Belém dos tapumes* (Cardoso, s/da). Os dois folhetos não indicam a data de publicação, mas acreditamos que eles são do ano de 2017, levando em conta a entrevista de Cardoso ao portal “Holofote Virtual” e também pelo fato de se ter referências nos folhetos à reeleição do prefeito Zenaldo Coutinho, o que ocorreu em 2016.

### A crítica social nos folhetos de Seu Cardoso

No folheto *Entre a farsa & a trapaça no reino da Zenaldolândia*, Seu Cardoso faz uma crítica ao governo do prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho (2013-2020), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) por conta do abandono da capital paraense. O poeta compara o governo do prefeito à uma “Disneylândia”, ou seja, um “país de faz de conta”, denominado pelo poeta de “reino da Zenaldolândia”. A capa deste folheto é uma sátira humorística, com uma caricatura do prefeito, retratado como uma criança com uma coroa de rei, sentando no trono acompanhado de ursinhos de pelúcia e chupetas.



Capa do folheto *Entre a farsa & a trapaça no reino da Zenaldolândia* (Cardoso, s/db).

A característica desse governo “de faz de conta” é a farsa e as várias promessas que o prefeito fazia:

E o rei só prometia  
Que tudo vai melhorar  
E a vida abrandar  
Com o fim da agonia  
E o povo acreditava  
O rei se perpetuava  
No poder com alegria. (Cardoso, s/db, p. 2).

Seu Cardoso aponta que o governo da “Zenaldolândia” era sustentado pela distribuição de cargos públicos de livre nomeação, os chamados “DAS” (Diretoria de Assessoramento Superior), que aceitavam tudo o que o governo fazia em troca de benesses. Outro meio de sustentação do governo indicado pelo cordelista é a compra de juízes e desembargadores, o que impedia uma investigação sobre as irregularidades do prefeito:

Montou logo sua corte  
Toda sorte de pidão  
Todos estendo[sic] a mão  
Era um caso de morte  
Eram os tais dos DAS  
Todos querendo benesse  
Roubalheira de toda sorte. (Cardoso, s/db, p. 2).

O dinheiro compra tudo  
Juiz e desembargador  
Olhe bem aqui doutor  
Eu não sou um linguarudo  
É o jogo do poder  
Tô falando pode crê  
Do Brasil, é mal agudo. (Cardoso, s/db, p. 3).

Toda a farsa montada pelo prefeito na “Zenaldolândia” na verdade esconde uma realidade bastante diferente na cidade de Belém. Seu Cardoso aponta as obras do BRT, de pistas para circulação rápida do transporte público, “que nunca se terminava”; a periferia que “na pobreza se jazia”; a “violência sem controle”. (Cardoso, s/d, pp. 2-7). Apesar de isso tudo ser responsabilidade das “maldades” do prefeito, o poeta também atribui uma responsabilidade desta situação à população de Belém, que mesmo sabendo dos problemas na cidade, reelegeu Zenaldo Coutinho para mais quatro anos de mandato<sup>8</sup>:

Nessa terra de bonança  
Onde o pobre eleitor  
Paga o pato com louvor  
Sonha e tem esperança  
Mas escolhe o errado

Não se informa o coitado  
E acaba na lambança. (Cardoso, s/db, p. 4).

Como poeta eu penso  
Que tudo isso merecemos  
Pois bem rápido esquecemos  
Daquele desvio tenso  
Falcatruas do passado  
Casos que foi abafado  
Deu em nada, foi suspenso. (Cardoso, s/db, p. 5).  
Quatro anos mais ganhamos

---

<sup>8</sup> Zenaldo Coutinho foi reeleito nas eleições municipais de 2016, com 52,33% dos votos, contra 47,67% dos votos do candidato Edmilson Rodrigues, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Ver “Zenaldo Coutinho, do PSDB, é reeleito prefeito de Belém.” G1 PA. 30 out. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/eleicoes/2016/noticia/2016/10/zenaldo-coutinho-do-psdb-e-reeleito-prefeito-de-belem.html> Acesso em: 10 abr. 2024.

Pelo voto mal pensado  
Por não saber os coitados  
O quê fora nos jogamos  
Sempre uma oportunidade  
De mudar essa Cidade  
Outra vez nós nos ferramos. (Cardoso, s/db, p. 7).

As críticas ao poder público no governo de Zenaldo Coutinho são novamente retomadas no folheto *Belém dos tapumes*. A capa deste folheto traz uma fotografia do Bar do Parque, localizado na Praça da República em Belém, cercado por tapumes durante a sua reforma.



Capa do folheto *Belém dos tapumes*  
(Cardoso, s/da).

O poeta demonstra lamento pela situação da cidade de Belém, descrevendo a cidade como “arrasada”:

Minha cidade adorada  
Tão cantada e festeira  
Vou contar-te por inteira  
Nessa rima elaborada  
Um local que tudo teve  
E esse cordel descreve  
A cidade arrasada. (Cardoso, s/da., p. 3).

Seu Cardoso não critica as reformas em si, mas a demora na entrega das poucas obras que são realizadas:

Mas o papo é tapume  
Escondendo a beleza  
Expondo a safadeza  
Dessa gente azedume  
E Belém virou canteiro  
Atirada no lameiro  
De viver nesse ardume. (Cardoso, s/da., p. 3).

Mas o quê será que há  
Atrás de tanta coberta?  
A história é incerta  
Quê futuro restará?  
Tanta obra infindável  
Essa Rotina irritável  
Queremos que acabe já. (Cardoso, s/da., p. 3).

Em *Belém dos tapumes*, Seu Cardoso também aborda o abandono do patrimônio histórico e das praças da cidade. Cabe ressaltar que a produção do folheto está relacionada ao contexto das comemorações dos 400 anos de fundação da cidade de Belém (1616-2016), ocasião que certamente fez o poeta comparar o passado com o presente na gestão de Zenaldo Coutinho. O poeta lamenta que o encanto da cidade foi embora por causa da omissão do poder público, com as boas lembranças ficando só na memória:

A cidade um bagaço  
O encanto foi embora  
As lembranças de outrora  
Reduziu o seu espaço  
Tanto tapume lhe enfeia  
Causando vergonha alheia  
Condenada ao fracasso. (Cardoso, s/da., p. 3).

Um passeio na história  
Desses quatrocentos anos  
Não se tinha tantos danos  
O que temos na memória  
A Belém que tudo tinha  
Agora ficou mesquinha  
Numa triste trajetória. (Cardoso, s/da., p. 4).

Seu Cardoso denuncia vários locais abandonados em Belém por causa da omissão do poder público municipal. Dentre os locais citados estão o Bar do Parque, o Mercado de São Brás, a Praça do Operário, o Mercado do Ver-o-Peso, e as ilhas de Belém, como Mosqueiro e Outeiro:

Meu glorioso São Brás  
Que será do teu mercado  
Triste, sujo, abandonado  
São coisas que não se faz  
Depois dessa internada  
O que sobra é quase nada  
Teu futuro é fugaz? (Cardoso, s/da., p. 5).

Em falar do Ver-O-Peso  
Que já foi cartão postal  
Nunca se viu tão mal  
Que já não passa ileso  
Sem administração  
Por ninguém lhe dá a mão  
Que não me deixa surpreso. (Cardoso, s/da., p. 7).

Entendemos que Seu Cardoso representa uma continuidade de poetas que se veem como um porta-voz do povo, aquele que se utiliza de seu dom poético para denunciar as mazelas sofridas pelos mais pobres. Cardoso estava preocupado com o abandono de Belém no governo de Zenaldo Coutinho e resolveu se manifestar apontando os principais problemas da cidade que não eram resolvidos pelo prefeito.

Os folhetos de Cláudio Cardoso de crítica social também podem ser vistos como uma forma de “jornalismo popular”, pois o poeta faz denúncias contra o descaso do poder público, o que prejudica a população de Belém. Joseph Luyten denomina de “jornalismo popular” os folhetos noticiosos da literatura de cordel que tem o objetivo de informar a população. Segundo Luyten, o público confia no poeta, no que ele escreve, pois o poeta convive com as camadas populares, partilha da mesma realidade. (Luyten, 1992).

### **Considerações finais**

Buscamos neste artigo demonstrar a importância de Cláudio Cardoso para a literatura de cordel no Pará. Sujeito de múltiplas facetas, torna-se difícil tentar entender a sua trajetória a partir de conceitos ou esquemas pré-estabelecidos. O caminho mais viável é perceber sua atuação e proatividade enquanto também um sentimento e convicção própria de querer viabilizar o fortalecimento da cultura do cordel.

Na literatura Cláudio se encontrou e no cordel Cláudio permaneceu como um bravo lutador em defesa de uma causa, a de trazer o cordel paraense das bordas para o centro e também de, por meio de seus folhetos, ser um porta-voz do povo que sofria com as mazelas de uma gestão municipal ausente.

Infelizmente, Cardoso foi uma das mais de 700 mil vítimas da covid-19 no Brasil, na gestão irresponsável e criminoso do governo de Jair Bolsonaro. Sua vida se foi, mas seus folhetos e suas ações como o Encontro de Cordelistas e a criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel irão permanecer como seu belíssimo legado.

### **Referências**

Folhetos de cordel

CARDOSO, Seu. *Belém dos Tapumes*. Belém: Cromos Editora, s/da.

CARDOSO, Seu. *Entre a farsa & a trapaça no reino da Zenaldolândia*. Belém: Cromos Editora, s/db.

CARDOSO, Seu; ZUMBA, Mário. *Cordeis e Cordelistas*. Belém: Cromos Editora, s/d.

## Sites

MEDEIROS, Luciana. Cláudio Cardoso: o cordel na Feira Pan Amazônica. *Holofote Virtual*. 13 mai. 2017. Disponível em: <http://holofotevirtual.blogspot.com/2017/05/claudio-cardoso-o-cordel-na-feira-pan.html> Acesso em: 09 mai. 2024.

NO JARDIM DO SEU CARDOSO. Episódio 01. Direção Caio Cezar Soares. 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jwaPu32JTA> Acesso em: 09 mai. 2024.

NO JARDIM DO SEU CARDOSO. Episódio 03. Direção Caio Cezar Soares. 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K1pG9WsBLLQ> Acesso em: 09 mai. 2024.

## Bibliografia

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERNANDES, Frederico. A afilítica insistência: pensamento crítico cultural e teoria das bordas. *Léguas & Meia*: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, Ano. 14, n 7, 2016, p 215-225.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura das Bordas*: Edição, Comunicação, Leitura. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2010.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Projeto e atitudes*: os vinte e cinco anos de *Bordas*. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 139-142, jul-dez. 2014.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Grand Guignol de Papel: Cultura Midiática e Cultura das Bordas nos *Faits-Divers*. *Revista Sentidos da Cultura*, vol. 09, n. 16, p. 31-40, jan./jul. 2022.

LUYTEN, Joseph. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro, jul./set. 1971, n. 9. p. 87-108.

SALLES, Vicente. *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SALLES, Vicente. Introdução. In: VICENTE, Zé (1898-1975). *Zé Vicente*: poeta popular paraense. São Paulo: Hedra, 2000.

## Sobre o autor:

### Geraldo Menezes Neto

Doutor e Mestre em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em História (Bacharelado/Licenciatura) na UFPA. Professor de História da Secretaria Municipal de Educação de Belém-PA (SEMEC). Professor de História e Estudos Amazônicos da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC).

Recebido: 12/06/2024  
Aprovado: 29/07/2024

**A MITOPOÉTICA DA COBRA GRANDE NO CORDEL DE ANTONIO JURACI  
SIQUEIRA**

**LA MITOPOÉTICA DE LA COBRA GRANDE EN EL CORDEL DE ANTONIO  
JURACI SIQUEIRA**

Danieli dos Santos Pimentel  
Universidade Federal do Pará - UFPA  
Breves/Marajó-Brasil

Luiz Guilherme dos Santos Júnior  
Universidade Federal do Pará - UFPA  
Breves/Marajó-Brasil

**Resumo**

O artigo se alinha ao projeto de pesquisa que tem o título de “Mito e oralidade no contexto: por uma cartografia das poéticas orais de Breves”, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó-Breves, projeto este coordenado pela professora Dra. Danieli dos Santos Pimentel, que tem como colaborador o prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Junior (UFPA). Assim sendo, serão apresentados os resultados parciais obtidos a partir da pesquisa que, em um primeiro momento, desdobrou-se em realizar um levantamento de fontes bibliográficas e literárias sobre o imaginário mitopoético do Arquipélago do Marajó. Nesse contexto, o referido projeto investiga o imaginário mítico do contexto marajoara, em especial, a sobrevivência de práticas da tradição oral no município de Breves. Um dos objetivos da pesquisa é fazer um levantamento e recolha de narrativas do imaginário local no sentido de cartografar os mais variados textos da cultura oral e escrita.

**Palavras-chave:** Mitopoética; Cobra Grande; Cordel.

**Resumen**

El artículo está alineado con el proyecto de investigación titulado “Mito y oralidad en el contexto marajoara: para una cartografía de la poética oral de Breves”, vinculado a la Facultad de Artes de la Universidad Federal de Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó- Breves, proyecto coordinado por el profesor Dr. Danieli dos Santos Pimentel, cuyo colaborador es el prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Júnior (UFPA). Por tanto, se presentarán los resultados parciales obtenidos de la investigación que, en un primer momento, implicó realizar un levantamiento de fuentes bibliográficas y literarias sobre el imaginario mitopoético del Archipiélago de Marajó. En este contexto, este proyecto investiga el imaginario mítico del contexto Marajoara, en particular, la supervivencia de las prácticas de tradición oral en el municipio de Breves. Uno de los objetivos de la investigación es estudiar y recopilar narrativas del imaginario local para mapear los más variados textos de la cultura oral y escrita.

**Palabras clave:** Mitopoética; Gran Serpiente; Cordel

## Introdução

*É justamente a claridade, a luz que epifanizando a Boiúna, é a luz dos rios amazônicos (Loureiro, 2001, p. 225).*

Ao falarmos sobre o contexto da oralidade na Amazônica, é preciso registrar que um dos maiores projetos de extensão e de cunho interdisciplinar é o IFNOPAP – “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense”, idealizado pelos professores Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e Christopher Golder, em 1994 na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, que pesquisou, registrou e criou um banco de dados dos mitos amazônicos, bem como das formas orais da cultura popular paraense.

Nessa mesma esteira teórica, podemos destacar as pesquisas “Núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas” (CUMA), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), idealizado pela professora Dra. Josebel Akel Fares, e que, ao longo de duas décadas, orienta trabalhos no campo da literatura oral. O modo de pesquisa realizado por alguns pesquisadores do CUMA estabelece uma conexão teórica e metodológica com o IFNOPAP, estreitando e alinhando interesses comuns ligados por alguns vetores deste último projeto, a partir do legado de estudiosos e pesquisadores que fundamentam o pensamento sistêmico das poéticas orais.

Nesse sentido, o projeto intitulado “Mito e oralidade no contexto marajoara: por uma cartografia das poéticas orais de Breves” retoma algumas bases teóricas e metodológicas dos projetos mencionados, pioneiros na Amazônia, como também adapta certas propostas ao contexto do Marajó, como, por exemplo, o objetivo de pesquisar e registrar as narrativas do imaginário amazônico. Para tanto, realizou-se o levantamento prévio de fontes bibliográficas da área das poéticas orais, trabalho já bastante avançado por diversos grupos de pesquisa no Brasil e na região Norte. Vale ressaltar que este projeto de pesquisa estabelece uma conexão teórica e metodológica com o CUMA, estreitando e alinhando interesses comuns, ligados por alguns vetores dessa linha de pensamento, apropriando-se também do legado de estudiosos e pesquisadores que fundamentam o pensamento sistêmico das poéticas orais.

De início, teoricamente, a pesquisa se alinha aos pressupostos de Paul Zumthor em livros seminais que ampliaram de vez os trabalhos com a literatura oral, possibilitando, dessa forma, o estudo da “ciência da voz” em diferentes contextos. A pesquisa com a literatura oral e popular busca sustentação no legado zumthoriano: Introdução à poesia oral (1997), Performance, Recepção e Leitura (2000), A letra e a voz (2001) e Escrita e nomadismo (2005). Depois de Zumthor, a estudiosa da oralidade Jerusa Ferreira (1991) deixou um grande legado teórico para as pesquisas que envolvem a tradição cultural de diversas matrizes; além

disso, ela é considerada uma das principais intérpretes e tradutoras do legado de Paul Zumthor no Brasil.

Desde os anos de 1960, década em que a voz ganha um status científico dentro das universidades, as pesquisas também se alargaram, e hoje linha de pesquisa, grupos de trabalho, revistas científicas e periódicos voltados para a área das poéticas orais e literatura popular, abundam cada vez mais.

Já sobre o conceito de mito, tema central que permeia os projetos sobre a oralidade, como explica Eliade (2000), não há necessariamente uma interpretação que possa se ajustar a todas as representações culturais. No entanto, o estudioso explica, em linhas gerais, “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”. Desse modo, do ponto de vista transcendental, o mito carrega em si uma “sacralidade” e tem uma relação profunda com o sagrado. Como veremos a seguir, a criação dos rios da ilha do Marajó guarda esse aspecto do sagrado, pois relaciona-se com a presença de um ser que, em sua dimensão arquetípica, tem profundas características com as origens criadoras da vida. É assim que a cobra grande é mostrada no cordel de Antonio Juraci Siqueira.

## **Desenvolvimento**

O estudo percorre os caminhos da chamada literatura oral e popular, e seu método consiste em investigar a letra e a voz em diferentes textos da cultura. Para isso, tanto a teoria da literatura oral quanto a cartografia da cultura, por dialogarem entre si e como métodos que se aproximam, oferecem os mecanismos teóricos/metodológicos para esse fim. A cartografia da cultura de Jesús Martín-Barbero (2002, p. 12) procura novos agenciamentos e novas formas de pensar “os mapas cognitivos”; assim o método cartográfico procura “construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos de fuga”, um exercício para olhar os mapas da cultura como algo veloz e mutável. Esse exercício exige uma lógica fractal e os mapas da cultura se movem contra a fixidez. Barbero recupera a imagem dos “mapas meteorológicos” e noturnos, “rápidos”, “mutáveis”, ao mesmo tempo lentos que se movem de maneira quase imperceptível como “placas movediças” e suas “linhas de fratura”. Ante à lógica cartográfica, o pesquisador também é convidado a tecer e destecer novas teias do conhecimento. Por esse viés, o cartógrafo recupera a imagem de Penélope “tecendo e destecendo o mapa das viagens do marido”; o mapa do “mar sonhado e do real, entretecidos no canto de Homero”, reitera o autor.

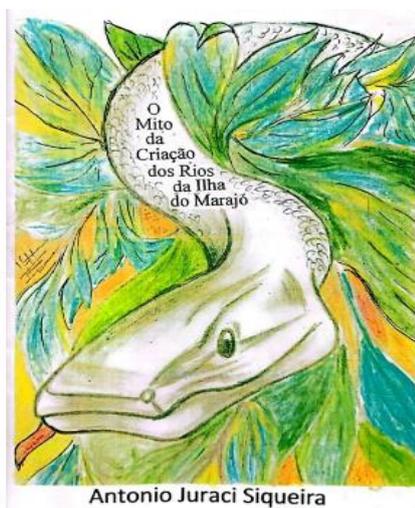
O método cartográfico ajuda a pensar o Marajó como esse mapa que se move no tempo e no espaço, esse arquipélago complexo e mutável, repleto de contradições e que, visualmente, numa olhada panorâmica, lembra-nos a imagem de uma serpente que se move em direção ao

mar formando os sulcos da terra, rompendo barreiras, abrindo fronteiras. Além disso, o arquipélago também se orienta em novas direções, suas ilhas múltiplas e diversas se despregam e desagregam para formar novos mapas.

Pelo viés da cultura, Barbero ensina o caminho das singularidades e a olhar para as ilhas como algo que se expressa textualmente e textilmente (tecer). No campo das poéticas orais, Zumthor propõe um exercício semelhante, ou seja, convida o pesquisador a mapear esses textos da cultura, entender os sinais, novos agenciamentos, urdiduras e um novo olhar cognitivo para a letra e a voz que se manifestam nos mais variados textos da cultura. Desse modo, o cartógrafo adentra o campo da cultura em busca dessa matéria como um viajante que também vai simulando seus mapas mentais e cognitivos.

Com base nos dois autores, o percurso metodológico empreendido apontou a rota do mito da Cobra Grande como importante texto da cultura que sobrevive graças ao legado dos povos originários, a voz que também se simula nos textos, nesse caso, resguardada no cordel de Siqueira, e, nesse serpentear, também traçamos as novas rotas de fuga; como Boioçu criando que se desloca e se move pelos rios do Marajó deixando seus rastros profundos; ou como define Paes Loureiro (2001, p. 12): “centopeia-se o rio/onda mais onda”. Além disso, o mito da Cobra Grande reafirma o valor real e simbólico dos rios da Amazônia e suas encantarias do fundo, o fluxo da vida, a dialética do ir e vir, a regulação dos ciclos, “relógios e calendários da vida”, a própria vida.

Nesse sentido, analisamos o mito da Criação dos rios da Ilha do Marajó, a partir da literatura de cordel do cordelista Juraci Siqueira. Verificou-se que mito da criação dos rios perfaz o imaginário dos povos originários da região amazônica e recupera a voz do indígena Severino dos Santos, da etnia Aruã que, em 1783, relatou ao naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira a variante do mito, conforme dados presentes na edição do próprio cordel.



Capa do Cordel

Fonte: Cordel – O mito da criação dos rios da ilha do Marajó (Juraci Siqueira)

O cordel com texto integral de Juraci Siqueira e ilustração de Sirley Santos recupera o imaginário da mitopoética e recria o mito da criação dos rios, no dizer do escritor que também é poeta e ribeirinho, ao retomar a variante do mito, recupera a matriz ancestral e a voz do passado: “sou poeta ribeirinho sempre atrás de um conto novo; da voz dos meus ancestrais velhas histórias renovo e as prendo, em temas diversos, na tarrafa dos meus versos para entregá-las aos povo (...) E assim sigo plantando no chão, no vento e no mar histórias dos tempos idos prenhes de amor e pesar para serem recontadas por quem quiser e aumentadas a qualquer tempo e lugar” (Siqueira, 2018. P.2).

Nesses versos fica claro o trabalho do poeta em recuperar as vozes que o antecedem e que nos revisitam no presente graças à sobrevivência das poéticas da voz. Eis o mito na voz de Siqueira (2018, p. 2):

A história que vou contar foi narração verdadeira de Severino dos Santos, índio aruã da ribeira, dita de forma intimista ao sábio naturalista Alexandre R. Ferreira. Um dia, o velho aruã, sentindo-se triste e só, contou ao sábio esta lenda ouvida de sua avó que fala do nascimento, num fabuloso momento, dos rios do Marajó.

Nesse ponto, a ancestralidade do povo aruã é retomada pela narração e pela voz do presente, e, mais uma vez, revivida, igualmente no cordel de Siqueira. Sob inspiração da musa da memória, o poeta pede passagem para que também sigamos na “igara de Severino”, para que façamos uma viagem no tempo, e façamos contato com um “mundo encantado”. A imagem a seguir presente no cordel de Juraci é um convite para a imersão nesse território do imaginário popular que compreende a travessia de portais, tema recorrente nas mitologia ligadas à pajelança marajoara presente em textos literários como: o romance Marajó, de Dalcídio Jurandir (1992) e O mundo místico dos Caruanas, de Zeneida Lima (2002).



Igara de Severino, Ilustração do cordel

Fonte: Cordel – O mito da criação dos rios da ilha do Marajó (Juraci Siqueira)

A canoa se apresenta como um convite dessa travessia para o outro mundo, tipo de Caronte amazônico ultrapassando portais e chegando em outras dimensões, pois o início do mito, em que se descreve o tempo, ainda não se conhecia a ilha do Marajó, não havia os furos, os rios e os igarapés, apenas um imenso lago, como lemos a seguir:

Naquele tempo, crianças; o mundo era diferente pois o homem não produzia tanto lixo poluente e a Ilha do Marajó não tinha nome e era só dita a Ilha, simplesmente. Porém, não era só nome que a Ilha não possuía: furos, rios e igarapés por lá também não havia. Só tinha um lago gigante renovado a todo instante pela chuva que caía. (Siqueira, 2018, p. 7).

Nesse tempo, o imenso lago abrigava todo tipo de espécie animal, e entre todos os bichos, reinavam ali também as imensas serpentes. A serpente evoca o princípio da criação um arquétipo do Jardim do Éden, onde ela é seu “primeiro deus”; ao mesmo tempo remete-se ao uróboro, que simboliza, na visão de Campbell (1990, p. 47), o ciclo da vida, “desfazendo-se do passado e continuando a viver”. A própria serpente, que em determinados períodos troca de pele e renasce, “é uma imagem da vida” em constante mutação, “e representa a energia e a consciência imortais, engajadas na esfera do tempo, constantemente atirando fora a morte e renascendo” (Campbell, 1990, p. 47). Como explica o estudioso, ainda no âmbito de sua simbologia, “a serpente carrega em si o sentido da fascinação e do terror da vida, simultaneamente [...] a serpente representa a função primária da vida”<sup>9</sup>



As serpentes colossais

Fonte: Cordel – O mito da criação dos rios da ilha do Marajó (Juraci Siqueira)

Mas os ventos sopraram em outra direção, a chuva cessou na região e veio a seca, com ela a ameaça e a morte de várias espécies, segundo o trecho da narrativa:

---

<sup>9</sup> Em outras tradições culturais, por exemplo, no povo aborígene, “a serpente Arco-íris aparece em muitas mitologias diferentes, com diversos nomes, como Julunggul, Kumanggur, Ungar Yurlunggar” (Bartlett, 2011).

Foi quando as cobras gigantes, sentindo a morte chegar, em prol da sobrevivência água tentaram encontrar. Com força e fúria tamanhas seguiram de encontro ao mar. Impossível descrever das serpentes o pavor. Cada uma parecia imenso e vivo trator rasga os sulcos no chão indo em qualquer direção alheias à própria dor (Siqueira, 2018, p. 13).

Após esse evento, as serpentes seguiram em direção ao mar, de acordo com o mito, derrubaram tudo o que viram pela frente, abriram passagem por entre as “rochas, árvores e barrancos. Pela sede, enlouquecidas, lutavam por suas vidas levando a morte nos flancos”. (Siqueira, 2018, p. 15). Sobre essa importância do mito da serpente, a partir dos arquétipos, ela é reverenciada em diversas culturas, seja pelos povos originários ou pela tradição hindu do deus Shiva; assim como é marcante na cultura sumeriana, dentre outros povos (Campbell, 1991, p. 49).

A serpente, como mito da fertilidade, compreende a dimensão feminina. A boiúna amazônica está presente no mito da criação de outros povos sul-americanos, como, por exemplo, o povo venezuelano yururo. Neste povo, a serpente é adorada como Kuma, que “ensinou às mulheres tudo o que elas sabem” (Barlett, 2011, p. 238). Ambos os mitos carregam essa responsabilidade de manter a tradição das origens e da ancestralidade. E nesse imenso serpentear, as cobras rasgaram os rios, aos pares ganhavam ainda mais força, derrubaram “a muralha que as separavam do mar”. No encontro entre rio e mar, os rastros deixados pelas boiunas gigantes se encheram de água, e assim surgiram os rios que abundam o Marajó, nas palavras do poeta foi então que dos “rastros das sucúris os igarapés surgiram, dos rastros das boioçus grandes rios emergiram dando vida nova ao lago num doce e líquido afago e em prol da vida se uniram (Siqueira, 2018, p. 17). Essa passagem do cordel em que o mito da criação dos rios da Ilha do Marajó se apresenta pode ser comparado com as imagens dos rios do Marajó, como se verifica na imagem abaixo:



As serpentes criam os rios

Fonte: Cordel – O mito da criação dos rios da ilha do Marajó (Juraci Siqueira)

É a partir da criação dos rios que a natureza se refaz, os bichos tornam à vida, e nesse imenso bioma, a ilha do Marajó triunfa. Contudo, ao final do cordel, a crítica ao progresso é uma chamada de atenção de que o mito também explica a própria realidade, a condição imaginária e real no contexto do Marajó. O mito dialoga com o presente, ao mesmo tempo em que “recupera” as vozes originárias do passado, faz uma chamada para o presente: Por isso é que a nossa gente, vivendo em tempo enganoso, não sabe que cada rio profundo e misterioso que no Marajó se expande, é rastro de Cobra Grande de um passado fabuloso (Siqueira, 2018, p. 21). Essa imagem do rastro da serpente moldada nas dobras dos rios nos lembra o que afirma Bachelard (2003, p. 207), “o rio que serpenteia não é uma simples figura geométrica: na noite mais escura, há claridade suficiente para que o regato deslize na erva com a mobilidade e a destreza de uma longa cobra”.

Loureiro (2001, p. 221) define a mitopoética da Boiúna como um evento único, essa imagem da Cobra Grande é vista como uma “epifania” ou ainda “o visível esplendor invisível do rio”. De certa forma, o autor confirma o que se verifica no cordel de Juraci, que a serpente povoa o imaginário do povo aruã, ainda para o estudioso do imaginário amazônico, a Boiuna é “das criações do fabulário indígena povoador das encantarias do fundo dos rios da Amazônia”. Ainda para Loureiro (2001) e Moraes (2014) há inúmeras variantes e associações do mito: mãe-d’água, navio iluminado, ou como “recriação das mouras portuguesas”, ou seja, Norato, mito que inspirou o livro de Raul Bopp (1994). Nesse sentido, sobre esses aspectos da Cobra Grande:

A luz é o componente essencial da lenda da Boiúna – mãe de todas as águas, no conjunto de elementos que compõem os seus relatos, há inúmeras narrativas desse mito que percorre deslizando os rios da Amazônia: seja como gênio do mal com poder de paralisar os outros animais; seja vagando e devorando o que encontra no caminho (Loureiro, 2001, p. 224)

Por essa lógica, as mitopoéticas existem não só como registros das vozes que nos antecedem, mas também como um profundo diálogo com as matrizes que sobrevivem a força do tempo, também para nos provar que “não estamos sós”, como reitera Siqueira ao final do cordel. Sem dúvida que esses rastros da Cobra Grande nos mostram não só o caminho para o mar ou para a casa, mas também o lugar de onde viemos e para onde queremos ir. Nesse curso, a sobrevivência das mitopoéticas dos povos originários nos ensinam a cada dia novas formas de conhecimento acerca desse legado, como uma forma de resistência contra o discurso colonial que ainda se impõe e fere diariamente as subjetividades, e o legado dos saberes e das poéticas da ancestralidade dos povos indígenas.

Por fim, o cordel de Siqueira termina com um texto de incentivo à formação do contador de histórias, numa tentativa benjaminiana de salvar a experiência dos narradores, a

voz que narra, mas que está quase em vias de extinção. No mesmo cordel constam duas notas explicativas sobre a variante do mito da criação dos rios do Marajó. A primeira nota afirma o seguinte: “Esse mito é baseado num relato do índio Severino dos Santos para o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e publicado no livro *Viagem filosófica*, vindo à luz em 1976 e reeditado pela editora Valer de Manaus/AM” (Siqueira, 2018, p. 25). Sendo que a variante do mito narrada e recontada pelo poeta cordelista, também inédita, segundo o escritor, aparece primeiramente no livro *Marés - poemas de argila e sol*, editora Cromos, 2010, no poema “Maré Onírica”. Na referida nota, Siqueira afirma ter se inspirado no ensaio: *Novíssima Viagem filosófica*, do historiador e escritor José Varela Pereira. Assim, o mito da criação dos rios do Marajó se entrelaça ao mito da Cobra Grande.

### **Considerações finais**

Ao final deste artigo, notamos que o tema relacionado ao mito de origem da Cobra Grande, no contexto marajoara, compreende o imaginário dos povos originários a partir da voz ancestral da oralidade e, no caso, retomado pela literatura de cordel do escritor Antonio Juraci Siqueira. Embora seja um mito presente no espaço do arquipélago do Marajó, há conexões profundas dessa narrativa com variantes de outros povos em diferentes contextos e culturas. O mito, nesse sentido, se desdobra em outras representações oriundas do espaço amazônico: navios encantados, seres sobrenaturais e imagens da própria geografia marajoara em que ilhas, matas e outros lugares se transformam, miticamente, no domínio da própria Cobra Grande entrelaçada no fluxo dos rios e das navegações.

### **Referências**

SIQUEIRA, Antonio Juraci. O mito da criação dos rios da Ilha do Marajó (cordel). Belém-PA, 2018.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTLETT, Sarah. *A Bíblia da mitologia: tudo o que você queria saber sobre mitologia*. São Paulo: Pensamento, 2011.

BOPP, Raul. *Cobra Norato*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers. Trad. Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória*. (conto e poesia popular). Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1992.

LIMA, Zeneida. *O Mundo Místico dos Caruanas da ilha do Marajó*. 6. ed. Belém: Cejup, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica — uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras editoras, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Trad. Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MORAES, Raymundo. *O meu dicionário de coisas da Amazônia*. 3. ed. Belém: Cultural Brasil, 2014.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZUMTHOR. *Introdução à poesia oral*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira (et all). Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

ZUMTHOR. *Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

#### **Sobre os autores:**

##### **Danieli dos Santos Pimentel**

Pós-doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará. Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará, com período sanduíche no Programa de Pós-graduação em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e em convênio com o Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) entre a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade do Estado do Pará. Integra o Núcleo de Pesquisa Cultura e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). Graduanda em Pedagogia pela Universidade da Amazônia (Unama).

E-mail: [danielipimentel2013@gmail.com](mailto:danielipimentel2013@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9866-2517>

##### **Luiz Guilherme dos Santos Júnior**

Pós-doutor em Artes pelo Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional (PROFARTES-UFGA). Doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Teoria Literária (UFGA); especialista em Língua Portuguesa: uma abordagem textual (UFGA); licenciado pleno em Letras (UFGA). Integra o Núcleo de Pesquisa Cultura e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). É professor Adjunto do Curso de Letras-Licenciatura da Universidade Federal do Pará (UFGA), Campus de Breves/Marajó.

E-mail: [lguilherme1973@gmail.com](mailto:lguilherme1973@gmail.com)

Recebido: 25/05/2024  
Aprovado: 12/06/2024

## ANTONIO JURACI SIQUEIRA, UM ESCRITOR PLURAL JURAMENTADO

## ANTONIO JURACI SIQUEIRA, UN ÉCRIVAIN PLURIEL JURÉ

Paulo Maués Corrêa  
Universidade do Estado do Pará  
Belém/Pará- Brasil

### Resumo

Este breve texto corresponde a minhas anotações a respeito de Antonio Juraci Siqueira, consagrado escritor paraense, autor de livros recentemente compilados nos cinco volumes das suas *Obras Reunidas*, publicados em 2023, pela Editora Pública Dalcídio Jurandir. Escrevendo poesia e narrativas, com perfil lírico e satírico também, Antonio Juraci Siqueira, em 2024, recebe o grande reconhecimento de sua obra, pois ele é um dos homenageados da Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes, promovida pela Secretaria de Estado de Cultura – SECULT.

**Palavras-chave:** Antonio Juraci Siqueira; Literatura; Poesia.

### Resumé

Ce bref texte correspond à mes notes sur Antonio Juraci Siqueira, écrivain renommé du Pará, auteur de livres récemment compilés dans les cinq volumes de ses *Obras Reunidas*, publiés en 2023, par Editora Pública Dalcídio Jurandir. Écrivant de la poésie et des récits, avec un profil également lyrique et satirique, Antonio Juraci Siqueira, en 2024, reçoit une grande reconnaissance pour son travail, puisqu'il est l'un des lauréats de la Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes, promue par le Secrétariat d'État à la Culture – SECULT.

**Mots-clés:** Antonio Juraci Siqueira; Littérature; Poésie.

*Canta, trovador! Teu canto,  
alvissareiro e fecundo,  
é uma canção de acalanto  
ninando as mágoas do mundo!*  
Antônio Juraci Siqueira  
(2023, v.II, p.163)

Na Literatura, há autores que estão ligados de tal maneira ao seu lugar que suas obras são expressão da cultura desse local, sem, paradoxalmente, deixar de dialogar com o mundo. No Pará, por exemplo, atualmente, o nome de Antonio Juraci Siqueira é um dos que representam esse perfil aqui delineado.

O poeta nasceu em Afuá, em 28 de outubro de 1948, e o tabelião que o registrou não acentuou seu prenome, mas o poeta tratou de resolver essa questão, colocando o circunflexo, ou melhor, o chapéu, não no nome, mas em si próprio: ele passou a ser conhecido como Boto ou Filho do Boto, pois sempre se apresenta vestido de branco, com seu inseparável chapéu, igual ao conquistador da Amazônia tão cantado por ele em suas obras, inclusive em *O Chapéu do Boto* – para aqueles que não conhecem a lenda, basta dizer que se trata de um cetáceo/golfinho que, segundo conta o povo ribeirinho da Amazônia, se transforma em lindo rapaz todo vestido de branco que vai dançar e seduzir as moças nas festas de beira de rio.

Para completar seu figurino, o poeta carrega, pendurado em seu pescoço, um muiraquitã, amuleto com o qual as Icamiabas/Amazonas presenteavam seus parceiros da tribo dos Guacaris durante a festa da lua, lenda contada em prosa por José Coutinho de Oliveira (2007, p.60-68) e em versos pelo próprio Antonio Juraci Siqueira, justamente no poema intitulado *Muiraquitã* (Siqueira, 2023, v.I, p.363-364) – no *YouTube*, postei o vídeo *Lenda das Amazonas: Icamiabas* (<https://youtu.be/OvPuY9O1mbA>).

Portanto, a própria figura do poeta é representação da sua obra e, por conseguinte, da cultura do Pará e da Amazônia. Não é à toa que Joel Cardoso afirma ser “Impossível dissociar a obra do artista da imagem que há décadas criou para si” (2023, p.20). Essa conexão é evidente na sua autoapresentação, feita durante a *Entrevista com o Poeta Antonio Juraci Siqueira, o Boto da Literatura da Amazônia*, em agosto de 2020, a qual se encontra postada no meu canal no *YouTube* (<https://youtu.be/cRK8-RCXkis>):

Na verdade, eu me visualizo um caboclo mesmo, juramentado, né?, nascido nas margens do rio Cajari, onde vivi até 16 anos, e, na verdade, sem muitas ambições na vida, a não ser transmitir, enquanto escritor, esse legado do que eu vivi, do que eu vi, do que eu ouvi desse nosso Pará, dessa Amazônia, desse Brasil.

A produção do Juraci – só não cito Jura (para os mais chegados) para não abusar da informalidade que a amizade desse poeta querido me permite – é considerável e vasta, na quantidade e na variedade de perfis – quanto à qualidade, é indiscutível, sobretudo diante das centenas de prêmios literários conquistados e de muitas outras honrarias –, tanto que o classificar, pura e simplesmente, como um trovador ou cordelista, embora o cordel seja familiar, temática e formalmente (por conta dos livros artesanais fabricados por ele), acaba sendo um reducionismo.

Essa pluralidade fica bem nítida na distribuição feita nas suas *Obras Reunidas*, cuja organização começou sob a responsabilidade da saudosa Professora Vânia Alvarez e foi concluída pelo Professor Joel Cardoso, com publicação pelo selo da Editora Pública Dalcídio Jurandir, vinculada à Imprensa Oficial do Estado: volume 1 – *Poesia*; volume 2 – *Poesia popular, cordel e trova*; volume 3 – *Contos, crônicas e outros escritos*; volume 4 – *Literatura Infantojuvenil*; e volume 5 – *Humor em verso & prosa*.

Logo, são cinco pontas nessa estrela da Literatura no Pará, mais do que as das trovas, que o próprio Juraci classifica no título de um livro como *Estrelas de 4 pontas*. Apropriadamente, a imagem marcante na capa de todos os livros da coleção é justamente o chapéu do poeta, variando somente a cor de cada volume:

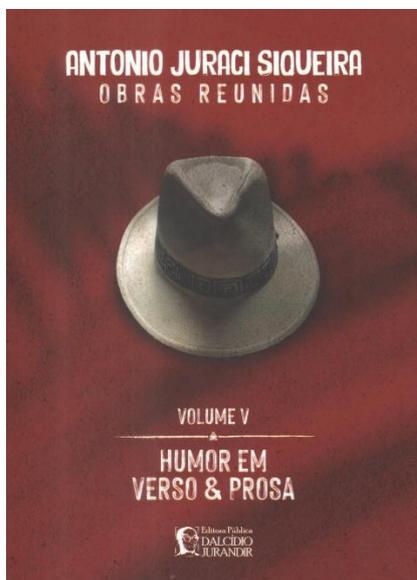
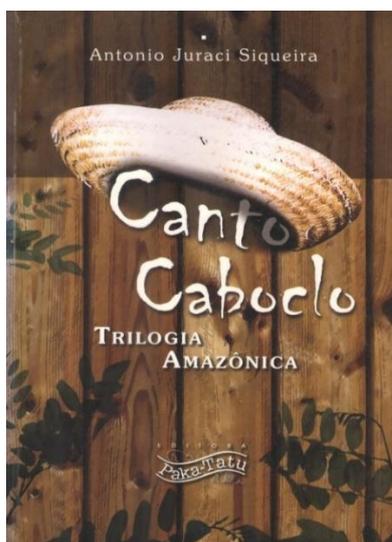


Imagem de capa de todos os livros da coleção - o chapéu do poeta.

Fonte: Acervo do auto/2024

Esse mesmo *insight* do chapéu já havia aparecido em 2008, na capa de *Canto Caboclo*, de tal forma que só posso atribuir essa “coincidência” à presença de uma pessoa em comum nos dois casos, Luciano Silva, que atuou, pela RL2, na diagramação desse livro que saiu pela Paka-Tatu e na equipe da Editora Dalcídio Jurandir, na preparação das *Obras Reunidas*:



O chapéu – já em evidencia, 2008  
Fonte: [www.editorapakatatu.com.br](http://www.editorapakatatu.com.br)

Dito isso, convido os leitores e as leitoras a me acompanhar neste passeio pela escritura de Juraci, com destaque para o que eu mais gosto nesse universo contido nas *Obras Reunidas*. Os primeiros textos de Juraci que li – se não me falha a memória – tinham sido os publicados em uma coletânea comemorativa de aniversário do *PQP*, jornal à moda do *Pasquim* que circulava em Belém nos anos de 1980 e depois, que era espaço cativo do Juraci e de nomes como Walcyr Monteiro e Ademar Amaral, por exemplo, sob a batuta do Raymundo Mário Sobral.

Alguns desses textos e o mesmo tom humorístico eu reencontrei no primeiro livro do Juraci que chegou às minhas mãos: *Versos Sacânicos – do jeito que o Diabo gosta e Nosso Senhor consente*, que depois virou uma série de três números. Esse primeiro livro tem clássicos jurácicos – brincadeira com outro livro do poeta, o *Juraci Park*, jogo que ele fez com o filme famoso, assim como já havia feito no próprio *Versos Sacânicos*, paródia, sem a perseguição do Islã [só dos “provincianos da city”, conforme depoimento de Paulo Nunes (2023, p.14-15)], do polêmico *Versos Satânicos*, de Salman Rushdie –, dentre os quais destaco: *Cu de abelha é doce mas tem ferrão*, *O pau comeu*, *O enrabador do deserto* e por aí vai.

Quem se arriscar somente na leitura de *Versos Sacânicos* pode ter a impressão de que se trata de um poeta exclusivamente satírico, mas se engana, pois Juraci, nas palavras de um saudoso amigo e considerável crítico literário, José Arthur Bogéa, “é um grande lírico” – isso ele me disse particularmente. E essa outra face do poeta aparece também embebida de certa dose de sensualismo, do qual destaco, como aperitivo, o soneto *Permutas*:

Eu quero me perder, mulher amada,  
neste universo morno de teu corpo,  
contigo dividir o meu alento,  
permutar minha vida pela tua.

Quero conhecer-te palmo a palmo  
para palmo a palmo pertencer-te.  
Quero revelar-te meus segredos  
e dedicar-te todo o meu carinho.

Quero acalentar-me nos teus seios,  
nos teus lábios saciar os maus anseios,  
murmurar no teu ouvido o meu amor

e no brando balançar de tuas cadeiras,  
esquecer toda a dor toda a canseira,  
e em teus braços, finalmente, adormecer.  
(Siqueira, 2023, v.I, p.48)

Esse discurso poético nem se aproxima do que ocorre, por exemplo, nas *Últimas palavras* dos *Versos Sacânicos 3 – o reino da enrabação*:

Não tenho culpa se alguém  
não gostou deste livrinho;  
eu não sou um grande cômico,  
sou só um comicozinho...

Se alguém, por qualquer razão,  
não gostou da minha rima,  
deixo aqui uma sugestão:  
tire a calça e pise em cima!  
(Siqueira, 2023, v.V, p.85)

As distinções são, inclusive, formais: neste último poema, há as popularíssimas redondilhas maiores (*Não/ te/nho/ cul/pa/ se al/guém/*), dispostas em duas quadras, ao passo que, no soneto, o rigor dos decassílabos dessa forma fixa é respeitado, mesmo que parcialmente (*Eu/ que/ro/ me/ per/de/r, um/lhe/r a/ma/da,*).

Em livro recente sobre o erotismo em quatro escritores da Amazônia, os paraenses Alfredo Garcia, Daniel da Rocha Leite, Haroldo Maranhão e Maria Lúcia Medeiros, destaco a presença de três interfaces dessa produção ao longo da breve História da Literatura na Amazônia – com a História, o Erotismo e o Mito – e elenco uma série de nomes associados a cada uma dessas interfaces, dentre os quais cito Antonio Juraci Siqueira como exemplo da presença do Mito, a despeito da ocorrência do erotismo e de tópicos ligados à História em sua escritura (Corrêa, 2023, p.18).

Nesse sentido, em meu trabalho de pesquisa sobre o lendário da Amazônia, são frequentes as referências ao trabalho poético de Juraci. Um exemplo ocorre no meu livro *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia* (Corrêa, 2016, p.182), em que cito o poema *Nado Mítico*, publicado no *Canto Caboclo*, livro, inclusive, revisado por mim, em 2008, mas exponho a versão presente nas *Obras Reunidas*:

Ah! Essa Boiuna eterna a enroscar-se em mim  
a perturbar meu sono, meu sossego  
a sufocar meus sonhos e ilusões...

Ah! Essa cobra lunar e seu olhar de fogo  
seu corpo milenar de lenda e mito  
recoberto de escamas e mistérios.

Ah! Essa Mboi-açu imersa entre metáforas  
a se nutrir de nós, de nossa insônia  
a devorar nossas recordações...

Ah! Essa serpe de breu e seu destino errante  
seu gênio enganador a nos trazer nos dentes  
o pomo da discórdia: o Bem e o Mal.  
(Siqueira, 2023, v.I, p.194)

A citação é para mostrar o quanto a Cobra Grande é tema frequente em nossos autores. O mesmo acontece com relação ao personagem mais ligado à biografia de Juraci, o Boto, tema do extenso poema *Boto (des)encantado*, do qual eu citei, no livro *Cidade Visível: desvendando os personagens lendários da série famosa* (Corrêa, 2023, p.24), um fragmento que ilustra que todas as indumentárias com que o Boto se apresenta para seduzir as moças ribeirinhas são elementos da natureza amazônica:

Sapatos não são sapatos,  
são dois negros acaris,

o cinturão de fivela  
com dois rubis é uma cobra

e um pequeno caranguejo  
é o que resta do relógio  
de pulso do dançarino.

Imersa na preamar  
do pavor, aquela gente  
descobre que o tal chapéu  
– véu de mistério e poder –  
é, na verdade, uma arraia  
a debater-se no solo  
e, finalmente, que o corpo  
exangue e desencantado  
é de um boto tucuxi.  
(Siqueira, 2023, v.I, p.159)

Esse personagem é tema de outros tantos poemas, como *Eu o Boto* (do qual a declamação pública é verdadeira performance do poeta), *Tucuxi e Boto*, e há um poema também para a fêmea, intitulado justamente *A Bôta* – a edição citada conservou o acento diferencial, resguardando na sedutora também o chapéu de seu correspondente masculino. Além desse casal, há poemas que tematizam outros tópicos do lendário: *Mãe d'Água*, *Matinta Perera*, o referido *Muiraquitã* – todos contidos no primeiro volume – e o *Ataíde*, controverso

e fálico protetor do mangue, do poema *A vingança do Ataíde em favor do manguezal*, do segundo volume (Siqueira, 2023, v.II, p.86).

Esse conjunto de poemas e mais outros tantos, assim como textos em prosa também, me autorizam a considerar Antonio Juraci Siqueira como um verdadeiro folclorista também ou, o que creio que seja melhor até, um mitopoeta, categoria em que poderíamos enquadrar, por exemplo, nomes como Bruno de Menezes e, com maior profusão, João de Jesus Paes Loureiro. Acreditem: essa classificação não é pura e simples estima de amigo. A propósito, amizade é coisa muito importante para o poeta, tanto que ele costuma homenagear os amigos. Para mim, quando estávamos trabalhando na revisão dos livros *Incêndios e Naufrágios: antologia poética* (2007) e *Canto Caboclo* (2008), fez uma trova que eu, por infelicidade e devido a inúmeras mudanças de endereço, perdi. Com esse perfil de poema-homenagem, ele preparou *Mensagens e Louvações* (2005), com poemas para gente querida como Verequete, Andréa Cozzi, Rui Baldez, Heliana Barriga e Ronaldo Silva (Siqueira, 2023, v.I, p.215-231).

Nesse conjunto, para a publicação das *Obras Reunidas*, creio que pudesse ser acrescentado o poema *A quem louvação merece*, com o qual Juraci homenageou o amigo Walcyr Monteiro, autor de *Visagens e Assombrações de Belém*. Esse texto poderia também ser inserido em *Cacuri e outros poemas* (Siqueira, 2023, v.I, p.353-385) – originalmente publicado em 2001, mas depois acrescido de outros inéditos ou publicados em redes sociais.

Porém essa inserção não aconteceu, a despeito de o poema ter sido postado, em 29 de maio de 2020, no *Facebook*, contendo a seguinte nota inicial: “Louvação escrita pela passagem dos seus 70 anos e agora atualizada em atenção ao primeiro ano de sua última viagem”. Com a autorização do Juraci, publiquei *A quem louvação merece* no livro *Walcyr Monteiro: o homem das visagens e assombrações*, homenagem ao nosso amigo:

Tomado pela emoção,  
escrevo esta louvação  
a quem louvação merece:  
um caboclo que engrandece  
o nome de nossa terra  
em cujo labor se encerra  
a voz e a alma do povo.  
Confesso que me comovo  
ao louvar Walcyr Monteiro,  
exemplo de brasileiro  
de alma pura e transparente  
que labutou bravamente  
pela glória deste chão.  
E assim, nesta ocasião,  
em nome de outros sumanos,  
eu louvo, aqui deste plano,

esse ilustre paraoara,  
irmão do Boto, da Uiara,  
do Ataíde, do Saci,  
Matinta, Mapinguari  
e outras tantas personagens!...  
Louvado seja “Visagens  
e Assombrações de Belém”!  
Seja louvado, também,  
o nosso Pará paidégua  
que nos dá compasso e régua  
nas lutas do dia a dia!  
Salve o Poeta e a Poesia,  
o Conto, a Trova e Cordel!  
Salve os santos lá no céu,  
salve nós aqui na Terra!  
Louvado seja o que encerra  
o amor e as forças do além!  
E agora, dizer convém  
às almas do mundo inteiro,  
nesta breve louvação:  
paz na Sagrada Mansão  
ao grande Walcyr Monteiro  
para todo o sempre. Amém!  
(apud Corrêa, 2023, p.95-96)

Juraci e Walcyr eram muito amigos, e illustrei isso em meu livro não só com o poema, mas com esta fotografia, também cedida pelo poeta, tirada em sua terra natal, Afuá, os dois de bicitáxi, meio de transporte característico daquele município paraense:



Juraci e Walcyr de bicitaxi no município de Afuá  
Fonte: Acervo do poeta cordelista/2018

Para finalizar este breve passeio, gostaria de fazer alguns comentários a respeito de outra face importante da obra de Juraci, como autor de literatura infantojuvenil. Dentre todos os livros dele com esse perfil, tenho uma especial afeição pelo *Paca, Tatu, Cutia não!*, publicado em 2008, premiado no Edital de Literatura Infanto-Juvenil Imagina Só!, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura – SECULT.

A partir de minha prática docente na formação de leitores, diria, sem medo de errar, que essa obra é uma das mais interessantes para chamar a atenção de jovens leitores, perfil que eu aprofundei com meu exercício de musicalização dos poemas e que constitui parte do que é o repertório do meu Projeto Lira de Orfeu (só com poemas musicados por mim), do qual é possível conhecer bastante no *YouTube*, mas indico aqui, a título de amostra, contida no canal @PauloMauesCorrea, o poema *Coruja*, tocado com a participação de dois alunos meus, Darllan Matos e Mauro Torres: *Lira de Orfeu: Coruja, de Antonio Juraci Siqueira – poesia musicada / Colégio Augusto Meira* ([https://studio.youtube.com/video/uk\\_pB07\\_moc/edit](https://studio.youtube.com/video/uk_pB07_moc/edit)).

Em *Paca, Tatu, Cutia não!*, há um conjunto de poemas sobre os animais da Amazônia, numa postura não só lúdica, mas também de combate a preconceitos ligados a esses bichos, postura que desperta não somente uma consciência diferente no leitor, mas, também, a curiosidade, por fugir do lugar comum, ativando o que chamo de “Complexo de Pandora” (Corrêa, 2016, p.28), aspecto que pode ser ilustrado pela seguinte assertiva de Daniel da Rocha Leite: “Antonio Juraci Siqueira sabe que para um livro infantil cativar a atenção de uma criança é necessário, antes de qualquer uso e destino pedagógico, despertar a curiosidade de um leitor em construção” (2023, p.14).

Para uma melhor ilustração das minhas observações, a título de exemplo, destaco justamente o já referido poema *Coruja*:

Com um par de olhos enormes  
Que a todos chama atenção,  
A coruja não diz nada  
Mas como presta atenção!

Por isso, na antiguidade  
Ganhou fama e, hoje em dia,  
Sua imagem representa  
Nossa vã filosofia.

Mas não a tema, amiguinho,  
Ela é mansinha, asseguro;  
Só possui os olhos grandes  
Para ver melhor no escuro.  
(Siqueira, 2023, v.IV, p.86)

Essa pequena pérola se opõe à visão até tradicional, na Amazônia, da coruja como um animal de mau agouro, a famosa rasga-mortalha, sendo destacada a sua virtude de ser o símbolo da Filosofia – dado nada gratuito, pois Juraci é formado em Filosofia, área na qual atua como professor da rede estadual de ensino do Pará. Quanto às características físicas da coruja, os “olhos grandes”, se justificam pela necessidade de melhor visualização no escuro. Essa mesma postura pode ser constatada em *Urubu*:

Eu passo o dia  
no céu planando  
só na mutuca  
urubusservando...

E quando avisto  
carne estragada,  
eu limpo tudo  
sem cobrar nada.

E em recompensa  
por minha ação,  
recebo em troca  
só ingratidão!...  
(Siqueira, 2023, v.IV, p.94)

Maravilhoso e lúdico o neologismo “urubusservando” – junção de “urubu” com o verbo “observar” –, verso em redondilha menor (*u/ru/bu/sser/van/do*), sendo que os demais têm quatro sílabas (por exemplo, *Eu/ pa/sso o/ di/a*) – se bem que o último pode ser lido, forçando um pouco a barra, com quatro (*só in/gra/ti/dão!/...*) ou, de modo mais confortável, com cinco sílabas (*só/ in/gra/ti/dão!/...*).

Também é marcante o paraensismo “na mutuca” – na espreita. Porém o principal mesmo é o registro da importância do urubu para manter a cidade limpa, quando muita gente o vê como representante da sujeira – eis mais uma postura de combate ao preconceito de que é vítima nosso amigo que já é morador tradicional da cidade, tanto que o naturalista Alfred Russel Wallace, quando chegou ao Grão-Pará, em 1848, descreveu, sobre o Ver-o-Peso: “Urubus voavam lá no alto, ou, então, indolentemente, caminhavam na praia” (2004, p.36).

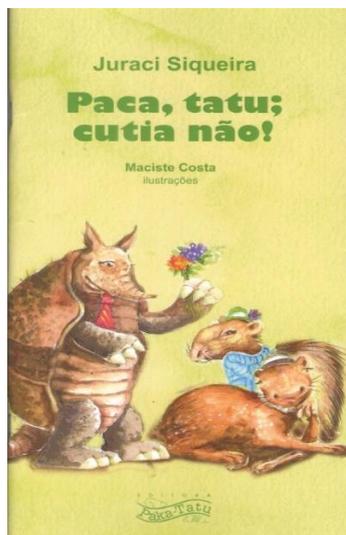
Outro poema interessante, *Socó só*, é um verdadeiro desafio sonoro:

Um só socó coçador  
pra de 1000 socós cuidar?  
É muito socó, doutor,  
para um socó só coçar!  
(Siqueira, 2023, v.IV, p.92)

Literatura para jovens leitores tem que jogar com as palavras mesmo, com significados e sons. Nesse sentido, *Socó só* é um verdadeiro trava-língua, a respeito do qual fiz, com a participação de meu filho Selton, um vídeo que postei no YouTube: *Trava-língua: poema “Socó”, de Antônio Juraci Siqueira (proposta de atividade)* (<https://youtu.be/3W0BHM2JYvM>).

Esses três poemas são uma pequena ilustração do quanto o livro *Paca, Tatu, Cutia não!* é rico em possibilidades para encantar os leitores – de todas as idades. Meu amigo Juraci, sabendo de minha paixão por esse livro, me deu a honra de lançar a terceira edição (que saiu pela Editora Paka-Tatu, ilustrado pelo nosso amigo Maciste Costa), em meu canal no

YouTube, contando com a participação da amiga Sylvia Calandrini: *Lançamento de livro: “Paca, Tatu; Cutia não!”*, de Antonio Juraci Siqueira (02/10/21) (<https://youtube.com/live/Sw9fYT0oOlg>). Segue a imagem da capa dessa edição da Paka-Tatu (muito oportuna essa conexão entre o nome do livro e o da editora):



Capa do Livro Paca, Tatu; Cutia não!  
Fonte: Acervo do autor/2024

Essa variedade que caracteriza a obra do Juraci multiplica as possibilidades de alcance de um público também muito diversificado, como bem notado por Josebel Akel Fares: “Antonio Juraci tem uma obra que abarca e abraça infinidade de leitores, nas praças, nas escolas, nas universidades, pessoas que se imiscuem no universo poético de temas, formas, gêneros diversos, em que a Amazônia flameja” (2023, p.24).

\* \* \*

Estas são minhas considerações sobre a obra do homem que dá seus corações (de papel, contendo sempre uma trova) a quem ele encontra em seu caminho. “Se alguém, por qualquer razão, / não gostou da minha rima, / deixo aqui uma sugestão:”... leia os livros de Antonio Juraci Siqueira e você encontrará um universo rico em possibilidades, de deleite e de estudo, pois esse é o efeito provocado pelos grandes escritores, como é o caso dele, um dos homenageados da Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes de 2024, homenagem mais do que merecida!...

Afinal, trata-se de um caboclo e escritor plural e, para aproveitar a expressão com que ele se autodefiniu no início deste texto, “JURamentado”... Sigamos “na mutuca”, “urubusservando”, não a carniça, como faz o urubu do poema, mas, para lembrar o par referido por Roland Barthes, o saber/sabor (1992, p.21) de qualidade, como as obras já publicadas e as que ainda virão, pois o poeta não para de escrever e publicar, nos presenteando, como bom açougueiro (profissão que ele exerceu), com cortes muito finos de “carne” de primeira qualidade, alimento para a alma de leitores e leitoras de todas as idades.

## Referências

- CARDOSO, Joel. O universo poético de Antonio Juraci Siqueira. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. Vol. I, p.12-25.
- CORRÊA, Paulo Maués. *Mito e Educação: Mitologia Grega na sala de aula*. Belém: Paka-Tatu, 2016. (Prêmio Carlos Nascimento – Ensaio/2015, da Academia Paraense de Letras)
- CORRÊA, Paulo Maués. *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2016. (Coleção Lendas Amazônicas; 1)
- CORRÊA, Paulo Maués. *Anhangá, Curupira e Mapinguari: protetores na natureza*. Belém: Paka-Tatu, 2021. (Coleção Lendas Amazônicas; 2)
- CORRÊA, Paulo Maués. *Walcyr Monteiro: o homem das visagens e assombrações*. Belém: Paka-Tatu, 2022.
- CORRÊA, Paulo Maués. *Quarteto de Eros: o erotismo em quatro autores da Amazônia – Alfredo Garcia, Daniel da Rocha Leite, Haroldo Maranhão, Maria Lúcia Medeiros*. Belém: Sapucaia Pockets, 2023.
- FARES, Josebel Akel. Antonio Juraci Siqueira, o poeta canoeiro. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. Vol. II, p.10-25.
- LEITE, Daniel da Rocha. Sobre as águas de um menino que queria ser canoeiro. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. Vol. IV, p.10-15.
- NUNES, Paulo. Antonio Juraci Siqueira: tradição ressignificada de um poeta “marajoara antifascista”. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. Vol. V, p.10-19.
- OLIVEIRA, José Coutinho de. *Imaginário Amazônico*. Belém: Paka-Tatu, 2007.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Incêndios e Naufrágios: antologia poética*. Belém: Paka-Tatu, 2007.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Paca, Tatu, Cutia não!*. Belém: Secult, 2008. (Prêmio do Edital de Literatura Infanto-Juvenil Imagina Só!)
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Canto Caboclo*. Belém: Paka-Tatu, 2008.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras Reunidas*. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023. 5 v.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal; v.17)

## **Sobre o autor**

### **Paulo Maués Corrêa**

Professor da E.E.E.M. Augusto Meira, pertencente à Rede Estadual de Ensino – SEDU-PA. Licenciado em Letras (UFPA/2001), Especialista em Literatura e suas interfaces (UEPA/2004), Mestre e Doutor em Estudos Literários (UFPA/2006 e 2020). Membro dos Grupos de Pesquisa Makunaíma: literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina (CNPq/UFPA) e Culturas e Memórias Amazônicas – CUMA (CNPq/UEPA). Autor de estudos sobre Literatura e Cultura da Amazônia. Produtor de conteúdo para o *YouTube* (@PauloMauesCorrea).

E-mail: [paulomauescorrea@yahoo.com.br](mailto:paulomauescorrea@yahoo.com.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8692-624X>

Recebido: 30/04/2024

Aprovado: 28/05/2024

**ANTONIO JURACI SIQUEIRA, O POETA CANOEIRO**  
**ANTONIO JURACI SIQUEIRA, EL POETA DE LA CANOA**

Josebel Akel Fares

Dedico este texto a Vania Alvarez, em memória,  
professora que co-organizou as *Obras Reunidas* de Juraci  
e insistiu na escritura deste texto

**Resumo**

Este estudo, com poucas modificações, faz parte do prefácio do volume II da *Obra Completa de Antonio Juraci Siqueira*, sobre a Poesia Popular, que reúne a produção da literatura ou folhetos de cordel e as trovas, publicados em livretos, alguns depois reunidas em livros. Na primeira parte do volume, o poeta introduz um estudo sobre a literatura de cordel na Amazônia e, na segunda, um breve estudo sobre a trova. Além dos estudos, Juraci conta um pouco da sua história de vida, que se encontra com a história do seu fazer poético. Este texto, agora transformado em artigo, conversa com o leitor sobre algumas questões relativas às poéticas orais, contextualiza o autor nas literaturas de expressão amazônica e faz um voo de apresentação de alguns folhetos de cordel do poeta.

**Palavras-chave:** folhetos de cordel, trovas, Amazônia, história de vida

**Resumen**

Este estudio, con pocas modificaciones, forma parte del prefacio al volumen II de la *Obra Completa de Antonio Juraci Siqueira*, sobre Poesía Popular, que reúne la producción de literatura o folletos de cordel y trovas, publicadas en folletos, algunas recogidas posteriormente en libros. En la primera parte del volumen, el poeta introduce un estudio sobre la literatura de cordel en la Amazonia y, en la segunda, un breve estudio sobre la trova. Además de sus estudios, Juraci cuenta un poco de la historia de su vida, que coincide con la historia de su obra poética. Este texto, transformado ahora en artículo, conversa con el lector sobre algunas cuestiones relacionadas con la poética oral, contextualiza al autor en la literatura amazónica y presenta algunos de los folletos de cordel del poeta.

**Palabras clave:** folletos de cordel, trovas, Amazonía, historia de vida.

A discussão sobre o gênero literatura popular, oral, é polêmica. As literaturas advindas da voz, de métrica e rima de tradição europeia, bem como as histórias contadas por vozes, muitas vezes, iletradas, são discriminadas pelos críticos, que parecem não compreender que toda a chamada literatura canônica tem suas origens em grandes cancioneiros de tradição popular.

Os repertórios narrativos, cantados em verso ou contados em prosa, compreendem um complexo repertório nomeado como mito<sup>10</sup>, “mitopoética”, “literatura da voz”, “oratura”, “poéticas de tradição oral”, que se expande para os gêneros literários orais, ou ao conjunto narrativo em que se inserem textos originários dos lendários, dos anedóticos, das fábulas, dos romanceiros, dos cordéis, e de outras formas prosaicas e em verso. O cordel, por exemplo, está na letra do “panfleto” e, muitas vezes, na voz do contador e do cantador (Fares, 2008, p. 102).

Nas comunidades narrativas, em especial nas rurais, as personagens e as histórias são nominadas como marmota, encantado, anedota, remorso, jangadas e, muitas vezes, implicam nas histórias de vida dos contadores. Sendo assim, em alguns casos, não se pode atribuir o caráter ficcional a estas, mas compreendê-las como uma construção em que os saberes simbólicos e imaginários misturam-se e sobrepõem-se. O pesquisador das poéticas orais precisa do apetrechamento de saberes locais para se inserir melhor no universo que pretende revelar, pois o “descontexto” vocabular, algumas vezes, rapta o conhecimento.

Na Amazônia, em formatos e gêneros diferentes advindos da tradição oral, a cultura híbrida, para usar o termo de Canclini (1998), é marca. A primeira geração modernista clama a quebra de uma cultura hegemônica e a busca de um ideal de brasilidade, expressa em manifestos. Abguar Bastos (1927), em seu *Manifesto Flamin-açu*, propunha:

FLAMIN-N'-ASSU é mais sincera porque exclui, completamente, qualquer vestígio transoceânico, porque textualiza a índole nacional; prevê as suas transformações étnicas, exalta a flora e a fauna exclusivas ou adaptáveis do país, combate os termos que não externem sintomas brasílicos, substituindo o cristal pela água, o aço pelo acapu, o tapete pela esteira, o escarlate pelo açai, a taça pela cuia, o dardo pela flecha, o leopardo pela onça, a neve pelo algodão, o veludo pela pluma de garças e sumaúma, a “flor de lótus” pelo “amor dos homens”. Arranca, dos rios as maravilhas ictiológicas; exclui o tédio e dá de tacape, na testa do romantismo; virtualiza o Amor, a Beleza, a Força, a Alegria, os herpes das planícies e dos sertões e as guerras de independência; canta ruidosa os nossos usos e costumes, dando-lhes uma feição de arrogância curiosa (Revista *Belém Nova*, nº de 15.09.27 in Meira et all).

---

<sup>10</sup> Mito: narrativa de um fato que transcende a natureza humana, entre sobrenaturais, divinos ou divinizados. Classificação: teogônicos (origem dos deuses); cosmogônicos (origem e evolução da terra); astronômicos (mundo astral); culturais (seres e explicação de uma prática, crença, instituição); naturais (fenômeno físico); etiológico (coisas) (WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e linguístico*. 2.ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995).

A segunda geração compreende que não há como defender uma cultura sem o transoceanismo, que somos marcados desde a chegada do colonizador, no processo de maturação artística, os temas sociais e regionais têm maior relevância. Dalcídio Jurandir (1942), em artigo, reflete sobre o processo cultural mestiço ao analisar a massacrante situação vivida pelo trabalhador da região de Breves<sup>11</sup>, no Marajó. Alerta que, além das etnias conhecidas como formadoras da cultura brasileira, há um entrelaçamento de outras culturas aqui aportadas em diferentes momentos. Na região referida, o seringueiro é o tipo social, o trabalhador mais comum. Todavia, quando a borracha entra em decadência, o caboclo atende ao chamado dos negociantes de madeira e trabalha diuturnamente, derrubando as madeiras de lei que povoam as florestas de várzea, rolando e transportando para o porto de embarque. “Os navios de alto mar entravam pelos rios de Breves e ancoravam em frente aos trapiches de barracão. E passam dias e dias embarcando madeira”. E assim se estabelecem, para além do saque das nossas florestas, trocas culturais:

Os negociantes locais têm ocasião para entrar em contato com marítimos gregos, ingleses, norte-americanos e espanhóis. É vinho da Itália, roupas da Inglaterra, champanhe da França e licores são servidos em mesas rústicas dos barracões, em meio da cuia de açaí, do pirarucu assado, do camarão frito, da carne salgada e do copo de cachaça com limão. Perfumes, capas, peles, conservas raras, cervejas inglesas espantam os caboclos curiosos e negociantes ávidos (Jurandir, 1942).

As culturas interagem, os navios transportam saberes de um lado a outro. A arte vinha com os marinheiros estrangeiros, com os saques que a Amazônia sofria, e ainda sofre, no interior do seu território. Ela chegava também com as viagens de seus habitantes mais abastados aos países estrangeiros e com intelectuais que circulam entre países e estados. História cumprida expressa em muitos relatos viajantes...

As literaturas estavam nas malas e nas arcas que chegaram em diferentes portos da *terra brasilis*. O folheto de cordel, segundo Salles, “Produto cultural de origem europeia, o cordel, ou o folheto de literatura popular, desenvolveu-se – e aperfeiçoou-se – no Nordeste. Compõe vasto acervo de manifestações literárias, quase sempre versificadas e, em geral de autor reconhecido”(Salles, 1985, p25).

Do Nordeste, os cordéis chegam ao Norte, principalmente, na voz e na bagagem da população migrante, que corria das grandes secas e se instalou na Pátria das Águas, como nomina Thiago de Mello (2002) a região amazônica. E, entre outros municípios do Pará, os

---

<sup>11</sup> Hoje Microrregião de Furos de Breves, composta pelos seguintes municípios: Afuá, Anajás, Breves, Curralinho e São Sebastião da Boa Vista.

do Marajó, da região de Furos de Breves, a exploração da borracha se expandia, e os nordestinos para ali levavam seus parques pertences e a volumosa herança poética. Ainda hoje, ao percorrer essa região marajoara, ouvimos vozes que cantam cordéis ou romances, ou que recitam outras formas fixas, guardadas na memória pelas marcas do dizer, pelos ritmos marcados por rimas, métricas. Na Amazônia, o cordel sofre um processo de reelaboração e o poeta integra o *ciclo dos seringais*.

O ajuntamento do fator cultural parece ter sido tão normal quanto o transplante de uma planta saída da terra sáfara para o canteiro adubado: como que revigorou. Penosa, na realidade, foi a experiência do homem tangido dos sertões pelas secas periódicas e jogado à própria sorte na planície. (...) O transplante do modelo nordestino de cantoria e de poesia impressa não deve ser visto de seu principal agente de criação e difusão: o cantador e, principalmente, o poeta que se deslocou dos sertões do Nordeste para o interior da Amazônia (Salles, 1985, p.92).

É neste Marajó híbrido que nasce Antonio Juraci Siqueira – ou Totó do Cajary, Juraboto, Filho do boto, o Jura –, em uma família que já trazia a poesia na herança, que incursiona o ser poeta de uma obra que fica em pé. Ouvi certa vez um poeta dizer: “a minha obra fica em pé sem esteios, ela já se aguenta”. Matutei um pouco sobre o que significava ficar em pé. Seria devido ao volume de livros publicados ou seria pela densidade poética? Não tive coragem de perguntar. Entretanto, pensando na conversa, asseguro que se referia às duas questões: volume e densidade poética. Assim é a obra de muitos escritores, como a de Antonio Juraci.

Conheci o Jura como Totó, nos Totrovarais que acompanhavam as programações culturais do município de Belém, nos idos dos anos oitenta, época em que editava seus livros de maneira artesanal e os colocava à disposição do público a preços simbólicos. A militância de Juraci no mundo poético abrange gêneros diversos e formas literárias fixas e livres, em prosa, em verso, ou misturando os dois.

Os nove cordéis da edição do volume II da *Obra Completa de Antonio Juraci Siqueira*, sobre a Poesia Popular, apresentam a forma do folhetos tradicional e trazem tema e personagens que subjazem do imaginário amazônico, como se pode observar a partir do próprio título dos livros: *O Menino que ouvia estrelas e se sonhava canoeiro*, *O Chapéu do Boto*, *O Bicho Folharal*, *Mãe d'Água*, *O mito da criação da noite*, *O mito da criação dos rios da Ilha do Marajó*, *Irmã Serafina Cinque: o anjo da Amazônia*, *Antes que seja tarde*, *A vingança do Ataíde em favor do Manguezal*, *O nascimento do Siriá* e *Catirina e Pai Francisco: a história do nascimento do Boi Bumbá*.

As histórias *enversadas*, como se ouve nomear na voz, explicam as origens de algumas manifestações culturais, lugares, que, misturados com o complexo narrativo mítico, afirmam a cultura híbrida, composta por diferentes culturas vindas de fora do Brasil ou de outras regiões nacionais, conforme falei anteriormente. Segundo o próprio Antonio Juraci Siqueira, em *depoimento sobre Vicente Salles e o cordel no Pará*<sup>12</sup> no canal Paulo Maués Corrêa, no YouTube, disponibilizado em janeiro de 2021, foi o grande Vicente Salles que o incentivou a escrever folhetos com temas da Amazônia. Entre tantos escritos, escolhi três folhetos para comentar um pouco.

*O Menino que ouvia estrelas e se sonhava canoeiro* (Juraci, 2010) é um folheto autobiográfico, em XLIV estrofes, setilhas ou sétimas, de estrutura dos poemas épicos tradicionais. A dedicatória é aos canoeiros Antonio (Totó) Siqueira, o pai; José (Lilico) Siqueira, o padrinho; José Oliveira Lima, o padrasto; à Esmeralda (Joca) Siqueira, a mãe; à lembrança da canoa freiteira “Flor do Cajary”; na invocação, pede proteção à Virgem Mãe de Nazaré, como se fazia na epopeia clássica, em que se invocava a inspiração às divindades protetoras dos poetas. Depois, numa espécie de proposição, pede ao seu leitor que arrume sua mala de sonhos para ouvir o seu romance de cordel. E, então, começa a contar a história do menino que queria ser canoeiro, como diz o título do folheto, e descobre, através do sonho com as musas, que já havia alcançado seu desejo, era canoeiro da poesia. O cordel narra sobre o nascimento, pais, mudanças, estudos, profissão e o poetar, sempre, até chegar à rua Felicidade, nº100, endereço que o define e que mantém até hoje. Por fim, o epílogo: o menino é o timoneiro da poesia.

*Nasceu e cresceu às margens  
de um rio, nos cafundós  
de Judas, ouvindo histórias  
narradas por seus avós.  
Viveu sem traumas, sem mágoas,  
tomando banho nas águas,  
da floresta ouvindo a voz.*

*O seu pai, marajoara,  
canoeiro de valor,  
navegava águas caboclas  
na corola de uma flor.  
Um dia partiu ligeiro  
para o céu. Foi ser proeiro  
da nau de Nosso Senhor.*

---

<sup>12</sup><https://www.youtube.com/watch?v=ncDJPfCKjv8&feature=share&fbclid=IwAR3K4PoIQXF-EuG69YT2sFjXlp9RjqX6F654YbKnm5UhDKiYHgd2AwuifYo>

*Sua mãe, verde esmeralda  
talhada muiraquitã,  
passava os dias cismando  
em seu infinito afã...  
Pensamentos de bubuia,  
bordava sonhos tapuia  
sobre o lençol da manhã.*

*Um avô cantava causos  
dos cangaços do sertão,  
outros avós lhe ensinavam  
o bê-á-bá da instrução  
e quando a noite chegava,  
a avó cabocla contava  
histórias feitas de chão.*

*O Mito de Criação dos Rios da Ilha do Marajó* (Juraci, 2013) (narrativa baseada no mito de criação dos rios da ilha do Marajó, relatado pelo índio Aruã Severino dos Santos, ao naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, no ano de 1783), folheto de 30 estrofes, “composição em setilhas setissilábicas no esquema de rimas xaxabba”. Após apresentar-se como poeta ribeirinho, fazer a invocação, o narrador explica a origem dos rios do Marajó, em história contada pela ancestralidade indígena, que atribui às cobras gigantes e à fúria do mar a salvação do Marajó. Na seca, todos os bichos fugiram, muitos morreram, as cobras grandes resolvem ir em busca de água, deixando sulcos no chão, alcançam o mar, que aborrecido, invade a terra e por onde as cobras passaram, joga água, que forma os rios, e os animais se salvam. Já observaram como os rios da Amazônia, vistos de cima, parecem rastros de cobras? Um belo poema, em que a linguagem incapacita expressar o estético em um resumo, melhor correr a ele.

*Foi quando as cobras gigantes,  
Sentindo a morte chegar  
Em prol da sobrevivência  
Água tentaram encontrar/  
Com força e fúria tamanhas  
retiradas das entranhas  
seguiram ao encontro do mar.*

*Impossível descrever  
das serpentes o pavor.  
Cada uma parecia um trator/  
Rasgando sulco do chão  
indo em qualquer direção/  
alheias a própria dor. [...]*

*Ouvindo o bramir das ondas  
sobre a praia soluçar,  
as boiunas gigantescas  
ganharam forças sem par  
vencendo a grande batalha  
e derrubando a muralha/ que as separam do mar.*

*No momento em que as serpentes  
dentro do mar penetraram,  
este, ferido em seus brios,  
os rastros que elas deixaram/ invadiu sem qualquer dó  
e os rios do Marajó  
nesse instante se formaram.*

*Dos rastros das sucuris  
os igarapés surgiram,  
dos rastros das boioçus  
grandes rios emergiram  
dando vida nova ao lago  
num doce e líquido afago  
e em prol da vida se uniram.*

A abundância da água (Fares, 2018) – as aquonarrativas, termo cunhado por Paulo Nunes (2001) – e da seca – as sedenarrativas – é recorrente em poéticas amazônicas, principalmente no Marajó, região com as duas estações bem definidas. Anoto dois exemplos, para dialogar com o texto do Juraci. Em Dalcídio Jurandir (1994, p.133-134), como no mito do folheto, a cobra foge do rio que está secando, em busca de água, e abandona o rio:

Era a queixa de um rio à cobra, sua mãe, que o abandonava. O rio se lamentava soturnamente no meio do mato. Cobra grande não me abandone. A terra crescia na água. O rio secava. Os estirões, largos outrora, se estreitavam, se estreitavam e as margens se fundiram, balançando na rede dos cipoais. Cobra grande não me abandone. A cobra dormia no fundo do rio e de repente acordou, era meia noite e deu um urro: vou-me embora pras águas grandes. Então os peixes, todos os bichos, os caruanas, as almas dos afogados, os restos de trapiches, as montarias também seguiam pras águas grandes. Os restos de cemitério que tombavam nas beiradas também partiam pras águas grandes. Adeus, ó limo da cobra grande, adeus ó peixes, adeus, marés, tudo vai embora pras águas grandes. Até a lama há de partir, os aningais, as velhas guaribas, tudo seguindo pras águas grandes. O rio se queixava, se queixava, secando sempre: não me abandones, mea mãe cobra, me amamenta nos teus peitos, vomita em meu peito o teu vômito, enche os meus poços, alaga as margens, quero viver, quero as marés, mãe cobra grande. Ninguém ouvia o agonizante rio.

Em Eneida (2020, p.33-34), o diálogo se estabelece na crônica *Ouçam o ruído dos jacumãs*, em que narra o mito de origem da ilha do Marajó. O Marajó nasce do amor não correspondido de Nonhon por Surnizuno (o rio Amazonas). Rios e ilha nascem da fúria pela audácia das cobras ou da virgem, que é transformada na Ilha do Marajó:

Lembro de Tungurana, pai de Surnizuno, exigindo de Nunó – a lua – que derramava somente leite na boca de Paqueima – a madrugada – que fizesse também auroras sangrentas. Surnizuno, filho de Tungurana, depois se chamou Solimões, Maranhão e finalmente Amazonas. Isto tudo acontecia naquele tempo, quando deuses, rios, florestas e pássaros falavam, sentiam e agiam, eram gente. Surnizuno despertou o amor de Nonhon, a virgem que guardava em si os tesouros da terra e ela, um dia, cheia de amor, beijou-o na boca. O beijo de Nonhon não interessava Surnizuno porque ele não a amava; a carícia enfureceu-o, a ousadia irritou-o e assim, de sua tremenda cólera, surgiu a pororoca. Como castigo pela audácia que tivera, Capu transformou o corpo de Nonhon numa ilha: a do Marajó. (Não se beija impunemente o Amazonas). Sobre o corpo de Nonhon feito ilha, Paqueima teve ordem de realizar os desejos de Tunguragua: enfeitá-la com madrugadas sangrentas.

As narrativas sofrem processos de variações, de acordo com quem conta, com o local, com o tempo, entre outros elementos responsáveis pelas variáveis, porém resguardam sempre alguns elementos identificados como as matrizes invariantes. Assim, *O Chapéu do Boto* (2010) traz importante e conhecido personagem da mitopoética amazônica, definido pela seguinte estrutura ou morfologia, como diz Propp (1984): um estranho invade o espaço das comunidades ribeirinhas, seduz mulheres, as engravida, as abandona, e, depois de nove meses, nasce o filho de boto.

E, como o mito serve para explicar fatos inexplicáveis ou de difícil aceitação, a mulher é perdoada por ter copulado com uma entidade dos rios, que no momento da sedução se apresenta na forma humana. No caso do boto, segundo Loureiro (2001), o mito é uma forma de justificar a gravidez fora do casamento ou a infidelidade feminina. Na narrativa de viagem do casal Agassiz (1975), a esposa Elizabeth admira-se ao ouvir as nativas explicarem a origem dos pais de seus filhos: “Não têm pai, são filhos da fortuna”, que, acredito, corresponderiam aos filhos de boto, constituídos posteriormente.

Em *O Chapéu do Boto*, a história acontecida na comunidade ribeirinha de Cajary, contada pelo avô do eu-narrador, as vestes da personagem se aproximam da matriz mítica e são a chave para o desfecho:

*terno branco, cinturão  
com dois rubis na fivela  
sapatos cor de alcatrão  
feitos do mais fino coró  
um belo relógio de ouro  
e um vistoso chapelão.*

No momento epifânico, o chapéu é o elemento revelador:

*E toda a sua mandinga  
estava nesse chapéu  
cujas abas, muito largas  
funcionavam como um véu  
de poder e de magia  
sob o qual ele escondia  
seu instinto cruel.*

Os ribeirinhos de Cajary, descontentes com a situação, armaram um plano de vingança contra o boto, intencionavam agarrá-lo e desmascará-lo. Não conseguiram pegá-lo, pois o corpo do sedutor era muito liso, porém, na confusão e na tentativa de fuga do personagem humano-sobrenatural, o mistério se desfez: o chapéu caiu no chão,

*transformou-se numa arraia  
e nas águas mergulhou;*

O relógio de ouro que trazia no pulso,  
num pequeno caranguejo  
agora se transformara;

o sapato  
transformou-se, nesse instante,  
em acaris de água doce;

o cinturão virou cobra; a pequena montaria  
em jacaré se tornou;

e o rapaz sedutor já sem as vestes jogou-se nas águas do rio  
e foi boiar, lá na frente  
feito um boto tucuxi.

A metamorfose – elemento mítico fundamental – acontece, se desfaz o encanto, a magia desvanece.

Em relação à poética das trovas, o autor é pródigo. O gênero é discriminado pela intelectualidade, que preferiu apostar nos haicais a apostar na forma de versejar simples e tradicional, como diz Jorge Amado, citado por Juraci: “não pode haver criação literária mais popular, que fale mais diretamente ao coração do povo que a trova”. A 2ª parte deste volume, dedicado à trova, inicia com o livro *Estrelas de 4 pontas (I)*, em que o autor esclarece:

*A Trova, composição de quatro versos setissílabos, rimados, com sentido completo e independente, divide-se quanto à mensagem, basicamente em três grupos, a saber: filosóficas, líricas e humorísticas. Desse modo, as trovas ditas religiosas, românticas, satíricas, educativas, cívicas e etc. em verdade pertencem a uma desses grupos básicos. Logo a nomeação das trovas deste*

*livro, em, por exemplo: ecológicas, caboclas plangentes, gaiatas, etc. não deve ser vista como uma classificação, não possuindo por isso, nenhum valor didático. Seu objetivo, além do fator estético, é facilitar aos leitores a memorização das trovas através do método de associação de ideias.* (Juraci Siqueira, 1989).

O *Estrelas...* compõe-se de 100 trovas, nas diferentes temáticas, conforme anuncia na sua nota de esclarecimento. Seguem os livros *Rastros de Luz* (reunião de trovas das mais diferentes temáticas), *Estrelas de 4 pontas (II)* (trovas líricas e filosóficas), *Esta vida é um jogo, bicho!*, *Pétalas do Riso* (trovas humorísticas), *Quem souber, levante o dedo!* (100 trovas-adivinhas) e Livro VII – *Apêndice*, composto e organizado a partir das respostas das trovas-adivinhas apresentadas no Livro VI, elaboradas pelo autor.

As trovas de Juraci correm mundo através dos corações poéticos, sucesso nos lugares por onde o poeta distribui. Sobre a inserção de Juraci na difusão do gênero e na organização de cordelistas, cabe anotar que, como coordenador da União Brasileira de Trovadores/Seção Pará, organizou concursos, editou publicações, divulgou trabalhos de autores locais e nacionais. Recupero, entre outros, os concursos nacionais promovidos pela Semec, na década de 1980, sugeridos e coordenados pelo trovador, o que resultou em três *Cadernos de Cultura*, da série Verso e Prosa/Trovas, números 6, 7 e 9. O número 6, 1986, com dois temas: Adeus e Lenços; o 7, 1987, tema Madrugada; o 9, 1988, tema Sol. E, por sugestão de Vicente Salles, organiza, junto com a Academia Paraense de Cordel, os Encontros de Cordelistas da Amazônia, iniciados em 2011.

Antonio Juraci tem uma obra que abarca e abraça infinidade de leitores, nas praças, nas escolas, nas universidades, pessoas que se imiscuem no universo poético de temas, formas, gêneros diversos, em que a Amazônia flameja. Para finalizar, cito três dissertações que tenho em mãos, como síntese dos muitos estudos sobre sua obra e como indicação de leitura para os interessados no estudo da poética de Juraci e o cordel no Pará:

*Discurso Amazônico no varal*, de Janete Silva Borges, defendida em 2005, no Curso de Mestrado em Estudos Literários/UFPA, orientada pela Professora Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões. Na parte dedicada à geração atual de cordelistas no Pará, dedica 20 páginas do seu trabalho para tratar da obra de Juraci.

*Literatura de cordel: entre versos e rimas sotádicos e sacânicos*<sup>13</sup>, de Ana Maria de Carvalho, defendida em 2010, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários/UFPA, orientada pelo Professor José Guilherme dos Santos Fernandes. No capítulo Versos Sacânicos: revelar das entrelinhas, analisa os folhetos de Juraci *Brasil 500 ânus*, *Cabuca do rabo grande* e *O enrabador do deserto*.

*Literatura e Educação na Amazônia: Imaginário poético em Antonio Juraci Siqueira*<sup>14</sup>, de Ivone Caldas Carvalho, defendida em 2015, no Programa de Pós- Graduação em Educação/UEPA, orientada por Josebel Akel Fares, trabalho dedicado ao estudo da vida e da obra do poeta, dividido em três travessias – 1ª travessia: Barco no cais: caminhos; 2ª travessia: Igarité literária do escrito; e 3ª travessia: Igarité literária do oral: performance e recepção.

Caro leitor, agora te convido para entrar na canoa do Jura e viajar nos versos do poeta canoeiro.

Josebel Akel Fares/  
Janeiro de 2021

## Referencias

AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1985-1966*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

ENEIDA. *Cão da Madrugada*. Org. Josebel Fares e Paulo Nunes. 3.ed. Belém: Paka-Tatu, 2020, p.33-34.

FARES, J. A. Cartografia Poética. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). *Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizadores amazônidas*. Belém: Eduepa, 2008, p.102.

FARES, J. A., Imagens poéticas das águas amazônicas In: *Sociedade e saberes na Amazônia*. Belém: EDUEPA, 2018, v.1, p.88-118. E-book disponível em: <https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2019/06/SOCIEDADES-E-SABERES-DA-AMAZONIA.pdf>.

JURANDIR, Dalcídio. Alguns aspectos da Ilha de Marajó. In: *Cultura Política*. Rio de Janeiro, ano 2, n.16, 1942.

JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e uma rio*. 3.ed. Belém: Cejup, 1994, p.133-134.

LOUREIRO, J. J. Paes. *Cultura Amazônica, uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001. No capítulo *A iluminação poética dos mitos*, dedica algumas páginas para o estudo do mito do boto (p.206 a 220).

NUNES, Paulo Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. Belém: UFPA, 1999. In: *Pedras de encantaria*. Belém: EdUnama, 2001.

PROPP, V. I. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense, 1984. Organização e prefácio de Bóris Schnaiderman.

Revista *Belém Nova*, nº de 15.09.27 apud MEIRA, M; ILDONE, J.; CASTRO. A. *Introdução à Literatura no Pará*. Belém: Cejup, 1990, p.293-294.

SALLES, Vicente. *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985, p.25.

MELLO, Thiago de. *Amazonas: Pátria da Água e Notícia da visitação que fiz no verão de 1953 ao rio Amazonas e seus barrancos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SALLES, Vicente. *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obra Completa de Antonio Juraci Siqueira*, volume II. Belém: Ed. Dalcidio Jurandir, 2022.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *O Chapéu do Boto*. Edição bilíngue (traduzida para o francês por Ana Silvia Daudibon, ilustrada pelo traço delicado de Michel Daudibon). Belém: Pakatatu, 2010

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *O Menino que ouvia estrelas e se sonhava canoeiro*. Edições culturais em Literatura de cordel, Belém: IAP, 2010. Prêmio IAP.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *O Mito de Criação dos Rios da Ilha do Marajó*. Belém: Edições Papachibé, 2014. Capa, composição, revisão e edição do autor.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Estrela de 4 pontas* (trovas). Belém: Falângola, 1989

WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e linguístico*. 2.ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995).

<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2057>

[https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/09/ivone\\_caldas\\_carvalho.pdf](https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/09/ivone_caldas_carvalho.pdf)

<sup>1</sup><https://www.youtube.com/watch?v=ncDJPfCKjv8&feature=share&fbclid=IwAR3K4PoIQXF-EuG69YT2sFIXLp9RjqX6F654YbKnm5UhDKiYHgd2AwiifYo>

#### **Sobre a autora:**

Josebel Akel Fares. Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes, com estágio Pós-doutoral em Educação. Professora titular de literatura UEPA.

E-mail: [belfares@uol.com.br](mailto:belfares@uol.com.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2384-0582>

Recebido: 20/06/2024

Aprovado: 01/07/2024

**ENTRE VERSOS E RIMAS DE JURACI SIQUEIRA: A FORMAÇÃO DE  
LEITORES<sup>15</sup>**

**BETWEEN VERSES AND RHYMES BY JURACI SIQUEIRA: THE FORMATION OF  
READERS**

Ana Maria de Carvalho  
Universidade do Estado do Pará  
Belém/Pará - Brasil

**Resumo**

Neste trabalho serão abordados os cordéis: O chapéu do boto e O Bicho Folharal, de Antonio Juraci Siqueira. Estas obras foram usadas no projeto de leitura com o objetivo de desenvolver a formação de leitores nas turmas do sétimo ano, da Escola Municipal João Paulo II, localizada em Ananindeua – PA. Os dois títulos foram escritos para o público infantil-juvenil. A escolha justifica-se pela discussão sobre temas considerados transversais como: meio ambiente e mitos amazônicos. Ao trabalhar com essas obras buscou-se responder como a literatura de cordel pode contribuir para o processo de formação de leitores. No intuito de responder a tal questionamento o projeto seguiu uma sequência didática, na qual os alunos foram apresentados às obras, pesquisaram informações sobre o autor e a seguir foi iniciado o processo de leitura.

**Palavras-chave:** Leitor; leitura; ensino.

**Abstract**

In this work, the cordels will be addressed: O chapéu do boto and O Bicho Folharal by Antonio Juraci Siqueira. These works were used in the reading project with the objective of developing the formation of readers in the seventh grade classes of the João Paulo II Municipal School, located in Ananindeua – PA. Both titles were written for children and young people. The choice is justified by the discussion on themes considered transversal such as: the environment and Amazonian myths. By working with these works, we sought to answer how cordel literature can contribute to the process of forming readers. In order to answer this question, the project followed a didactic sequence, in which students were introduced to the works, researched information about the author and then the reading process began.

**Keywords:** Reader; reading; teaching.

---

<sup>15</sup> Este artigo foi publicado, com o título “O cordel e o processo de formação de leitores”, nos Anais do XXXV ENANPOLL, online, 2020, p. X-. Foi adaptado com novas informações para publicação nessa revista.

## **Introdução**

Os dois cordéis: *O Chapéu do Boto* e *O Bicho Folharal* foram escritos para o público infantil-juvenil. E, segundo o autor, para concorrer ao prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel — 2010, edição “Patativa do Assaré”, ficando entre os dez primeiros dos oitentas inscritos naquele ano. Posteriormente, foram publicados em 2012 pela editora Paka-Tatu.

Em *O Chapéu do Boto*, observa-se a apresentação de um dos mitos mais conhecidos na Amazônia. E *O Bicho Folharal* é uma versão desse conhecido conto popular, adaptado para a literatura de cordel. Em ambos, somos apresentados aos muitos saberes amazônicos. Esses dois textos encontram-se no volume II de *Obras Reunidas* (2023) de Antonio Juraci Siqueira, junto com mais nove cordéis que compõem a primeira parte dessa edição.

Este artigo, como já foi mencionado no resumo, justifica-se pela discussão sobre temas considerados transversais como meio ambiente e mitos amazônicos; além disso, busca responder como a literatura de cordel pode contribuir para o processo de formação de leitores, a partir das leituras desses dois textos.

O artigo encontra-se organizado em dois tópicos: o primeiro traz o referencial teórico, suporte deste trabalho (dividido da seguinte forma: uma breve discussão sobre literatura de cordel e depois sobre formação de leitor); e o segundo apresenta a análise dos textos escolhidos; além das seções básicas como introdução, considerações finais e referências.

## **Referencial teórico**

O presente artigo traz algumas discussões sobre o cordel e a formação de leitores a partir dos textos teóricos de Marcia Abreu, Idelette Muzart dos Santos, Teresa Colomer, dentre outros. A primeira parte aborda sobre o cordel, a segunda trata do processo de formação de leitor e a terceira, entre versos aborda o escritor e as duas obras explanadas neste artigo.

## **Cordel**

Para Márcia Abreu (1999), a nomenclatura literatura de cordel usada para denominar esse tipo de produção não era muito reconhecida pelos autores e consumidores nordestinos, eles, em geral, usavam o nome de folhetos. Na região central do Maranhão, por exemplo, ainda hoje ouço as pessoas chamá-los de romances, outra forma de denominar. A autora afirma que “a expressão ‘literatura de cordel nordestina’ passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente” (Abreu, 1999, p. 17).

A respeito da terminologia literatura de cordel, Idelette Muzart dos Santos (2006, p. 60.) afirma que: “a aparição no Brasil de um novo termo, literatura de cordel, para designar o folheto, pode ser datado de 1879-1880. Sílvio Romero é sem dúvida o primeiro brasileiro a utilizar a expressão”, é importante frisar que ele usa a expressão para se referir aos textos oriundos de Portugal que eram encontrados aqui, no Brasil.

Outro ponto importante diz respeito ao modo como esses cordéis portugueses chegaram ao nosso país; uma possibilidade, segundo Abreu (1999), é de que eles vieram junto com os livros encomendados para os seguintes Estados: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará. São exemplos de cordéis portugueses que circularam pelo Brasil: “A história de Carlos Magno e os doze pares da França”, “A donzela Theodora”, etc.

Apesar da influência, há uma diferença muito grande entre a produção portuguesa e a brasileira, diferença essa que vai, com o passar do tempo, se consolidando na forma e no conteúdo. Sobre esse assunto Abreu (1999) afirma o seguinte:

Assim, entre o final do século XIX e os anos 20, a literatura de folhetos consolidou-se: definem-se as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura. Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui, havia [sic] autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais a vida dos nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público (Abreu, 1999, p. 104-105).

O processo de composição, as características gráficas e o modo de comercialização dos folhetos, mencionados na citação, em parte, devem muito ao trabalho de Leandro Gomes de Barros, em 1893, ao de Francisco das Chagas Batista, em 1902 e ao de João Martins de Athayde, em 1908. Nesse período, por meio desses poetas, foram definidas as características.

Ao pesquisar acerca da classificação temática dos folhetos, observei que não há uma uniformidade entre os pesquisadores, cada um, a sua maneira, elabora uma classificação, talvez porque há uma infinidade de assuntos que são abordados nos folhetos.

Idelette Muzart-Fonseca dos Santos (2006), quando elenca as sete principais classificações datadas entre 1955 e 1976, afirma que essas classificações são feitas com base nas dicotomias: passado e presente, criação e tradição.

A respeito do cordel em sala de aula e do uso destes com o público infantil, no artigo intitulado: “Lendo e brincando com as sextilhas e outros versos”, publicado na obra *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*, Alves et al (2011, p. 52) afirmam:

Sobre o cordel para criança, verifica-se que é muito comum cordelistas incluírem em suas produções folhetos com características do universo infantil, adaptado para o cordel. Exemplo disso são contos de fadas e as fábulas, histórias e versos sobre animais.

Os folhetos usados corroboram com a ideia apresentada na citação acima, pois nos dois textos de Juraci Siqueira temos versos que falam sobre animais, principalmente no folheto *O Bicho Folharal*.

### **Formação de leitor**

A leitura é de fundamental importância para que o aluno venha desenvolver habilidades e competências sobre como problematizar um assunto, compreender as entrelinhas de um texto e tornar-se conhecedor dos seus direitos. No entanto, o processo de formação de um leitor é bastante complexo e exige diversas estratégias ao longo de sua formação.

Teresa Colomer, em sua obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola* (2007, p. 110), defende a leitura compartilhada como passo fundamental para o processo de formação de leitor, faz as seguintes ressalvas:

‘Compartilhar’, como vimos, é uma ideia essencial, mas os meninos e as meninas também necessitam de outras coisas: tempo na aula para praticar a leitura individual e rotinas cotidianas para que se ‘lembrem’ que podem pegar um livro e não o controle remoto da tevê; alguém atento em equilibrar seu interesse impaciente pela história, com sua leitura lenta (alternando a leitura adulta e a da criança, por exemplo) e que lhes facilite dando o significado das palavras novas, sem remeter-lhes à demora do dicionário nesse momento; atividades organizadas em longos projetos de trabalho que deem sentido às leituras escolares, enquanto criam expectativas sobre o modo de ler ou grau de profundidade requerido; assim como apresentações dos livros que afastem o medo e a dúvida que o texto desconhecido sempre provoca em qualquer leitor, de tal modo que os comentários do docente ou a leitura de fragmentos pretendam, na realidade, o mesmo que as primeiras linhas de qualquer narrativas: seduzir o leitor para que enfrente o esforço.

Assim, a autora reforça que além da leitura compartilhada, faz-se necessário outras ações que propiciem a esses leitores contato com a leitura, bem como maturidade para ir além.

A respeito do corpus a ser usado, Colomer (2007, p. 113) nos diz que é consabido “que a importância do corpus passa por sua flexibilidade e sua adequação a distintas funções, momentos e leitores.”

Sobre a ideia de trabalhar com projeto de leitura como este, com os dois cordéis já citados, Colomer (2007, p. 119-120) afirma que:

O trabalho por projetos torna possível que as atividades de leitura na escola superem uma boa parte das divisões artificiais, que se dão tradicionalmente nela e facilita que a leitura obtenha sentido de atividade habitual e necessário em uma sociedade alfabetizada. [...]

Colomer (2007) ressalta que existem quatro vantagens de trabalhar com projetos, são elas:

- a) integra os momentos de uso com os de exercitação;
- b) inter-relaciona as atividades de leitura e da escrita;
- c) engloba os exercícios sobre as operações de leitura e as ajuda na compreensão do texto;
- d) favorece a assimilação das aprendizagens realizadas.

### **Entre versos**

Notas sobre o escritor

Para quem não o conhece, nada melhor do que ele se apresentar, assim o Filho do Boto, (um de seus apelidos) se define como “caboclo convicto e juramentado, papachibé legítimo, parido e criado as margens do Cajari na base do camarão com pirão de açaí” (Siqueira, 2023, p. 194).

Antonio Juraci Siqueira, o filho do Boto, nasceu em Cajary, município de Afuá, no Pará. Reside em Belém desde 1976. É filiado a diversas entidades líteros-culturais, dentre elas estão a União Brasileira de Trovadores, a Malta de Poetas Folhas & Ervas, a Academia Brasileira de Trova e o Centro Paraense de Estudos do Folclore. Além de escrever folhetos de cordel, é “oficineiro”, performista.

Em 2023 Antonio Juraci Siqueira teve publicada pela Editora Pública Dalcídio Jurandir: Imprensa Oficial do Estado do Pará - IOEPA sua obra completa (Obras Reunidas), dividida em cinco volumes. Projeto idealizado pela saudosa professora Vania Alvarez e outros, com o apoio de uma emenda parlamentar, na época, do deputado federal Edmilson Rodrigues. Sobre *Obras Reunidas* exponho de forma breve o que aborda cada volume e quem escreveu cada prefácio.

- Volume I – Poesia - é uma coletânea de seus poemas, iniciando com “Verde Canto” (coletânea de poemas publicada em 1981). Prefácio de Joel Cardoso.
- Volume II – Poesia popular, cordel e trova, dividida em duas partes: a primeira intitulada Literatura de Cordel e a segunda Estrelas de quatro pontas – trovas. Com prefácio escrito por Josebel Akel Fares.
- Volume III – Contos, crônicas e outros escritos, dividido em quatro partes. Prefácio escrito, pelo saudoso, Silvio Holanda.

- Volume IV – Literatura Infantojuvenil reunindo sete textos. Prefácio de Daniel da Rocha Leite.
- Volume V – Humor em verso e prosa, dividido em quatro partes. Com o prefácio de Paulo Nunes.

Sobre seu fazer poético, sua escrita é permeada de vários contextos que se enveredam pelo imaginário amazônico. Paulo Nunes (2023) ao prefaciá-lo apresenta Juraci como um poeta “paradigma”, de acordo com a sua “teoria dos poetas-paradigmas”<sup>16</sup>, assim diz Nunes (2023, p. 17)

Um poeta para estabelecer-se como ‘paradigma’, além de criar uma obra substanciosa e fundamental, precisa atrair, concomitantemente, por força de competência técnica e atitude dialógica, um número significativo de seus contemporâneos e, desta feita, exercer e admitir influências. O poeta-paradigma há que ser propositivo para, conhecendo o cânone literário, desacomodá-lo, renovar os ares que sopram deste cânone. Um poeta-paradigma faz-se, então, de competência enunciativo-criativa, fertilização de diálogo e ousadia de renovação. Digo tudo isto para apontar Antônio Juraci Siqueira como um dos poetas-paradigma da literatura produzida no Pará, nos séculos XX e XXI.

No que diz respeito ao seu trabalho como cordelista, considero Siqueira como o mais completo na arte de fazer cordel no Pará, parafraseando Nunes seria um cordelista-paradigma. Ele consegue escrever além da sextilha, a métrica recorrente entre os cordelistas. Em seus textos é possível encontrar a setilha, a quadra, as oitavas (oito pés de quadrão), as décimas e o martelo agalopado. Embora domine todas, ele também não se prende às normas fixas e escreve à sua maneira. A título de exemplo, em uma de suas obras: *Os versos sacânicos* (2006) pode se verificar quase todas as métricas citadas anteriormente.

### **O Chapéu do Boto**

A oralidade tão recorrente nestes textos pode ser verificada na segunda estrofe deste folheto:

Esse caso aconteceu  
 não muito longe daqui  
 numa noite enluarada  
 às margens do Cajary  
 Vovó contou-me essa história  
 eu a guardei na memória  
 e hoje em versos eu escrevi.  
 (Siqueira, 2012, p. 11)

---

<sup>16</sup> Essa teoria vem sendo formulada pelo professor citado, Paulo Nunes, para mais informações a respeito sugiro ler suas obras.

Com relação às histórias infantis, nesses textos é comum um elemento mágico. Juraci Siqueira (2012) introduz o chapéu como esse elemento mágico, o que vem a ser confirmado na estrofe de número 24, vejamos:

Foi então que ao dar um salto  
tentando o cerco vencer  
que seu chapéu de abas largas,  
véu de mistério e poder,  
foi ao chão. Nesse momento  
a rede de encantamento  
começou a se romper.  
(Siqueira, 2012, p. 18)

Ao cair do chapéu, a identidade do homem misterioso é revelada, seu encanto é quebrado e ele volta para água em forma de Boto tucuxi. Na verdade, todos seus acessórios eram encantados: o chapéu era uma arraia, o relógio era um caranguejo, o par de sapatos eram acaris de água doce, o cinturão era uma cobra e a montaria que o trouxe era um jacaré.

O poeta termina seu texto falando do processo de recontar as histórias de uma geração para outra, fato recorrente na oralidade.

A história aqui contada,  
Não tem fim, nunca terá.  
Toda vez que alguém contá-la,  
outra face mostrará. [...]  
(Siqueira, 2012, p. 21).

### **O Bicho Folharal**

É uma adaptação de um conto denominado “O macaco e a onça”, publicado na obra *Marginália*, de Lima Barreto, na seção intitulada “Histórias de Macaco”, escrito pelo autor em 16 de abril de 1919. No texto de Juraci (2012), há um aumento da história, inserindo outros personagens, porém a base da narrativa é a mesma do texto original.

Esse cordel conta a história das várias tentativas realizadas pela onça para se vingar de um macaco esperto, que a enganou várias vezes, além de ter lhe dado uma grande surra.

O nome Bicho Folharal decorre do último disfarce usado pelo macaco, com o intuito de conseguir beber água sem ser pego pela onça. Fato evidenciado nas estrofes 22 e 23.

Procurou uma colmeia  
e de mel se lambuzou.  
Depois de bem lambuzado  
nas folhas secas rolou  
e assim, de folhas coberto,  
com os olhos bem abertos,  
para lago se mandou.

A onça vendo chegar  
aquele estranho animal,  
quis saber quem era e ele,  
com a maior cara-de-pau  
e um ar de bicho feroz  
responde, engrossando a voz:  
— Sou o bicho folharal.  
(Siqueira, 2012, p. 32)

Em ambos os textos foi possível despertar o encantamento, a sedução do leitor defendida por Colomer (2007), para que possa desenvolver o esforço necessário no processo de formação do leitor. E com relação ao que a autora discute sobre o corpus, os dois cordéis abordados possuem uma boa flexibilidade.

### **Considerações finais**

O trabalho com o cordel em sala de aula é bastante proveitoso, quando articulado a um projeto de leitura. Com relação aos alunos, estes gostaram muito dos dois textos e boa parte deles não conhecia a produção do escritor Antonio Juraci Siqueira.

No que diz respeito ao cordel em si, a sua diversidade de temáticas aumenta o leque de possibilidades para articular diferentes projetos de leitura na escola, tendo em vista que eles falam sobre fábulas, contos de fadas, meio ambiente e muitas histórias sobre o mundo animal.

Percebe-se que o processo de formação de leitor é bastante complexo, devido as múltiplas estratégias envolvidas nas atividades propostas, todavia não é inviável e as estratégias podem ser moldadas conforme as situações apresentadas por cada turma, por cada aluno.

A partir do cordel *O Chapéu do Boto*, desenvolvemos uma discussão sobre os mitos amazônicos, alguns conheciam outras narrativas e apresentaram oralmente para os colegas. Parte dessas narrativas os alunos tiveram acesso nas histórias contadas por seus avós, principalmente os alunos oriundos do interior do estado.

Com o texto *Bicho Folharal* não foi diferente, eles se divertiram com a artimanha do macaco e aproveitamos a discussão para falarmos sobre a importância da preservação do meio ambiente, sobre o que eles sabiam a respeito dos animais ameaçados de extinção e abordamos o que é possível fazer diante dessa problemática, levando em consideração o entendimento deles.

A vasta obra desse escritor aos poucos vem sendo trabalhada nas universidades, no que diz respeito as pesquisas, fazendo uma breve levantamento nas plataformas de dados, no catálogo de tese e dissertações da CAPES e nas bibliotecas das universidades publicas do estado encontrei os seguintes trabalhos<sup>17</sup> sobre o a obra de Antonio Juraci Siqueira. Vejamos o que se tem feito sobre a obra do Filho do Boto.

➤ Teses e dissertações

POSSAS, HIRAN DE MOURA. **O jogral é jornal: devorações nas “acontecências” de Antonio Juraci Siqueira** 14/06/2015 undefined f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC-SP

SILVA, JADDSO LUIZ SOUSA. **O MARAJÓ ENCANTADO DO JURABOTO: A Cartografia poética de uma máquina de guerra e seu Marajó literário** 09/03/2015 98 f. Mestrado em ARTES Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: PPGARTES/UFGPA

CARVALHO, IVONE CALDAS. **LITERATURA E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: IMAGINÁRIO POÉTICO EM ANTONIO JURACI SIQUEIRA** 28/09/2015 165 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: PAULO FREIRE

CARVALHO, Ana Maria de. **Literatura de Cordel: Entre Versos e Rimas Sotádicos e Sacânicos** 28/02/2010 109 f. Mestrado em LETRAS: LINGÜÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: Biblioteca setorial Prof.<sup>a</sup> Albeniza Chaves

➤ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) registrado em bibliotecas de universidades públicas.

BARBOSA, Robson Pereira. **Letramento literário amazônico: Análise de uma prática de leitura na educação básica a partir da poética de Antônio Juraci Siqueira**. Orientador: Geovane Silva Belo. 2023. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, PA, 2023.

---

<sup>17</sup> Organizei de acordo com o ano de publicação ou defesa, no caso dos trabalhos de conclusão de curso.

➤ Artigos publicados em periódicos

Com relação aos artigos com certeza deve haver um número maior do que este que apresento aqui, trouxe apenas a título de exemplificação. Encontrei também alguns trabalhos publicados em anais de eventos.

BERGAMINI, Claudia. V. A narrativa do Boto. <b>Revista Internacional de Folkcomunicação</b> , [S. l.], v. 22, n. 48, p. 174–189, 2024.
BELO, Geovane Silva; MELO, Victor Salgado de. O mito do (jura)boto: um estudo sobre encantarias e imaginário na poética de Antonio Juraci Siqueira. <b>Asas da Palavra</b> , v. 18 n. 1 (2021): Dossiê: Interfaces do Texto Amazônico.
FERNANDES, Francisca Claudia Borges; SOARES, Eliane Pereira Machado. Vocabulário do escritor Antônio Juraci Siqueira. <b>RELACult</b> – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad   Latin American Journal of Studies in Culture and Society V. 05, nº 02, abr-ago., 2019, artigo nº 1492.
VIEIRA, Denise Scolari.; STRELOW, Celimara. C. L. Topologia amazônica imaginária em Piracema de Sonhos(1987), de Antonio Juraci Siqueira. <b>Revista de Literatura, História e Memória</b> , [S. l.], v. 12, n. 19, 2016.
POSSAS, Hiran de Moura. Mefistos e faustos sacânicos: disfarces de uma escritura das bordas. <b>Sentidos da Cultura</b> , Belém-PA, ano 2   n.2   jan-jun 2015.
POSSAS, Hiran de Moura. Jograis no jornal: o PQP, um espaço acelerador de partículas das “bordas”. <b>Revista Temática</b> , UFPB, v. 9 n. 4 (2013): Abril.
POSSAS, Hiran de Moura; CASTRO, José Guilherme de Oliveira. Um poeta assaltado pelas memórias do verdevagomundo: omosaico mestiço e inacabado de Antonio Juraci Siqueira. <b>BOITATÁ</b> , Londrina, n. 10, p. 1-17, jul-dez 2010.

Leitor, deixo aqui apenas uma entrada, um aperitivo, para que tu possas em um futuro breve conhecer, ler, pesquisar a obra de Antonio Juraci Siqueira, a qual abarca um pouco de tudo, como demonstra os cinco volumes de *Obras Reunidas* do referido escritor, publicada em 2023. É emergencial que se tenha mais pesquisas sobre a produção literária do Filho do Boto, homenageado neste ano de 2024 na 27ª Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes.

### Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALVES, J. Hélder Pinheiro. SOUZA, Renata Junqueira de. GARCIA, Yara M. R. lendo e brincando com sextilhas e outros versos. In: *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. SOUZA, Renata Junqueira de. TAGLIARI, Berta Lucia. (Orgs). Campinas – SP: Mercado das Letras, 2011. p. 49-96.

BARRETO, Lima. O Macaco e a Onça. In: *Marginália*. p. 96-97. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000154.pdf> acesso em: 06. nov. 2020.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

NUNES, Paulo. Antonio Juraci Siqueira: Tradição ressignificada de um poeta marajoara antifascista. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras reunidas: volume V: humor em verso e prosa*. Belém – PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir: Imprensa Oficial do Estado do Pará – IOEPA, 2023.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Memória das vozes: cantoria, romanceiro e cordel*. Tradução de Márcia Pinheiro. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *O Chapéu do Boto e O Bicho Folharal*. Belém: Paka-Tatu, 2012.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras reunidas: volume V: humor em verso e prosa*. Belém – PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir: Imprensa Oficial do Estado do Pará – IOEPA, 2023.

### **Sobre a autora:**

#### **Ana Maria de Carvalho**

Doutora em Letras - estudos literários (PPGL - UFPA - 2024). Mestra em Letras, área de Estudos Literários (UFPA 2010) Graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (2007) e graduação em Letras Licenciatura pela Universidade Federal do Pará (2007). Docente da Faculdade Mauricio de Nassau (Belém - Pa - 2014-2023), da Faculdade Cosmopolita (Belém - PA - 2019-2023), da Escola Municipal João Paulo II ( En. Fundamental - Ananindeua - 2012 - 2024). Professora da Escola João Faria de Lima (Seduc - Pa - 2020 - dias atuais) e Professora da Universidade do Estado do Pará - UEPA (2024 - dias atuais). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas - CUMA - Culturas e Memórias Amazônicas - UEPA. Pesquisadora convidada do GT de Literatura Oral e Popular – ANPOLL

E-mail: [ana74u@yahoo.com.br](mailto:ana74u@yahoo.com.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8248-6072>

**ANTONIO JURACI SIQUEIRA: UM CANOEIRO MILITANTE DA EDUCAÇÃO  
SENSÍVEL**

**ANTONIO JURACI SIQUEIRA: UN PIRAGÜISTA MILITANTE DE LA  
EDUCACIÓN SENSIBLE**

Ivone Caldas Carvalho  
Universidade do Estado do Pará  
Belém/Pará

**Resumo**

Este artigo constitui-se a partir da dissertação chamada “Literatura e Educação na Amazônia: Imaginário Poético em Antonio Juraci Siqueira”, vinculada à Universidade do Estado do Pará – UEPA. Para tanto, utilizou-se a pesquisa (Auto)biográfica por meio de Histórias de vida, obras do autor, aliado a estas fontes, foram feitas observações *in loco* da performance do poeta e da recepção nos ambientes públicos e escolares. Faz-se um recorte para apresentar Antonio Juraci Siqueira e seu percurso de formação como poeta, performer e educador a socializar saberes do imaginário amazônico por meio da valorização da literatura e da oralidade.

Palavras-chave: Educação, Literatura, Oralidade, Imaginário Amazônico.

**Resumen**

Este artículo se constituye a partir de la disertación llamada "Literatura y Educación en la Amazonas: Imaginario Poético en Antonio Juraci Siqueira", vinculada a la Universidad do Estado de Pará - UEPA. Para ello, se utilizó la investigación (auto)biográfica a través de historias de vida, obras del autor, junto con estas fuentes, se hicieron observaciones *in loco* de la actuación del poeta y la recepción en los entornos públicos y escolares. Se hace un recorte para presentar a Antonio Juraci y su trayectoria de formación como poeta, artista y educador a socializar saberes del imaginario amazónico a través de la valorización de la literatura y la oralidad.

Palabras-clave: Educación, Literatura, Oralidad, Imaginario Amazónico.

Se queres escrever  
rema  
meu mano  
rema  
que o rio  
te deixa  
passar

Benilton Cruz (1996, p.20)<sup>18</sup>

Na tentativa de apresentar Antonio Juraci Siqueira segui o conselho de Benilton Cruz entrei na igarité biográfica deste canoeiro, singramos pelas águas do tempo e aqui estamos “de bubuia”. Este percurso foi necessário para sacralizar o movimento que ilumina as literaturas ditas “das bordas” e as coloca em seu devido lugar ao lado das canônicas, seja dentro ou fora da sala de aula. A educação sensível tem em Antonio Juraci um militante por seu fazer poético, sua performance e sua docência que disseminam o imaginário amazônico e toda cultura que o permeia diante do sistema hegemônico que universaliza a educação e desvaloriza o regional. Na urdidura da pesquisa até o método (Auto)biográfico escolhido, que provoca uma reflexão sobre si e sua formação-emancipação<sup>19</sup>, tem o caráter de resistência, pois o autobiógrafo ao conhecer a si mesmo, sabe quão importante é sua “bagagem de vivências”, entende a que veio e qual seu papel, reafirma-se identitariamente. Assim, é ele quem decide o ponto inicial de referência para a narrativa autobiográfica. Escolheu – Marajó: nascedouro. O lugar no tempo/espaço que está presente em sua obra e vida. E eu repasso da seguinte maneira:

No verão amazônico, as águas baixam, a terra desencharca, o vento constante fica soprando o cheiro suave de maresia nas ribanceiras, convidando para longos banhos... A vida dos ribeirinhos alegra-se com o calor, e num desses dias nasceu Antonio Juraci, lá pelas bandas do mês de outubro, precisamente dia 28, em 1948, em um interior chamado Cajari, município de Afuá, no arquipélago marajoara. (Carvalho,2015, p.34)

É o quarto filho de dona Esmeralda, do seu primeiro casamento, com Antonio Siqueira, um regatão da canoa freiteira chamada “Flor do Cajari”. Seus pais são filhos da terra, seu

---

<sup>18</sup> Poeta e professor de Literatura da UFPA. Escreveu este poema, *Carta a um jovem poeta da Amazônia*, em homenagem a Antonio Juraci Siqueira. Está publicado em *Aurora que vence os tigres*, livro com o qual Cruz foi indicado para o Prêmio Nestlé de Literatura.

<sup>19</sup> “conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”. Preceito cultuado como prática pedagógica-filosófica pelos socráticos, que deram início a “arte de falar de si e da vida, com suas contradições, seus balbucios, suas ambiguidades” (Passeggi; Abrahão; Delory-Monberg, 2012, p.32).

Antonio é tapuio de pai e mãe, descendente de José e Brígida Siqueira, futuros professores “leigos” da nora e do neto:

Lembro meus avós paternos  
Entre canetas-tinteiros,  
Papéis e mata-borrões,  
Deitando os grãos do saber  
No virgem verde e fecundo  
Canteiro dos ribeirinhos (Siqueira, 2010a, p.17)

Já dona Esmeralda tem descendência mista, filha de dona Etelvina, “cabocla determinada”, e José Abdon da Silva, um cearense apreciador de leitura de literatura de cordel:

Vovó tapuia e seu lenço  
salpicado de abusões  
com seu cachimbo de barro  
cismando sobre o amanhã,  
contando histórias greladas  
no jardim do tempo-foi  
de bicho que vira homem,  
de cobra que engole boi...(Siqueira, 2010a, p.17)

Ao todo, ele tem oito irmãos, o mais velho, Jaci, “depois de desmamado / entregue aos avós paternos / e por eles foi criado” (Siqueira, 2013, p.13), em seguida vieram Jacira, Janira, Juraci, nome herdado do pai, Jurandir e Jorge, filhos de seu Antonio. Anos depois, a viúva Esmeralda casa-se com José Oliveira Lima, também navegante da “Flor do Cajari”, e nascem Helena, Elza e Élide.

Na infância, viveu momentos marcados por brincadeiras que sempre envolviam o rio, a floresta e muita criatividade *na água, a gente brincava de judas e brincadeiras de barco que botava no rio com vela de papel* (Siqueira, 2014):

Uma das brincadeiras prediletas de minha infância às margens do Cajari era acompanhar de montaria, rio abaixo e rio acima, meus barquinhos de mututi com velas de papel. Os barquinhos eram entalhados por mim na sapopema do mututizeiro [...] Casco devidamente entalhado era a vez dos acessórios: mastro, mastaréu, gurupé, cordames de fios de embira, vergas e bujarronas de papel e a quilha removível de paxiúba, colocada na posição adequada a cada tipo de manobra. Ficava horas tangendo minha esquadra sob o sol escaldante até dona Esmeralda, minha mãe, aparecer no trapiche, arrimada no temido galho de cuieira, último argumento aceito sem apelação pelo caboclinho tuíra do sol [...] (Siqueira, 2010b, p. 8)

Aos quatro anos de idade, no mesmo período em que ganhou mais um irmão, perdeu o pai, um fato que mudou a vida da família:

Oito dias após o parto  
dona Esmeralda chorou  
Ao ver que pro céu, do quarto,  
Seu canoeiro viajou. (Siqueira, 2013a, p.13)

Depois disso, foram tempos de mudanças constantes, pois todos tinham que ajudar para contribuir com as despesas em casa. Juraci conta que *criança no interior trabalha, não tem aquela coisa, não porque... A gente ajuda desde cedo nos afazeres... até por conta da minha mãe ter perdido o marido cedo...* (Siqueira, 2014):

Depois que Antonio Siqueira  
foi navegar pelo céu,  
Dona Esmeralda sorveu  
a amarga taça de fel.  
Para os filhos sustentar  
teria que trabalhar,  
de pai fazer o papel. (Siqueira, 2013a, p.14)

O irmão mais velho começou a “trabalhar como caixeiro no comércio do tio Lilico, irmão do pai de Juraci. “As irmãs, apesar de pequenas, aprenderam a cortar seringa [...] Chegavam em casa pelas cinco da manhã, tomavam café e voltavam para a colheita do leite” (Siqueira, 2013a, p.15).

Os filhos desde pequenos  
nas tarefas ajudavam:  
no verão, nos seringais,  
e no inverno coletavam  
várias sementes do rio  
por horas e horas a fio  
e à tardinha regressavam. (Siqueira, 2013a, p.15)

O poeta lembra que eles tiveram carinho e ajuda financeira da avó, Etelvina, que “cortava seringueira, juntava ucuúba, pescava, botava matapi e trepava num açazeiro como ninguém [...] vovó também cultivava um monte de abusões e crendices. História do arco da velha que o povo tem como verdade absoluta” (Siqueira, 2010b, p. 14). Avó para ele se traduz em lembranças carinhosas de casos do sobrenatural e ensinamentos.

Nesta época, gradualmente, os irmãos mais velhos começaram a migrar para Macapá em busca de novos horizontes para ajudar a família. O objetivo era fixar-se em Macapá e futuramente todos mudarem para lá. Então, a mãe cuidava dos menores, no Marajó, até que todos pudessem migrar. Enquanto isso, outro acontecimento marca a infância de Juraci: o dia em que sua mãe perdeu-se na mata em busca de sustento para a família:

*É um negócio que emociona, que eu não consigo [...] que foi um dia que ela saiu pra cortar seringa e se perdeu na mata. Então ninguém sabia... os vizinhos se uniram... pra procurar... pra encontrá-la. Me lembro... ela chegando é... uma chuva que tinha caído assim... E eles trazendo ela de volta pra gente. (Siqueira, 2014)*

A primeira escola de Juraci, Escola Municipal Mista São José, deixou bastante recordações, ficava próximo de casa, a gente ia de canoa, a gente logo enxergava a escola, eu e meus irmãos (Siqueira, 2014). Quando lembra dos seus professores, enfatiza: *professores leigos... Professora Adélia, a Professora Cleia, o professor José Deolindo já tinha o curso técnico... Escola Industrial de Macapá* (Siqueira, 2014). Em entrevista concedida a Daudibon (2012), conta que a literatura escrita chegou por meio de:

livros didáticos (Meu Tesouro, Nosso Brasil), dos almanaques editados anualmente pela indústria farmacêutica (Almanaque Bristol, Capivarol e Biotônico Fontoura) e, principalmente, dos folhetos de cordel que meu padraço José Oliveira, encarregado da canoa freiteira “Flor do Cajari” (Siqueira apud Daudibon, 2012, p. 44)

Em entrevista ao *Jornal do Amapá* (Siqueira, 1989), encartado n’*A Província do Pará*, Juraci conta que, como lia todo folheto trazido por seu padraço, “logo aprendeu a recitar interpretando tão bem o drama das histórias, que foi escolhido por aclamação o ‘leitor oficial’ de versos do Cajari”. Neste caminho, começou a escrever seus próprios versos e trovas, pois “não queria ficar atrás de uma turma de moças e rapazes que ‘jogavam’ quadrinhas em tom de desafios” *Jornal do Amapá* (Siqueira, 1989) Aqui percebe-se o surgimento do poeta iniciado em versos e prosas, na escuta ativa e no recitar cativante e mais a frente, em Macapá, sua formação começa a tomar contornos.

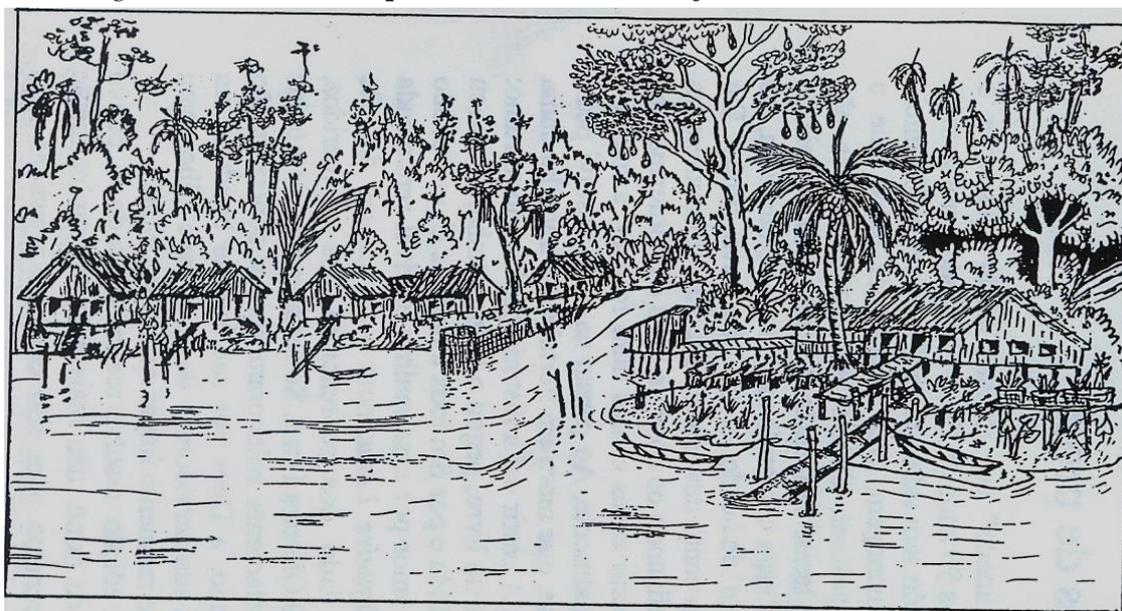
Ao se considerar o período histórico, meados dos anos de 1950, e o isolamento geográfico da localidade no arquipélago marajoara, vê-se que o rio media as grandes distâncias, servia como meio de transporte, fonte de alimentação, o lugar de brincadeiras e nascedouro do imaginário. Tudo tinha que passar por ele. E este ir e vir de longe nas canoas aguçava a curiosidade do pequeno Juraci. Imagem que me faz lembrar o “marinheiro comerciante”, de Walter Benjamin (1987), em *O narrador*, que representa aquele narrador que viaja para terras alheias e ao voltar compartilha o novo com o “camponês sedentário”, que não sai de sua terra natal. O marinheiro referido por Benjamin é exatamente como os navegantes da canoa freiteira que o menino sonhava pilotar por entre os rios.

Nas memórias do poeta, ficaram sentimentos, imagens, cheiros, cores, sabores do lugar onde viveu. O desenho (Figura 1) feito por ele ilustra as imagens que guarda em sua memória: a atmosfera de sonhos das recordações da infância como a “casa onírica” de Bachelard (1978, p. 200), em *A poética do espaço*: “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz

frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmo. Um cosmo em toda acepção do termo”. No caso da casa ribeirinha, rodeada pela natureza, corresponde a aconchego e vida que ele ilustra no desenho:

Nesta ilustração tentei retratar elementos básicos que compunham o cenário ao entorno de nossa casa no Cajari, até 1965, último ano em que lá vivi. Da esquerda para a direita estão as cinco casas pertencentes à família Cruz, as quatro primeiras margeando o rio Cajari e a quinta já às margens do rio Mirandinha, em cuja foz tem um cacuri. Do lado oposto do Mirandinha e às margens do Cajari está a nossa casa com seu trapiche e o miritizeiro que servia de ponte e ia até a baixa-mar sobre a praia de lama, com moirões de ambos os lados para atar as embarcações. À direita da casa está o canteiro suspenso onde mamãe cultivava plantas medicinais e hortaliças. Em frente a puxada da cozinha, o coqueiro e à esquerda o sanitário construído sobre o rio. Mais ao fundo e ainda à esquerda, aparece o grande cedreiro ornamentado de ninhos de japiim. E, no meio de tudo isso, a saudade grande (Siqueira, 2013a, p.24).

*Figura 1: Desenho a lápis da localidade no Cajari.*



Em sua fase adolescente vive fora do Marajó, em 1964, ano emblemático na vida do brasileiro, o golpe militar reescreveu a história de forma autoritária e radical. Lá em Afuá, a história que chegava era outra, a notícia distorcida “Era anunciada como a salvação, a consolidação da democracia no Brasil”. Segundo reportagem ao jornal *O Liberal* (Siqueira, 2008), Juraci ouvia pelo rádio de uma emissora do Maranhão programas como a “Voz da América”. Além disso, naquele ano ele completaria 16 anos e chegava sua vez de migrar do Cajari para Macapá:

Relembro meu sofrimento  
ao deixar meus seringais  
e ouvir, seus ramos ao vento  
dizendo: – Até nunca mais... (Siqueira, 2013a, p.13)

Em Macapá, depois de muitas viagens vividas, onde experimentou vários trabalhos, como carroceiro fazia transporte de objetos com carro de mão, prestou serviço ao Exército, tentou o vestibular, ajudou o irmão no açougue, aprendendo o ofício de açougueiro e, foi neste espaço que iniciou seu fazer poético. Casou-se com Maria Francisca da Costa, e tiveram Francinele e Franciney e, posteriormente, uma paraense chamada Susane. Em busca de auxílio médico, devido a um problema de saúde da primeira filha, trouxe a família para morar em Belém, no ano de 1976.

Como um viajante, nesta capital, aos 28 anos de idade, inicia uma nova jornada. Com o ofício de açougueiro, montou um talho no bairro da Condor, para sustentar a família. E lá, criou um espaço recheado de poesia:

*Aqui deixo este recado  
pra evitar dor de cabeça  
não peça fiado,  
espere que eu lhe ofereça.* (Siqueira, 2014)

Em 1978, ingressou na Universidade Federal do Pará, no curso de Filosofia. A partir daí, ampliou seu círculo de amizades. Conheceu o acadêmico Pedro Tupinambá, que publicava suas trovas na coluna dominical: *No mundo da trova*, no jornal *A Província do Pará*. Neste período, o movimento de produção literária de Juraci torna-se bem marcado por sua militância em grupos e associações que fomentavam a arte em verso e prosa. Pelas ruas da cidade, teatros, jornais, foi espalhando sua irreverência e bom humor em folhetos.

Participou de vários concursos na categoria de trovas no círculo regional, nacional e internacional, embora, em 1981, *Verde Canto tenha* sido o primeiro publicado em uma imprensa convencional. Juraci teve que remar bastante contra a correnteza, publicar era um desafio, fazia-o de forma independente. Assim como na tradição nordestina, montou sua “gráfica” de folhetos em casa, chamada de Papachibé. Manteve o folheto tradicional como uma brochura<sup>20</sup>. No início, o poeta utilizava o mimeógrafo, emprestado na Universidade, não tinha máquina de datilografar, por isso utilizava muitos de seus textos que eram editados no jornal *PQP* e na extinta *A Província do Pará*, como vê-se na figura 2. Ele produzia o texto, criava as ilustrações, coloria e fazia colagens, como vê-se em Figuras 3 e 4 abaixo:

Figura 2: capa de os filhos do boto Figura 3: capa de Histórias sem pé nem cabeça.  
Figura 4: Capa de Quem souber, levante o dedo



<sup>20</sup> Um folheto tradicional medindo cerca de 11x15cm, com 8,16,32,48 ou 64 páginas

A essência literária de sua produção não está apenas em versos. Mas, em versos, cordel e trova encontram-se várias temáticas. Seja pela trova, seja em poemas líricos ou satíricos, o poeta revela-se multifacetado, como vemos nos exemplos abaixo. Em *Multiuno* vê-se um eu lírico refletindo sobre si sua essência como parte de um todo:

### **Multiuno**

Eu me contemplo – Narciso  
no espelho turvo das águas  
reino encantado da Iara,  
berço e tumba dos mortais.  
Me vejo multiplicado:  
multi/faces, multi/seres,  
multi/cores, multi/mundos... (Siqueira, 2007a, p.43)

Em *Os filhos do boto* um humor satírico tratando sobre os filhos de pai desconhecidos, cujas mães culpam boto:

### **Os filhos do boto**

São três meninos  
E um só destino  
-filhos de um boto  
muito maroto  
Do Marajó.  
As mães: Filó,  
Neca e Zizinha,  
Três ribeirinhas  
Sonsas e belas.  
Segundo elas,  
Foram “flechadas”  
e engravidadas  
pelo malvado  
que transformado  
num belo moço  
em carne e osso  
as seduziu. (Siqueira, 2003, p.65)

Em “Teus olhos”, publicado em *Banquetes de Eros-poemas líricos e eróticos*, encontra-se um eu lírico desnortado pelos encantos de uma mulher. Este poema tem uma interpretação musical de Cabinho Lacerda que encontra-se no link <https://youtu.be/dzRRGUYPxjo>

### **Teus olhos**

Bela tapuia, o que trazes  
nesse teus olhos castanhos  
belos, profundos e estranhos  
feito as funduras do mar?

Dois faceiros caruanas?  
Dois faróis de Alexandria?  
Dois livros de poesia?

Dois bagos de bem-querer?  
(...)(Siqueira, 2011d)

Aqui não tenho intenção de fazer uma exposição de exemplares de suas obras, embora quisesse muito, mas de pinçar algumas na diversidade de sua produção que despontou em cada momento de sua trajetória. Na década de 1980, por conseguinte, suas publicações do jornal *A Província do Pará* tiveram muita notoriedade por conta dos versos satíricos que ele chamou de *Versos Sacânicos*, posteriormente, eu explico melhor na dissertação. Neles, a irreverência, a crítica social e o humor cáustico estão tecidos denotando uma faceta diferente do poeta:

### **Cu de abelha é doce mas tem ferrão**

Sonhei que eu estava no inferno  
curtindo o castigo eterno  
no tacho de azeite quente,  
setor onde o presidente  
Sarney era o capataz,  
sempre escondido detrás  
daquele bigode horrendo  
vendo a gente se fodendo  
nas zagaias dos ministros  
- todos demônios sinistros  
infernizando o povão.  
Da cama caí no chão  
e acordei sobressaltado  
com tal sonho endiabrado  
e descobri, na verdade,  
que a nossa realidade  
é bem mais horripilante!... (Siqueira, 1989, p.16)

Contudo, quando o educador poeta toma o leme há uma mudança no rumo de sua prosa. Em 1997, ao ser contratado pela SEMEC/Belém, desenvolve projetos de formação de leitura, contação de histórias e produção de outras formas de expressão em torno da literatura, para tanto produziam a *Mala do Livro* que divulgaria a *Ciranda Literária* (UNICEF/PMB) com Heliana Barriga, escritora e arte educadora.

O contato com o público infantil foi intenso e compensador. Ele foi enveredando por projetos com oficinas de teatro, de dança, de música e de literatura. E o menino contador de histórias aperfeiçoou-se com contadores urbanos munidos por novas facetas para encantar o ouvinte. Lecionou em escolas públicas estaduais e percebeu que as narrativas orais sobre os mitos do imaginário amazônico estavam presentes entre os alunos, mas de forma silenciada pela formalidade do ensino, o cumprimento do cronograma disciplinar não dava espaço para atividades orais envolvendo o imaginário amazônico. Então, segundo Juraci:

*Resolvi lançar um desafio aos alunos do Ensino Médio: junto a um tema proposto para avaliar habilidades e competências no exercício da palavra escrita, sugeri que quem soubesse de alguma história relacionada ao mito e tida como verdadeira poderia escrevê-la para mim. E, olha, fiquei surpreso com a quantidade de narrativas que segundo os alunos aconteceram com seus parentes ou conhecidos [...] juntei todas e a SEDUC publicou o livro. (Siqueira, 2014d)*

O projeto deu certo e passou a trabalhar no SIEBE (Sistema de Bibliotecas do Estado) com elaboração de projetos escolares para estímulo à leitura. A partir de então, dedicou-se ao atendimento de escolas, enquanto escritor, com o objetivo de incentivar a leitura, a escrita e a oralidade, produzindo bate-papos literários, oficinas, palestras e cursos.

No SIEBE, conhece a coordenadora, Sônia Santos, que o convida para participar de um grupo de contadores de histórias, um jogral. Contudo, em 2009, por conta da positiva repercussão de seu trabalho, entrou para o grupo *Cirandeiros da Palavra*, criado por Andréa Cozzi e Sônia Santos. O sucesso do grupo consiste em divertir educando, por isso preocupam-se em manter a performance de um narrador, priorizando o contar e a leitura, e a voz poética na performance centraliza as ações. Assim, visitam escolas, bibliotecas, livrarias, praças, asilos e creches entre outros espaços apresentando seu trabalho. Como resultado, lançaram dois livros recontando histórias do imaginário amazônico: *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos I e II*, organizados por Andréa Cozzi e Sônia Santos.

Embora Juraci tenha escrito antes *trovas advinhas* para crianças e feito sucesso com a venda de seus livretos em escolas, neste momento de sua trajetória, são as narrativas em cordel que trazem encantamento para os pequenos. A fins didáticos, ele chega a modificar o final do conto *Metamorfose*, e reescreve-o nomeando a obra *O Chapéu do boto*, a qual torna-se a narrativa de cordel mais popular do escritor para o público infantil.

Enquanto isso, nas águas do tempo, as marcas de sua navegação estão na recriação de objetos-signos como marcos de sua presença: o cordão literário, mais conhecido como Trovaral; Corações poéticos trovadores e; o cajado da poesia. O primeiro, chamado Trovaral surge na década de 1980, “*inspirado no varal de fotografia de Miguel Chikaoka da Fotoativa. Ele criou o Fotovaral<sup>21</sup> e eu criei o Fotrovaral*” (Siqueira,2014b) . O Trovaral trata-se de um entrelace entre trovas, imagens, colagens criando contextos metafóricos, que despertam a curiosidade do leitor.

---

<sup>21</sup> Segundo o fotógrafo Miguel Chikaoka, esse trabalho teve início em 1981 e foi apresentado oficialmente em junho de 1982, no final da mostra FOTOPARÁ 1982 – mostra paraense de Fotografia. Sua instalação ocorreu entre o Theatro da Paz e o Bar do Parque (Informações via e-mail do fotógrafo).

Por volta de 1987, lança o segundo símbolo, os corações poéticos inspirados no trabalho do poeta e trovador *Osmar Arouk*<sup>22</sup>. Este símbolo é o que mais representa movência do texto oral no escrito, pois mantém o formato da trova, Segundo Paul Zumthor (1993), as trovas vêm do Medievo, aproximadamente, século XI, quando despontaram na França, mas lá tinham um cunho romântico, falavam do amor cortês, da vassalagem, mas aqui são uma espécie de provérbios bíblicos com finalidade altruísta, de um ensinamento de amor, de fé, de coragem para a vida. E torna-se um símbolo marcante porque é dado ao leitor, como um presente, das mãos do autor acompanhado por um sorriso cativante.

Como terceiro símbolo, o cajado da poesia foi criado em 1995, quando Juraci foi convidado para participar de uma apresentação de suas obras na Universidade da Amazônia (UNAMA). Nele, o poeta pirografa nomes de amigos, parentes, poetas, e tudo mais que considera importante. Então, ao participar de um movimento cultural como, por exemplo, o Arraial do Pavulagem Juraci segue o fluxo do cortejo com seu cajado distribuindo corações poéticos e isso nos remete ao dito por Thompson (1985) quando diz que a vida social é muito mais que:

Objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural: ela é, também, uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressão através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem (Thompson, 1985, p.165).

Embora todos os símbolos criados por ele tenham surtido o efeito esperado, em tempos de entrelaces em redes sociais, nada pode ser comparado à marca mitopoética do boto em seu *facebook* disposta no link <https://www.facebook.com/Juraboto>. A imagem do poeta relacionada ao mito amazônico nos traz de volta às origens marajoara de Juraci “menino” e, às míticas representações do boto, como um “homem” sedutor, encantador de mulheres.

Mas por que o Boto como signo? O Boto é um cetáceo fluvial, conhecido como o “golfinho da Amazônia”, que seduz as moças ribeirinhas, geralmente, e é responsabilizado pela paternidade dos filhos de pais desconhecidos, segundo Câmara Cascudo (s.d.). Ele aparece nas narrativas como um rapaz bem apessoado, bom dançarino, sensual, que surge em noites de festa. Escolhe uma moça ribeirinha, a conquista pela dança, depois de seduzi-la, a leva para a beira do rio, faz sexo com ela e retorna ao rio transformado em Boto tal como fazia Zeus, da mitologia grega, quando quis ter a jovem Europa. A propósito das aventuras amorosas do Pai dos Deuses e dos Homens, queira consultar Schwab (2001).

---

<sup>22</sup> Osmar Arouk Ferreira era coronel da Polícia Militar, pai do bibliotecário e mestre em ciências da informática Osmar Arouk.

Ao justificar o mito do Juraboto ele nos diz que:

*Nós somos frutos da Amazônia, somos frutos de um reino mágico, mítico nascido sob a égide do mito, o próprio nome Amazônia é grego, relacionado a um mito e como a Grécia Antiga e clássica a Amazônia também é assim, as nossas fronteiras não são paralelas são entrelaçadas, ou seja, você jamais saberá onde começa o fantástico, o mítico e a realidade. Você jamais saberá se eu sou ou não sou filho do boto, porque nem eu mais sei.* (Siqueira, 2014d)

Essa fala me remete ao pensamento de Paes Loureiro (2005, p.86) ao explicar a necessidade se levar em conta o imaginário para se compreender a Amazônia e a experiência humana acumulada nela, fala da “faculdade do possível”, algo além das perspectivas das ciências, pois ela é uma espécie de ponte, “faculdade do possível que liga o devaneio ao poema, que liga a cultura à poesia”, o mundo físico tem limites *sfumato*<sup>23</sup>, fundidos ou confundidos com o suprarreal. Para esse limite ganhar mais extensão nas redes sociais, Juraci atualiza a página com poemas, vídeos e mantém imagens criadas com um conjunto de características cênicas, roupas, gestos e tom de voz para marcar um personagem tipicamente amazônico – o *Don Juan Ribeirinho*. De acordo com Jerusa Ferreira (2014, p.36):

O significante icônico constrói-se como um texto e há uma espécie de poder figural que se transforma de fato em figura, na mais plena acepção da palavra. Tanto nas representações de imagem como nas imagens que performam os discursos, em suas extensões, reúnem-se o visto, o entrevisto, o contado, o conjunto de outras projeções visuais, que organizam certos conjuntos básicos.

Na imagem de capa de seu *Facebook* ele provoca em seus leitores/internautas a formação desta “memória icônica”, pela reescritura imagética das suas várias versões em verso e prosa do boto. Ele cria uma espécie “lacro icônico de memória” que funciona “como um grande texto, não sendo possível deixar de lado a noção de figura que, por sua vez, é matriz do próprio ritmo da narração” (Ferreira, 2014, p.36).

E essa reescritura imagética alia-se às adaptações nos textos sobre o mito. Como já foi dito, ele recria os textos, troca o gênero, muda o enredo. E assim observo o dito por Ferreira (1993, p.15) sobre a *perícia do poeta* que se traduz na habilidade de transformar o texto “sem, no entanto, romper os fios, para a garantia de sua aceitação pela comunidade de que provém e a que se dirige”. Para o poeta isso é feito simplesmente como ele diz na trova abaixo de *Quem conta um conto...;*

---

<sup>23</sup> *Sfumato* – expressão criada por Loureiro, significa uma “zona indistinta entre o real e o surreal, como um elemento que estabelece uma divisão imprecisa, semelhante ao encontro das águas do Amazonas com o Rio Negro” (Loureiro, 2005, p.58).

As histórias recontadas,  
Não têm fim, nunca terão.  
Toda vez que alguém contá-las,  
Outras faces mostrarão.  
Na pauta de cada conto,  
Introduzindo um só ponto,  
Outros contos nascerão (...) (Siqueira, 2006)

Então, pode-se dizer que o mito do Juraboto toma forma quando o leitor o identifica como tal porque já traz consigo um *horizonte de expectativa*<sup>24</sup> relacionado ao imaginário.

Contudo a arte poética de Juraci não se limita à imagem criada na memória ou ao texto escrito, vai além de tudo isso, propaga-se pela voz e todo o contexto que a envolve, uso a expressão do medievalista, a “forma-força” que se expande no espaço-tempo, em outras palavras – pela performance. Centraliza-se pela voz, esta que com toda sua concretude, para Zumthor (2010), é produzida pelo corpo e, pela linguagem, ela liberta o “eu” aprisionado nesse espaço, em timbres, expõe a alteridade do sujeito ao Outro, marca seu lugar no mundo. E apesar disso, não se fixa, é como o vento com movimentos nômades, sempre uma passagem... Não se pode prender o vento, mas se pode apreender sua função quando o sentimos na pele.

Então, trago, como exemplo, impressões que guardei sobre a primeira vez que assisti a uma performance de Juraci. Aconteceu no *Nem te conto – II Encontro de Contadores da Amazônia*, no palco de um auditório. Ele estava compondo uma roda de conversa com Margareth Marinho (pesquisadora de Saci) e Josebel Akel Fares (pesquisadora de Matinta Perera), cujo tema era mitopoéticas.

Durante as falas de Margareth e Josebel, percebi a ansiedade de Juraci quando estava sentado. Havia um cruzar e descruzar de pernas, as mãos numa fricção sutil e um leve balbucio, parecia um pouco longe da conversa, só parecia. Imaginei que estava intimamente repassando na memória seu poema, mas o corpo, às vezes, nos trai.

Enfim, chega a vez dele falar sobre o Boto e tudo que envolve o mito. De repente, ele levanta do sofá com uma visível mudança fisionômica, a cabeça baixa, o rosto sombreado pelo chapéu, caminha para o centro do palco com uma seriedade, uma concentração, espécie de transmutação. “Parece que há uma intervenção sobrenatural”, foi o que pensei quando iniciou a performance do poema *Eu, o boto* naquele momento.

Então, lembrei o dito por Vernant (1973, p. 73) sobre a função poética ser presidida pela Deusa titã, *Mnemosyne* na Grécia Arcaica, entre os séculos XII e VIII, a poesia se

---

<sup>24</sup> Expressão criada por Hans Robert Jauss (1994), da teoria Estética da Recepção, para identificar o encontro entre o nível de conhecimento cultural de um leitor e o expresso em um texto literário durante a leitura.

constituía “uma das formas típicas da possessão e do delírio divino, o estado do ‘entusiasmo’ no sentido etimológico. Possuído pelas musas, o poeta é o intérprete de *Mnemosyne*”.

E, mesmo assim, na hora, não soube definir o meu entendimento diante do acontecido, mas Paul Zumthor (2010, p.177) o define assim:

É uma voz que fala – não esta língua, que é apenas epifania: energia sem figura, ressonância intermediária, lugar fugaz onde a palavra é instável se ancora na estabilidade do corpo. Em torno do poema que se faz, turbilhona uma nebulosa mal extraída do caos. Súbito, um ritmo surge, revestido de trapos de verbo, vertiginoso, vertical, jato de luz: tudo aí se revela e se forma. Tudo: simultaneamente o que fala, aquilo de que se fala e a quem se fala.

E vejo que o poeta, aquele que tem vários papéis na performance – compositor, intérprete e músico – na concepção de Zumthor (2010, p.235), tem competência<sup>25</sup>, pois sabe conduzir a ação complexa de interpretar ou materializar corporalmente o poético emanado pela voz expandindo-se em timbres, demarcando o espaço no tempo do poema. E, neste momento, percebe-se o desejo da voz viva se concretizando, sua função original – pela sua expansão, chegar aos ouvidos do Outro presente ao seu alcance. Neste momento, me asseguro que nenhum meio audiovisual consegue transmitir para o ouvinte essa *corporeidade* emanada no momento de uma performance, pois ele estava ali, na minha frente, transmutado por uma forma-força que invadia meus sentidos.

Cuidado, cabocla!  
cuidado comigo  
que eu sou sempre tudo  
que anseias que eu seja:  
- teus ais, teus segredos  
tua febre e teu cio... (Siqueira, 2007a, p.96)

A combinação veemente dos versos com os movimentos de suas mãos, ora apontando para a audiência, ora percorrendo o próprio corpo, traz um duplo sentido: a consciência de um eu lírico sedutor que sabe o que a cabocla quer para si e uma apelação à minha atenção por meio da quebra do decoro, expondo uma sensualidade que deveria ser velada. Um exemplo da função fática<sup>26</sup> da linguagem de Malinowski citada por Zumthor (2010, p.31).

No contexto, há uma certa cumplicidade entre Juraci e a audiência, pois, à medida em que ele desempenha sua performance, trabalha com dois mecanismos relativizando uma memória coletiva/individual, pois, por um lado, suscita a mitopoética do Boto para manter ou

---

<sup>25</sup> Performance implica competência. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um *saber-ser* no tempo e no espaço (Zumthor, 2010, p.166).

<sup>26</sup> Função da linguagem na qual a emergência de um sentido é acompanhada por um jogo de forças que agem sobre as disposições do interlocutor (Zumthor, 2010, p.31).

atualizar na consciência da audiência, a memória de uma tradição amazônica, coletivamente partilhada, algo que já é esperado pelo espectador; por outro lado, desfaz essa ideia ao apresentar sua forma de interpretação do texto poético, aqui ele surpreende com a quebra do *horizonte de expectativa* da audiência.

E, no revolver dessas águas, como ouvinte, vi que sou parte integrante da performance, o Outro pela recepção. Logo, configuro minhas impressões sobre a “re-criação” vista, internalizando-as e guardando comigo a tradição. E toda essa bagagem é um saber que levo comigo vida a fora.

E, no embalo rítmico dos versos, o poeta comete uma espécie de “deslizamento” de uma modalidade a outra, entre o *recitativo escandido*<sup>27</sup> e o *canto melódico*, quando muda os timbres e a amplitude da voz crescentemente explode em “Ninguém saberá!”, seguido por uma gargalhada irônica de um eu lírico matreiro que subitamente se esvai no ar. Quando a voz cala e, em seguida, surge outra que diz “Eu, o boto. Te mete!”, em tom jocoso. Neste momento, a plateia retorna, de súbito, do transe e dá uma gargalhada.

Ele já foi, aquele momento da performance, agora, só existe em minha lembrança, embora eu tenha filmado. Então, vejo que Zumthor tem razão ao dizer que a performance não é reiterável. Este momento foi filmado pode ser acessado pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=6BxFvzzhOHk>

### **Considerações finais**

E assim termino essa viagem, pontuada com minhas vivências de pesquisa mostrando o percurso de um poeta educador que por meio de sua arte poética anuncia o falecimento gradual deste sistema filosófico e científico ocidental que viceja na educação, pois a militância de Juraci funciona como farol valorizando a oralidade, informações vindas do senso comum, do popular, do imaginário. Neste sentido, vejo que ele faz o caminho de volta à união do racional e do sensível em função de um saber, em uma de suas acepções mais antigas enquanto verbo – “ter o sabor de”. Ele busca o sabor de um conhecimento integrado, que acorde os sentidos anestesiados pelo mundo que comprime o presente em função de um futuro. Assim deixo este poema como um acorde ressoando no leitor:

Todos temos um poeta cá dentro,  
No sótão de nosso íntimo.  
Alguns convivem com eles pela casa  
Sem correntes, nem entorpecentes.  
Outros... lhes tiram as escadas,

---

<sup>27</sup> Segundo Zumthor (2010, p.200), há três modalidades de uso da voz na performance em um gradativo aumento melódico (o dito [falado]; o recitativo escandido ou salmodia; o canto melódico).

para que não desçam  
e baguncem o cotidiano.

Juraci não está mais preso no sótão, como no poema, e que possamos manter as escadas firmes e deixar que o “poeta” em nós também desça para mostrar-se ao mundo.

## Referências

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: um ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. A poética do Espaço. In: A filosofia do não: O novo espírito científico: A poética do espaço. Seleção de textos: José Américo Mota Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.

CASCUDO, Luís Câmara. Literatura Oral no Brasil. 2.ed. São Paulo: Global, 2006.

CASCUDO, Luís Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 9.ed. São Paulo: Ediouro, 190-193).

CRUZ, Beniltom. Aurora que vence os tigres. Belém: Rumo, 1996.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cavalaria em Cordel: o passo das águas mortas. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

FERREIRA. Matrizes Impressas do Oral: Conto Russo no Sertão. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

CARVALHO, Ivone. Literatura e Educação na Amazônia: Imaginário Poético em Antonio Juraci Siqueira. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém. Ed. Cejup. 1995.

- PASSEGGI, M. da Conceição; ABRAHÃO. M. H. M. B.; DELORY-MOMBERGER, Christine. Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser. In: PASSEGGI, M. da Conceição; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). Dimensões epistemológicas da pesquisa (Auto)biográfica. Tomo II. Natal: EDUFRAN; Porto Alegre: EDIPUSCRS, Salvador: EDUNEB, 2012. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais)
- SALLES, Vicente. Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- SCHWAB, Gustav. As mais belas histórias da Antiguidade Clássica: metamorfoses e mitos menores. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. brilho da Esmeralda. Belém: Papachibé, 2013.
- SIQUEIRA. Balaio de Gatos. Belém: Papachibé, 2013a.
- SIQUEIRA. Banquetes de Eros. Belém: Papachibé, 2011d
- SIQUEIRA. Mares- poemas de argila e sol. Belém: Papachibé, 2010a.
- SIQUEIRA. Acontecimentos: Crônicas da Vida Simples. Belém: Papachibé, 2010b.
- SIQUEIRA. Incêndios e Naufrágios: antologia poética. Belém: Paka-Tatu, 2007a.
- SIQUEIRA. Os filhos do Boto. Belém: Papachibé, 2003.
- SIQUEIRA, Os Versos Sacânicos. Belém: Falangola, 1989.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. Percurso de vida do Cajari à Baía do Guajará. Belém, 7 fev. 2014, Entrevista concedida à Ivone Carvalho. Informação audiovisual.
- SIQUEIRA. Mitopoéticas. Belém, Nem te Conto – II Encontro de Contadores da Amazônia. 21 março 2014a. Roda de conversa. Informação audiovisual.
- SIQUEIRA. A gênese das obras na vida. Belém, 1 abr. 2014b, Entrevista concedida à Ivone Carvalho. Informação audiovisual.
- SIQUEIRA. Vivências e obras premiadas I e II. Belém, 19 jun. 2014d, Entrevista concedida à Ivone Carvalho. Informação audiovisual.
- SIQUEIRA, Antonio Juraci. Como eles viveram a ditadura militar. O Liberal. Belém, 31 mar. 2008. Caderno Atualidades, Cidades.
- SIQUEIRA. O poeta de Cajari. Diário do Pará, Belém, 22 ago. 1989. Artes. Caderno D.
- THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna. Teoria Social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 165- 215.
- VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos. Tradução do original francês de Haignanuch Sarian. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, EDUSO, 1973.
- ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZUMTHOR. Performance, recepção, leitura. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac e Naify, 2007.

ZUMTHOR. Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR. Tradição e Esquecimento. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR. A letra e a voz. Tradução de Amálio Pinheiro/Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

### **Sobre a autora:**

#### **Ivone Caldas Carvalho**

Mestra em Saberes e Educação na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará; é especialista em ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa (UFPA-2008); é licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa (UFPA-2003) e Inglesa (UFPA-2007); Atualmente é professora de Língua Portuguesa no ensino fundamental II; em Língua Inglesa no ensino fundamental I e II, no Ensino Superior em Licenciatura de Língua inglesa tem experiência em Letras com ênfase em Linguística e Estudos Literários pela UAB/UEPA; pesquisa temas ligados à Cultura e à Educação na Amazônia, como Poéticas Orais pelo Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA); é associada a BioGraph- Associação Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica e ANPED- Associação Nacional de Pós-graduação em Educação.

E-mail: [iv-one-caldas@hotmail.com](mailto:iv-one-caldas@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7412-7846>

Recebido: 01/07/2021

Aprovado: 30/07/2024

## ANTONIO JURACI SIQUEIRA: GUARDIÃO DA EXPRESSIVIDADE AMAZÔNICA

## ANTONIO JURACI SIQUEIRA: GUARDIÁN DE LA EXPRESIVIDAD AMAZONICA

Ana Paula de Jesus Freitas Braga  
Lane Maria Marques de Bastos  
Bárbara Márcia da Piedade da Silva

### Resumo

A Literatura de Cordel é uma forma tradicional de poesia narrativa popular, cuja trajetória remonta ao século XVI, quando o Renascimento popularizou a impressão de relatos orais em folhetos. Expandiu-se em países europeus, daquilo que se chamou, na França, literatura de *colportage* (mascate); na Inglaterra, *chap-book* ou balada; na Espanha, *pliego suelto*; em Portugal, literatura de cordel ou folhas volantes. No Brasil, foram os portugueses que a introduziram no início da colonização. Essa atividade literária adquiriu características próprias no nordeste brasileiro, espalhando-se por outras regiões do país, incluindo a região Amazônica. Antônio Juraci Siqueira, poeta e escritor, destaca-se como uma das principais figuras desse gênero literário na região norte brasileira. Sua obra é marcada por uma profunda conexão com as tradições culturais e sociais da Amazônia, utilizando o cordel como uma ferramenta poderosa para narrar histórias e preservar a memória coletiva. Este artigo tem como objetivo propagar a contribuição de Antônio Juraci Siqueira para a Literatura de Cordel na Amazônia, analisando o impacto de sua produção literária na valorização e preservação da cultura amazônica. Através de uma análise detalhada de sua trajetória e de sua obra, busca-se compreender a relevância de sua produção literária como o Mestre das Encantarias e suas contribuições para a literatura brasileira contemporânea. Além disso, pretende-se contextualizar a Literatura de Cordel dentro da tradição oral brasileira e como Juraci recruta a corporeidade do imaginário amazônico em suas obras, refletindo a cultura e a oralidade da região, e a relevância das suas obras na preservação e promoção da cultura amazônica através da tradição oral.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel; Poesia popular; Região Amazônica.

### Resumen

La literatura cordeliana es una forma tradicional de poesía narrativa popular, cuya trayectoria se remonta al siglo XVI, cuando el Renacimiento popularizó la impresión de relatos orales en folletos. Se expandió en los países europeos, a partir de lo que se llamó, en Francia, literatura de *colportage* (buhonero); en Inglaterra, capítulo o balada; en España *pliego suelto*; en Portugal, literatura de cordel o folletos. En Brasil, fueron los portugueses quienes lo introdujeron al inicio de la colonización. Esta actividad literaria adquirió características propias en el Nordeste brasileño, extendiéndose a otras regiones del país, incluida la región amazónica. Antonio Juraci Siqueira, poeta y escritor, se destaca como una de las principales figuras de este género literario en el Norte de Brasil. Su obra está marcada por una profunda conexión con las tradiciones culturales y sociales de la Amazonía, utilizando el cordel como una poderosa herramienta para narrar historias y preservar la memoria colectiva. Este artículo tiene como objetivo difundir el aporte de Antonio Juraci Siqueira a la Literatura Cordel en la Amazonia, analizando el impacto de su producción literaria en la apreciación y preservación de la cultura amazónica. A través de un análisis detallado de su carrera y obra, buscamos comprender la relevancia de su producción literaria como Maestro de Encantarias y sus contribuciones a la literatura brasileña contemporánea. Además, se pretende contextualizar la literatura de Cordel dentro de la tradición oral brasileña y, como Juraci recluta la corporalidad del imaginario amazónico en sus obras, reflejando la cultura y la oralidad de la región; así como la relevancia de sus obras en la preservación y promoción de la cultura amazónica a través de la tradición oral.

**Palabras clave:** Literatura Cordel; poesía popular; Región amazónica.

## **Trajetória biográfica do “Poeta Filho do Boto”**

Antonio Juraci Siqueira nasceu em Afuá, Belém do Pará, no dia 28 de outubro de 1948, conhecido popularmente como "O Boto" ou "O poeta filho do boto", é um escritor e poeta brasileiro, cuja obra representa um verdadeiro patrimônio cultural para a Amazônia e para o Brasil. Sua trajetória literária, marcada por uma profunda conexão com a cultura paraense, começou na infância com a descoberta dos folhetos de cordel, um gênero que se tornaria a espinha dorsal de sua vasta produção literária. Obteve mais de duzentas premiações literárias em vários gêneros em âmbito nacional e local.

Formado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Juraci Siqueira é membro de diversas entidades literárias e membro fundador do Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia (MOCOHAM). Sua trajetória é uma prova de sua dedicação inabalável à palavra escrita, e à oralidade, dando voz e vida à tradição oral com mais de oitenta títulos publicados, incluindo folhetos de cordel, livros de poemas, contos, crônicas, literatura infantil e humor. A riqueza e a diversidade de sua obra lhe renderam reconhecimento e premiações literárias em âmbito nacional e local, destacando-se em diversos gêneros.

Em 2023, Antonio Juraci Siqueira teve o lançamento de sua obra completa, compilada em cinco volumes: Volume 1 Poesias; volume 2 Poesias Populares; Cordel e Trovas; volume 3 Prosa, Contos, Crônicas e Artigos; volume 4 Literatura Infanto-juvenil; volume 5 Humor em Versos e Prosas.

Durante a juventude, teve contato com a Literatura de cordel, e, em meados dos anos 1980, começou a escrever textos humorísticos para o jornal “A Província do Pará”. Mais tarde, passou a contribuir para as colunas “Rima Rica” e “Juraci Park”, publicando prosas e poesias de cordel ao longo de vinte e dois anos. Suas obras destacam-se pela expressividade cultural e pela riqueza de detalhes, capturando a essência da linguagem popular e os aspectos mais vibrantes da cultura local

Ao longo dos anos, ele consolidou sua posição como um dos principais autores de cordel do Brasil, participando de eventos literários e recebendo diversas homenagens. Em 2018, Siqueira foi agraciado com o título de Patrimônio Cultural Vivo pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará. Em 2019, a Câmara Municipal de Belém reconheceu sua importância para a cultura paraense, concedendo-lhe a Medalha de Mérito Cultural e Patrimônio de Belém, além do título honorário de "Cidadão de Belém". Em 2022, foi homenageado durante a I Festa Literária de Belém (Flibe), promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC/PA). Juraci Siqueira foi premiado com o prestigioso Prêmio Baobá em 2023, reconhecido pela imprensa de São Paulo como ‘O Oscar dos contadores de histórias’. Este troféu é concedido a contadores de histórias, escritores, editoras, instituições de ensino e organizações que não só promovem, mas também fortalecem de maneira significativa a arte narrativa, a literatura e a leitura em todo o Brasil.

E quando lhe perguntaram: ‘O que é contar histórias?’ - Ele, poeticamente se colocou:

*Contar histórias, para mim,  
é trazer o imaginário  
para dentro do cenário  
da realidade e, assim,  
dar, sempre, o melhor de mim  
ao lançar no mundo o grão  
da memória, da emoção,  
para revelar o mundo  
tão alegre, tão fecundo  
da nossa imaginação.*  
(Mota; [et.al], 2021.pag. 53)

Atualmente, ocupa posição de formador no Sistema de Bibliotecas Municipais de Belém (Sismube), pela SEMEC/PA. Em 2024, será homenageado como o autor paraense na 27ª Feira Pan Amazônica do Livro, a ocorrer entre os dias 17 a 25 de agosto, uma consagração que reflete sua influência e reconhecimento, tanto nacional, quanto internacionalmente.



Foto do registro pessoal do Antônio Juraci Siqueira.  
Fonte: Acervo do cordelista

### **Guardião Cultural e do Imaginário Amazônico**

A obra de Antonio Juraci Siqueira é vastamente rica e variada, abrangendo desde a poesia popular até a literatura infanto-juvenil. Seus folhetos de cordel são notáveis pela forma como capturam as nuances da vida amazônica, utilizando uma linguagem acessível e envolvente. Entre os temas recorrentes em sua obra estão a natureza, a cultura popular e as histórias de personagens do folclore amazônico.

Um dos aspectos mais marcantes na obra de Siqueira é o seu compromisso com a preservação da memória cultural da Amazônia. Seus textos frequentemente evocam cenários e situações típicas da região, como a vida ribeirinha, os mitos e contos locais, e a relação íntima dos habitantes com a floresta e os rios. Através de suas narrativas, ele não só entretém, mas também educa e sensibiliza os leitores sobre a importância de preservar esse rico patrimônio cultural.

Juraci, em suas narrativas evidencia a profundidade da regionalidade em sua escrita, destacando aspectos singulares da cultura e do cotidiano amazônico.) "Nas cabeceiras de um grande rio entre tantos que rebatam a ilha do Marajó, morava um casal de caboclos que levava a vida na base da maré mansa". (Siqueira, 2012, p.63)

Seu trabalho é permeado por uma autenticidade que somente quem vive e compreende a região pode transmitir. A descrição das 'cabeceiras de um grande rio' e a vida dos 'caboclos' traduzem a relação intrínseca entre o povo e o ambiente natural, refletindo as tradições, os desafios e a beleza da vida ribeirinha.

Através de uma linguagem rica e poética, ele nos transporta para o coração da região amazônica, destacando a unicidade entre os habitantes locais e a natureza que os cerca: "Viviam do que a natureza generosa lhes oferecia: o açaí, o camarão e o peixe que apanhavam sem muito esforço com a ajuda de cacuris, matapis, puçás e anzóis iscados com camarões e sararás". (Siqueira, 2012, p. 6)

O valor de seu trabalho literário reside na capacidade de capturar e preservar essas tradições e práticas culturais únicas. A escrita de Siqueira oferece aos leitores uma janela para a vida ribeirinha, promovendo uma compreensão mais profunda e uma apreciação pelo modo de vida dessas comunidades. Além disso, ele contribui para a valorização e a perpetuação do patrimônio cultural amazônico, assegurando que estas histórias e conhecimentos não se percam com o tempo.

Além da regionalidade, o humor sutil em suas narrativas, que nasce da observação carinhosa dos hábitos e peculiaridades do povo marajoara é uma forma de conectar o leitor com a realidade das personagens, tornando suas histórias mais vivas e autênticas.

*Um certo dia, em que ele se achava pescando sozinho num igarapé próximo de casa, aconteceu um fato inusitado: quando tirava o quinto jacundá do anzol escutou alguém falar, em alto e bom tom, por detrás da sapopema de uma gigantesca samaumeira (Siqueira, 2012, p. 63).*

A cena descrita acima transporta o leitor para a exuberância da floresta amazônica, onde cada elemento — do igarapé sereno ao jacundá fígado — nos transporta para aquele lugar - mesmo quem nunca tenha presenciado tal experiência. A presença da "gigantesca samaumeira", uma árvore simbólica da Amazônia, adiciona uma dimensão de majestade e mistério à narrativa, reforçada pela voz inesperada que emerge de sua sapopema.

A escrita de Juraci se destaca pela habilidade de capturar a essência do imaginário amazônico, onde a natureza não apenas compõe o cenário, mas se torna uma personagem ativa e mística. Suas narrativas evocam um encantamento característico da literatura regional, celebrando o encontro entre o homem e o ambiente natural de forma pura e bela. Através de sua poética, Juraci não apenas documenta, mas também exalta a riqueza cultural e natural da Amazônia, imortalizando as histórias e os costumes que definem essa região única.

## **O cordel no Brasil**

A Literatura de cordel é uma expressão literária popular composta por folhetos de poemas rimados, frequentemente ilustrados com xilogravuras, tradicionalmente pendurados em cordas para venda. Os poemas de cordel combinam humor, ironia e crítica social, refletindo questões cotidianas e culturais. Os cordelistas não apenas escrevem, mas também ilustram, produzem, declamam e vendem suas obras, frequentemente, acompanhados pela viola. Essa forma de arte não só divulga as tradições locais e as identidades culturais, mas também preserva as ricas tradições literárias regionais.

O cordel desempenha um papel crucial na preservação da história e da cultura popular brasileira. Ele serve como um meio de educação e entretenimento, transmitindo valores, crenças e conhecimentos de geração em geração. A tradição oral do cordel é uma ferramenta poderosa para a construção e manutenção da identidade cultural, especialmente em comunidades rurais e periféricas.

No Brasil, registra-se que a Literatura de cordel ganhou popularidade principalmente no Nordeste, especialmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Originalmente, era vendida pelos próprios autores em mercados e feiras, em folhetos impressos e declamados. As temáticas, em geral, giravam em torno dos costumes e cultura do mundo rural, que uma vez isolados, consolidaram-se numa sociedade sertaneja – iletrada. Mas potencializou-se porque a poesia favorece a memorização através das rimas, ritmo, repetições e a musicalidade dos versos.

Encontram-se entre essas produções, uma grande variedade de composições, a respeito das histórias tradicionais; histórias medievais; acontecimentos históricos, sociais e religiosos dos feitos de figuras do cenário nacional, como Antônio Conselheiro, Lampião, Pe. Cícero Romão, Getúlio Vargas, Tancredo Neves, e uma boa dose de fantasia. Muitos autores se destacaram e se tornaram referências na Literatura de cordel, como Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré, Zé da Luz e João Martins de Athayde.

## **O Cordel e a Poesia, um legado**

Juraci Siqueira ressalta a grande importância de divulgar a poesia e outros gêneros literários como um caminho essencial para enriquecer a experiência humana. Ele argumenta que “não se pode amar aquilo que não se conhece, nem defender o que não se ama.” (Siqueira, 2012, p. 63). Para ele, o ciclo é claro: conhecer para amar e amar para defender. Juraci enfatiza que a poesia não é uma força que muda diretamente o mundo, mas sim o ser humano que possui esse potencial transformador.

Contudo, ele acredita firmemente que a poesia tem o poder singular de moldar e iluminar as almas, provocando reflexões profundas e despertando mudanças individuais que, coletivamente, podem inspirar transformações sociais significativas.

A habilidade em combinar ritmo, rima e imagens vívidas criam uma experiência única para os leitores, transportando-os para os cenários vibrantes da Amazônia, a dialogar com as personagens e histórias que definem a cultura regional. O uso da linguagem poética enobrece suas narrativas, tornando-as acessíveis e cativantes; elaborada de maneira profunda e envolvente.

**6**

*Um dia o velho Aruã,  
sentindo-se triste e só,  
contou ao sábio esta lenda  
ouvida de sua avó,  
que fala do nascimento,  
num fabuloso momento,  
dos rios do Marajó.  
(Siqueira, 2016. p. 26)*

Ao iniciar a história com a voz de Severino dos Santos, um índio Aruã da ribeira, Juraci estabelece um vínculo íntimo entre o narrador e sua ancestralidade, situando o leitor em um contexto de tradição oral rica em simbolismo e significado cultural. A habilidade do autor em entrelaçar a poesia com a história regional do Marajó além de aprimorar a experiência estética do leitor, desperta uma compreensão mais profunda das relações entre o homem e o ambiente natural na Amazônia.

**9**

*Naquele tempo, crianças,  
o mundo era diferente,  
pois o homem não produzia  
tanto lixo poluente,  
e a Ilha do Marajó  
não tinha nome e era só  
dita a ilha, simplesmente.*

**10**

*Porém, não era só o nome  
que a ilha não possuía:  
furos, rios e igarapés  
por lá também não havia.  
Só tinha um lago gigante,  
renovado a todo instante  
pela chuva que caía.  
(Siqueira, 2016.p. 28)*

A produção poética de Juraci na Literatura de cordel exemplifica uma estética que encanta pela sua simplicidade formal, pela profundidade cultural que transmite. A habilidade em utilizar a forma tradicional do cordel, com seu ritmo cadenciado e rima característica, preserva uma tradição literária valiosa e, ao mesmo tempo, a revitaliza ao adaptá-la para tratar de temas contemporâneos e universais. Juraci não se limita a contar histórias; ele cria um universo poético onde as paisagens da Amazônia e as tradições culturais são rememoradas com precisão. Sua estética se manifesta na escolha cuidadosa das palavras e na estrutura métrica do cordel, com a sagacidade de capturar a essência humana e ambiental de suas narrativas.

Ele usa a poesia como um veículo de expressão artística, e dessa forma, documenta e celebra a diversidade cultural e ambiental da Amazônia. Além disso, o potencial cultural de seu trabalho reside na maneira como ele enriquece o entendimento público sobre questões como a preservação ambiental, os modos de vida tradicionais e as lutas sociais através de uma linguagem acessível e emotiva. Ao referenciá-las, Juraci educa para o fortalecimento da identidade cultural das comunidades amazônicas, oferecendo uma voz literária que é ao mesmo tempo local e universalmente relevante. Assim, seu trabalho perpetua uma forma de expressão única e significativa, propondo um diálogo mais amplo sobre os desafios e as riquezas da região amazônica no contexto contemporâneo.

## **Conclusão**

O cordel, com suas raízes profundamente fincadas na cultura brasileira e sua marcante tradição de oralidade, exerce um papel essencial na preservação da memória coletiva e na valorização da identidade cultural. Diferentemente da literatura impressa em livros convencionais, o cordel é uma forma literária regional que se apresenta em folhetos ricamente ilustrados com xilogravuras, dispostos em cordas ou barbantes, revelando assim a origem de seu nome. Ao registrar eventos passados e propor reflexões sobre a contemporaneidade, o cordel se destaca como um potente veículo de resistência cultural. Assegura que histórias, tradições e valores sejam transmitidos de uma geração a outra, contribuindo para a continuidade da identidade cultural de um povo. Sua relevância literária transcende o valor histórico, estendendo-se à sua habilidade de dialogar com o presente e oferecer uma visão enriquecedora sobre a evolução social e cultural do Brasil.

As obras de Juraci Siqueira conduzem a uma profunda imersão na rica diversidade cultural da Amazônia, transitando além das fronteiras geográficas e temporais. Seus poemas e narrativas representam expressões artísticas de elevada habilidade técnica, constituindo-se, em testemunhos vividamente retratados no cotidiano, nas tradições ancestrais e na complexidade ambiental, única, da região Norte. Dedicado narrador, Juraci, entrelaça elementos da cultura popular local com questões contemporâneas em sua escrita apaixonada sobre a Amazônia. Cada palavra em suas obras é um convite à reflexão sobre a relação entre humanidade e natureza, sobre a resiliência das culturas indígenas frente às transformações do mundo moderno, e sobre a preservação dos valores tradicionais em face do progresso. Sua poesia seduz pela profundidade de suas metáforas, além de desafiar intelectualmente o leitor, ao acender a luz da reflexão, sobre temas como sustentabilidade, identidade cultural e justiça social.

Portanto, reverenciar Juraci Siqueira, ícone da literatura brasileira, é celebrar um escritor dinâmico e, sobretudo, um contador de histórias, cujo legado transcende as páginas de seus livros, reverberando nos corações e mentes daqueles que buscam entender e preservar a diversidade cultural, criando uma ponte, entre o regional e o universal. Sua obra convida leitores e pesquisadores a explorar a beleza e a complexidade da literatura de um verdadeiro guardião da cultura e das tradições amazônicas.

Que este artigo inspire novas pesquisas e reconheça a importância consistente da obra de Antonio Juraci Siqueira na Literatura Brasileira, celebrando-o como o “Filho do Boto”. E assim, eis o acróstico em cordel, entoado como um “mantra” por todos os membros do MocoHam.

27

*A história, aqui recontada  
Não tem fim, nunca terá.  
Toda vez que alguém contá-la  
Outra face mostrará.  
Na pauta de cada conto,  
Introduzida em um só ponto,  
Outra história nascerá.*

28

*Jamais permita que um conto  
Um dia venha morrer.  
Reúna um pouco de sonho  
Aos momentos de prazer:  
Conte um conto, aumente um ponto,  
Invente o próprio viver.*

29

*Seja um contador de histórias,  
Inventor de alegorias,  
Que este mundo, grave, anseia  
Um pouco de fantasia.  
Escreva uma história alegre,  
Inspirada em poesia.  
Rasgue as cortinas da noite,  
Abra as portei ras do dia. (Siqueira, 2016. p. 36)*

## Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

MEYER, Marlyse, *Autores de Cordel*. Seleção de textos e estudo crítico. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1980. (Literatura Comentada)

MOTA, Viviane [et al.] *Apanhadores de Histórias*. Belém, PA: Amo, 2021.

ROMERO, Silvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. 2. ed. Petrópolis; Aracaju: Vozes; Governo do Estado de Sergipe, 1977.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Aumentei, mas não menti*. Xilogravuras: Nena Borges e Silvio Borges. São Paulo: Paulinas, 2016.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *O menino que ouvia estrelas e se sonhava canoeiro*. Ilustração Heraldo Candido. 2 ed. Belém, PA: tempo editora, 2013.

Dia Mundial da Poesia, a Imprensa Oficial do Estado do Pará– Rios em nós.

Disponível em: <<https://noticiamarajo.com.br/para/editora-publica-da-ioepa-destaca-livros-de-autores-paraenses-no-dia-mundial-da-poesia/>>. Acesso em: 23 jun. 2024.

Imprensa Oficial do Estado homenageia escritores paraenses no Dia do Poeta da Literatura de Cordel.

Disponível em: <<https://agenciapara.com.br/noticia/45937/imprensa-oficial-do-estado-homenageia-escritores-paraenses-no-dia-do-poeta-da-literatura-de-cordel>>. Acesso em: 06 jul. 2024.

O Liberal - Poeta paraense Juraci Siqueira é patrimônio cultural vivo.

Disponível em: <<https://www.oliberal.com/cultura/poeta-paraense-juraci-siqueira-%C3%A9-patrim%C3%B4nio-cultural-vivo-1.46027?amp=1>>. Acesso em: 08 jul. 2024.

Encanto Caboclo.

Disponível em: <<https://www.encantocaboclo.com.br/2013/04/literatura-de-cordel-antonio-juraci.html>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

As autoras:

#### **Ana Paula de Jesus Freitas Braga**

Graduada em Educação Artística - bacharel em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes Alcântara Machado - FAAM - São Paulo / SP. Especialista em Arte e Educação pela Faculdade Paulista de Artes - São Paulo/SP. Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba/SP. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Network /Nova Odessa SP. Especialização e Extensão em Contação de Histórias. Faveni/SP. Atualmente é Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de São Paulo desde. Membro do Movimento de contadores de Histórias da Amazonia. Realiza Palestra e formações sobre A arte de Mediar e Contar Histórias.

#### **Lane Maria Marques de Bastos**

Professora com formação em Geografia e Pós-Graduação em Interdisciplinaridade. Trabalha na Biblioteca da Escola Ramiz Galvão, em Rio Pardo, Rio Grande do Sul/RS. É contadora de histórias e participa de oficinas de Contação de Histórias nas Editoras Paulinas e na Câmara do Livro. Membro do Movimento de Contadoras e Contadoras de Histórias e Mediadoras e Mediadores de Leitura da Amazônia – MOCOHAM.

#### **Bárbara Márcia da Piedade da Silva**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Especialista em Educação e Docência no Ensino Básico e Superior. Atuou em 2021 a 2023 como Tutora Regional da Educação Infantil em parceria pela UNICEF/UAPI (Unidade Amiga da Primeira Infância). Atualmente professora formadora e de referência da Secretaria Municipal de Educação de Belém - SEMEC/PA e Membro do Movimento de Contadoras e Contadoras de Histórias e Mediadoras e Mediadores de Leitura da Amazônia - MOCOHAM.

Recebido: 03/07/2024

Aprovado: 30/07/2024

## DONA DOMINGAS, A CORDELISTA DE COLARES

### DONA DOMINGAS, THE CORDEL WOMAN WRITER FROM COLARES CITY

Janete da Silva Borges  
Universidade do Estado do Pará  
Belém-Pará

#### Resumo

Este trabalho é fruto do resultado da pesquisa feita para a minha Dissertação de Mestrado, concluída em novembro de 2005 pela Universidade Federal do Pará. A pesquisa surgiu da inquietação e da curiosidade de um estudo sobre o tema no nosso estado, o professor Vicente Salles fez uma coleta de vários livretos estado afora e algumas análises, mas ficou por aí, ninguém mais continuou o trabalho iniciado por ele, ou mesmo deu início a outro tipo de pesquisa. Por isso, também o meu interesse, na época da pesquisa havia uma necessidade de um estudo mais profundo sobre o cordel aqui no Pará, e uma dívida com seus cordelistas, atualmente existem mais trabalhos acadêmicos com esta temática, é bom saber que a academia tem despertando um interesse maior pela cultura popular. No Pará, segundo Márcia Abreu (1999), chegou através dos imigrantes portugueses, quando os navios aportavam por aqui antes mesmo de chegarem à capital do país - Rio de Janeiro - ainda no século XIX, dos nordestinos, principalmente no período do Ciclo da Borracha, da construção da Transamazônica, e na exploração do ouro em Serra Pelada. Neste artigo, apresento Dona Domingas, a única mulher que produzia cordel em Colares na época da pesquisa e uma das raras mulheres neste espaço, ainda, tão machista que é a produção de Cordel no Pará. A principal proposta do trabalho foi mostrar que a Literatura de Cordel faz parte da cultura paraense tanto quanto os outros gêneros literários e sua produção é intensa.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel; Pará; D. Domingas

#### Resumen

Este trabajo es resultado de la investigación realizada para mi Tesis de Maestría, finalizada en noviembre de 2005 por la Universidad Federal de Pará. La investigación surgió de la inquietud y curiosidad de un estudio sobre el tema en nuestro estado, realizó el profesor Vicente Salles, recopilación de varios folletos por todo el Estado y algunos análisis, pero eso fue todo, nadie más continuó el trabajo que él inició, ni siquiera inició otro tipo de investigación. Por eso también me interesa, en el momento de la investigación existía la necesidad de un estudio más profundo sobre el cordel aquí en Pará, y una deuda con sus cordelistas. Actualmente hay más trabajos académicos sobre este tema, es bueno saber que la academia ha despertado un mayor interés por la cultura popular. A Pará, según Márcia Abreu (1999), llegó a través de inmigrantes portugueses, cuando los barcos atracaban aquí antes incluso de llegar a la capital del país, Río de Janeiro, aún en el siglo XIX, desde el noreste, principalmente durante el período del Ciclo del Caucho, la construcción de la Transamazónica y la exploración de oro en Sierra Pelada. En este artículo presento a doña Domingas, la única mujer que producía cordel en Colares en el momento de la investigación y una de las pocas mujeres en este espacio todavía tan machista que es la producción de Cordel en Pará. La principal propuesta de la obra fue mostrar que la literatura de Cordel es tan parte de la cultura Pará como otros géneros literarios y su producción es intensa.

**Palabras clave:** literatura de Cordel; Pará; D. Domingas

## **POR QUE CORDEL?**

Quem não gosta de ouvir histórias? Basicamente todo mundo gosta, e comigo não é diferente. Trata-se de um hábito adquirido desde criança. Ouvir histórias propiciou o meu primeiro contato com a literatura. Tive avós contadores de histórias, e um tio, ainda vivo (95 anos), que, além de nos deliciar com as nossas lendas, com os mitos, os romances e os contos de fadas, contava, também, umas histórias com rimas, e dessas eu, particularmente, gostava mais do que as outras, afinal, como ele conseguia fazer aquilo? Era tão diferente...

Assim, eu fui tendo meu primeiro contato com o cordel, através da oralidade, ou, segundo as palavras de Heloísa Prieto, 1999, através do “hálito” do meu tio.

Muitos anos se passaram e eu não esquecia as histórias com rimas. No curso de Letras, na UFPa, mais especificamente no projeto IFNOPAP, tive meu reencontro com aquelas velhas-novas histórias. Velhas porque já as conhecia, novas porque fiquei sabendo que tinham uma identidade: *Literatura de Cordel*. Já havia escutado muito sobre elas, mas, contato mesmo, só na Graduação, e imaginem só, reacendeu uma paixão antiga que, agora, não queria apenas ouvir, queria também uma intimidade maior, um contato mais próximo, uma relação mais séria.

Como, culturalmente, temos a ideia de que somente o Nordeste produz cordel, não havia, à época da dissertação, um estudo efetivo no nosso estado. O professor Vicente Salles fez uma coleta de vários livretos Estado afora e algumas análises, mas ficou por aí, ninguém mais continuou o trabalho iniciado por ele, ou mesmo deu início a outro tipo de pesquisa. Por isso, também o meu interesse, há praticamente uma necessidade de um estudo mais profundo sobre o cordel, aqui no Pará, e uma dívida com seus cordelistas. A maioria do material coletado, por Vicente Salles, faz parte dos cordéis publicados pela Editora Guajarina, mas há também folhetos de encomenda, de propagandas.

Na tentativa de fazer um levantamento da produção atual do cordel no Estado, descobri que, além da região metropolitana, havia no interior uma produção efetiva que precisava ser estudada.

Precisamos levar em consideração que o fluxo migratório do Nordeste é muito forte na região nordeste do estado, por isso começar por ela seria uma tentativa de fazer o percurso do cordel local. Foi assim que cheguei em Colares e à casa de sua única cordelista.

### **A produção do cordel em Colares.**

Colares é uma cidade pequena que fica mais ou menos a 120 quilômetros de Belém. Tem uma produção cultural diversificada, mas pouco explorada. O que chama a atenção das pessoas que não são de lá ou das redondezas, são as histórias a respeito de OVNIS que

apareceram na década de 80. Os ufólogos dizem que lá pousam discos voadores, e isso faz parte do imaginário popular daquela região.

OVNIS à parte, em Colares existe outra coisa estranha, pelo menos para as investigações que resultaram nesta dissertação: uma senhora que nunca teve contato com livretos de cordel, ou com repentes nordestinos, faz cordel e repentes...

### **Domingas Rocha**

Dona Domingas tinha 80 anos na época da pesquisa - ela ancestralizou há alguns anos - viúva, teve uma vida muito sofrida: criou 08 filhos sozinha numa cidade de interior (Juçarateua), em uma época em que o machismo era muito mais forte que atualmente. Ela faz, literalmente, da sua vida um poema. Escreveu um folheto de cordel com o título de *Um Caso Verdade* e faz música sobre todos os fatos que acontecem com ela, sejam eles bons ou não.

Além de cordel, D. Domingas fazia repentes, versões de músicas e compunha, inclusive por encomenda. Ela não lembrava quando começou a escrever, mas dizia que há muito tempo.

Ela lembrava de maioria de suas composições, apesar de ter sofrido de um aneurisma cerebral aos 75 anos, e ter-se submetido a uma cirurgia. Gravou cds, feitos de modo artesanal pelos filhos, e esperou uma oportunidade para mostrar seu trabalho, dizia que a voz não era mais a mesma, estava se perdendo. Infelizmente não realizou seu desejo...

Dona Domingas tinha cadernos com vários cordéis, contando histórias de várias pessoas. Além de muitos outros com as letras de suas músicas.

*Um caso verdade* é o único folheto publicado, mas ela tem outros, entre eles *A viagem de minha filha* e *a História da moda*.

*Um caso verdade* é uma espécie de autobiografia que retrata todo o sofrimento de criar os filhos sozinha, após ter sido abandonada pelo segundo marido.

O folheto com 27 folhas, composto predominantemente por sextetos, com esquema rimático ABCBDB . O texto é dividido em duas partes, na primeira há 40 estrofes, sendo dois quartetos com esquema ABCB, na segunda há 41, sendo uma quadra com o mesmo esquema da anterior.

A primeira parte, datada de 1963, mostra a saída do marido e todo o sofrimento da espera de um retorno, que nunca aconteceu. O texto inicia pedindo força a Deus para poder contar a história:

Hoje é 20 de março  
Dia de festa e reunião  
Por isso peço a Deus  
E a São Sebastião  
Que me dê força e coragem  
E também a proteção

Em seguida, fala com o marido, mostrando-lhe como está magoada com sua partida, e como ela vê o fato:

Ilm° Senhor Não queira ignorar  
Peço a Vossa Excelência  
Que a mim, queira desculpar,  
Destas palavras que aqui  
Neste papel vou narrar.

Você sendo novo e forte  
Porém de espírito fraco  
Pra se dominar por coisas  
Que só lhe causa fracasso  
E fala alto comigo  
Só pra encher o saco.

Fique sabendo você  
Que o saco está no meio,  
Por você me pedir calma,  
Que fico no aperreio  
Mas o dia em que me alvorar,  
O caso vai ser bem feio.

Sabe Deus como a gente  
Por aqui está passando,  
No caderno está devendo,  
E dinheiro emprestando  
E muitas vezes também  
A fome só maltratando.

O texto segue falando das dificuldades pelas quais está passando a narradora – financeiras, morais, pessoais.

No final ela mostra que, apesar de tudo, não deseja mal ao pai de seus filhos:

Que Deus te proteja sempre  
Com saúde e força mais  
Para enfrentares os serviços  
E tenhas sempre cartaz  
E para que dinheiro, muito,  
Tu ganhes sempre mais.

Que Deus pai te favoreça  
Com muitos anos de vida  
Que eu também  
Hei de viver  
Por Deus sempre protegida  
Por você peço perdão!  
E ando de cabeça erguida.

Assim eu também desejo  
Que você seja feliz  
Se for vontade de Deus  
Um dia voltares aqui  
Terei prazer em contar-te  
Porque foi que te escrevi.

.....

Que vivas muito feliz  
Mesmo lá longe dos teus  
Recebe um adeus saudoso  
Desta que te escreveu.

Nesta primeira parte, percebe-se um lamento, que mostra a dor de perder alguém que se ama e a esperança do retorno. O texto é narrado em primeira pessoa e fala diretamente com o marido que partiu, como se estivesse lhe escrevendo uma carta.

Na segunda parte, a história é contada aos leitores e é com eles que a narradora fala, também é em primeira pessoa e faz uma descrição dos fatos.

Inicia dizendo aos leitores que, após ter refletido, vai lhes contar sua história que já foi contada antes – na primeira parte. A partir da segunda estrofe, inicia propriamente a história, mostrando o início de tudo e dando pistas ao leitor de como seria o final:

O negócio é o seguinte:  
Que dentro de poucos anos  
Eu estava colocada  
Com um homem de bons planos,  
Mas não sabia que eu  
Já estava no engano.

.....

Eu dizia: isso é conversa,  
Você ainda me abandona  
Você com essa conversa  
Ainda arranja outra dona  
Ele disse: Deus me livre  
Minha palavra é de homem.

Eu ainda tinha cinco<sup>28</sup>  
Que todo mundo sabia  
Eu trabalhava tanto  
E ele se compadecia  
Então falou em ajudar  
E eu disse que queria.

Mas queria neste sentido  
De os dois viverem juntos  
Se ele não concordasse  
Eu não queria assunto  
Íamos viver até um dia  
Um ou outro ser defunto.

Foi então que concordamos  
E ficamos bem vivendo  
Quando um não tinha, era outro.  
Tudo então fomos vencendo  
E todas as nossas crianças  
Cada vez iam crescendo.

O texto segue mostrando que o marido foi embora para arrumar um emprego melhor, durante muito tempo escrevia para a família, mas depois não deu mais notícias. Os versos indicam que a narradora sabia do companheiro através de terceiros, e a última notícia era de que ele estava na cidade de Soure, no arquipélago do Marajó.

Na XXV estrofe, há um *flash back*, e o texto mostra como era a relação com a mãe do rapaz:

Quando de sua mãe querida  
Ele apanhava demais  
Chegava e dizia assim:  
“Olha o que mamãe faz”  
Respondia: “se fosse eu  
Já não queria mais.”

Então suspendia a camisa  
Dizia: “vem olhar aqui”  
Só tinha uma lambada  
De lasca de muruci  
E dizia: “a mamãe faz isto  
Pra ver se deixo de ti.”

---

<sup>28</sup> D. Domingas faz referência aos cinco primeiros filhos do primeiro casamento.

Quando agarrava-o de novo  
As pancadas eram seguras  
Era com lasca de pau  
Ou com cabo de vassoura  
Dizia: “estas apanhando  
Por causa daquela feiúra.”

As brigas com a mãe foram muitas, ela não deixava o filho escolher as namoradas, sempre interferia e, essas divergências foram usadas como motivo para ir embora da cidade, deixando a mulher e os filhos, com promessa de retorno:

Ele disse:”ora mamãe  
Como eu posso ficar  
A senhora é minha mãe  
Mas não pode me obrigar  
Pois eu vou daqui embora  
Meu destino procurar”

Tornou a dizer: “oh, mãe!  
Veja lá como é que é,  
Estou com 28 anos  
Sem ter arranjado mulher  
Agora arranjei esta  
E a senhora não quer.

Primeiro com uma moça  
Que eu quis me colocar  
A senhora disse assim  
Esta não vai adiantar  
Ela não é mais nada<sup>29</sup>  
E tu não vais carregar.

Segunda foi uma outra  
Era uma boa mocinha  
A senhora disse: filho,  
Vou te avisar bem mansinha  
Esta moça ainda não sabe  
Da saia lavar a bainha.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Esta é uma expressão muito usada pelos mais velhos, principalmente no interior, para dizer que uma moça não é mais virgem.

<sup>30</sup> Não saber lavar a bainha da saia significa não ser prendada, não ser uma boa dona de casa, e, conseqüentemente, uma péssima esposa.

A terceira foi uma viúva<sup>31</sup>  
Comigo quis viver junto  
Você disse: ora meu filho!  
Vou falar no teu assunto  
Essa mulher não te serve  
Porque é resto de defunto.”

Ele disse: ”agora sim  
Há de ser o que Deus quiser  
Sou obrigado a ir embora  
Mas não perco a minha fé  
Meus filhos ficarão aqui  
Dora, Valdeci e José.”<sup>32</sup>

As últimas estrofes retomam o diálogo com o leitor, e há uma descontração, o texto é mais suave, tanto que há uma espécie de charada para o leitor decifrar:

Da história que versei,  
O importante é isto:  
Minha luta é sempre forte  
Graças lá do infinito  
A força que Deus me deu,  
São Pedro e São Benedito.

Rimei toda minha história  
O favor peço então,  
Chamo a todos os leitores  
A lerem esta narração  
E depois  
De terem lido  
Tem um pontinho no ar  
Para fazer separação.

Ó meu amigo leitor,  
Queira a mim desculpar  
Não é de costume isto  
A precisão veio obrigar  
Depois de ter recorrido  
Diga meu nome onde está.

Aparentemente a segunda parte, que não está datada, foi escrita bem depois da primeira, pois há uma leveza maior do texto, não há tanto lamento como na primeira, que deve ter sido escrita próximo à partida do companheiro.

---

<sup>31</sup> A narradora.

<sup>32</sup> Os três últimos filhos são do segundo casamento.

*A viagem de minha filha*, faz jus ao nome e narra a viagem de uma das filhas da autora por algumas cidades do Brasil. O texto é inédito e tem 22 sextetos com o esquema rimático ABCBDB. O único texto de D. Domingas – dentre os cordéis e os repentes – que não trata de um fato verídico é *A história da moda*, também inédito, é uma espécie de crítica às moças que usam mini saias e mini blusas e aos rapazes que usam brincos, cabelos longos, não fazem a barba. É uma visão de uma pessoa de 80 anos sobre a moda da juventude do século XXI.

Geralmente quem escreve cordel teve algum tipo de contato com os folhetos, fosse via escrita ou oral. No entanto, em um contato maior com a autora e com suas produções, foi possível perceber que ela de fato não teve contato com os folhetos, pelo menos via escrita, pois o seu modo de escrever é diferente. Seus textos baseiam-se, predominantemente, em fatos verídicos, acontecidos com ela ou com outras pessoas, diferente dos demais cordelistas estudados, ela quase não faz críticas sociais, denúncias, ou mesmo inventa seus textos, a maioria não é baseado na realidade. É a realidade.

D. Domingas relatou que suas composições, literárias e musicais, são provenientes de seu dom. Seja como for ela produziu, e, apesar de todos os seus problemas, deu-nos uma grande lição de vida; nunca ficava triste por muito tempo, se desvencilhava dos seus problemas tocando seu banjo e escrevendo seus textos.

Dona Domingas nos deixou há alguns anos, mas seu legado literário ficou e precisa ser reconhecido...

Este trabalho me deu a certeza de que o cordel está aqui, e precisa ser mais estudado, em todos os níveis da educação, como um elemento que faz parte da nossa cultura popular e literária.

## Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, São Paulo: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. 152p.

ANTUNES, Celso. *Geografia e participação: As regiões do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1988. Vol.02. 151p.

CARVALHO, Gilmar de. Cordão, cordel, coração. In: *Cult Revista brasileira de literatura*, São Paulo: Lemos Editora. Nº 54, p. 44-49, janeiro 2002.

CASTELFRANCHI, Yuriy. *Poeiras e esperanças na Transamazônica de hoje*. In: [www.comciencia.br/2004/reportagens/07](http://www.comciencia.br/2004/reportagens/07). acessado em 12/08/2005

CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2001. 269p.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 226p.

GUILEN, Isabel & CAVALCANTE, Helenilda. *Atravessando fronteiras: movimentos migratórios na história do Brasil*. Disponível em <http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061-a0090/a0086-02.shtml>. Acesso em 06/08/2005

PRIETO, Heloísa. *Quer ouvir uma história?: lendas e mitos do mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999. 126p.

SALLES, Vicente. *Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNART/ Instituto nacional do Folclore, 1985. 277p.

### **Sobre a autora:**

#### **Janete da Silva Borges**

Possui mestrado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2005). Atualmente é voluntária na Biblioteca Comunitária Itinerante Bombomler, atuando como contadora de histórias, mediadora de leitura e em formações; é professora de Língua Portuguesa - Secretaria de Estado de Educação do Pará; tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literaturas indígenas e Africanas, outras Literaturas Vernáculas, Literatura Infanto-juvenil e Literatura Oral, atuando principalmente com os seguintes temas: literatura, oralidade, leitor e escola.e formação de professores.

E-mail: [janeteborgesseduc@gmail.com](mailto:janeteborgesseduc@gmail.com)

Orcid : <https://orcid.org/0009-0006-1556-3756>

Recebido: 12/06/2024

Aprovado:28/07/2024



**Revista Sentidos da Cultura**  
**Universidade do Estado do Pará/ Centro de Ciências Sociais e Educação**  
Trav. Djalma Dutra, s/n, Bloco IV Telégrafo- Belém-PA.  
CEP: 66.113-010 Fone: (91) 4009-9561.  
Email: [sentidosdaculturarevista@gmail.com](mailto:sentidosdaculturarevista@gmail.com)  
<https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos>

**Editora da Universidade do Estado do Pará**  
Dom Pedro I, 519- Umarizal- CEP: 66.050-100- Belém-PA-Brasil Fone/Fax: (91) 3222-5624  
E-mail: [eduepa@gmail.com](mailto:eduepa@gmail.com)  
[www.uepa.br/eduepa](http://www.uepa.br/eduepa)